

Ano 2023/2024

**Pesquisa, Mapeamento e Histórico das Capelas
de Santa Cruz em Extrema**

Sumário

1. Introdução	2
2. Educação Patrimonial	11
3. Histórico da Tradição de Santa Cruz no Brasil	15
4. Tradição de Santa Cruz em Extrema, Minas Gerais	18
5. Mapa com as Capelas Identificadas	23
6. Históricos das Capelas de Extrema	24
7. Capelas excluídas e incluídas	191
8. Considerações Finais	195
9. Referências Bibliográficas	198
10. Fontes Orais	200
11. Fontes Documentais	207
12. Ficha Técnica	230

1. Introdução

*Caminheiro que passas pela estrada,
Seguindo pelo rumo do sertão,
Quando vires a cruz abandonada,
Deixa-a em paz dormir na solidão.*

*Que vale o ramo do alecrim cheiroso
Que lhe atiras nos braços ao passar?
Vais espantar o bando buliçoso
Das borboletas, que lá vão pousar.*

*É de um escravo humilde sepultura,
Foi-lhe a vida o velar de insônia atroz.
Deixa-o dormir no leito de verdura,
Que o Senhor dentre as selvas lhe compôs.*

*Não precisa de ti. O gaturamo
Geme, por ele, à tarde, no sertão.
E a juriti, do taquaral no ramo,
Povoa, soluçando, a solidão.*

*Dentre os braços da cruz, a parasita,
Num abraço de flores, se prendeu.
Chora orvalhos a grama, que palpita;
Lhe acende o vaga-lume o facho seu.*

*Quando, à noite, o silêncio habita as matas,
A sepultura fala a sós com Deus.
Prende-se a voz na boca das cascatas,
E as asas de ouro aos astros lá nos céus.*

*Caminheiro! do escravo desgraçado
O sono agora mesmo começou!
Não lhe toques no leito de noivado,
Há pouco a liberdade o desposou.*

A Cruz da Estrada, Castro Alves (1865)

Início a introdução deste trabalho com as palavras de Castro Alves, escritas em 1865, buscando inspiração ao tratar de uma tradição ainda pouco estudada no Brasil. As tradições de Santa Cruz, que fizeram parte de meu imaginário quando criança, assim como de muitas outras pessoas, podem ser encontradas em diversos lugares, mas observamos sua presença, especialmente, em beiras de estrada pelo país. Deste modo, é possível começar este trabalho afirmando que, mesmo não sendo uma tradição local ou regional, as práticas de homenagear os mortos em seu

local de falecimento são realizadas, com suas devidas particularidades, em todo o território nacional.

Os resultados aqui apresentados são fruto de uma extensa e complexa pesquisa realizada entre os dias 12 e 30 de setembro de 2023, no município de Extrema, em Minas Gerais. O trabalho, realizado *in loco*, teve como bases a etapa inicial de levantamento das capelas, feito entre os dias 19 e 23 de junho pela arquiteta Fabiane Cristine Fonseca, baseando-se nele para buscar “pessoas de referência” nas localidades identificadas. Utilizo o termo “pessoas de referência” para destacar que as conversas e entrevistas realizadas tiveram como base alguns itens, como tempo de convivência no local, conhecimento das tradições de Santa Cruz, relação com o bem em questão, entre outros aspectos, visando não apenas um resultado quantitativo mas, principalmente, qualitativo.

A escrita desta introdução mostra-se relevante para ampliar os conhecimentos acerca do escopo do trabalho, incluindo planejamentos, métricas e desafios enfrentados. O planejamento do campo, por exemplo, ocorreu por meio de documentos e mapas apresentados antes desta pesquisadora chegar ao local, e seu desenvolvimento se mostrou bastante diferente do cenário imaginado, especialmente pelas longas distâncias e dificuldades de localização das capelas identificadas no levantamento. Assim, logo foi percebido que, para cumprir o trabalho dentro do tempo estimado, seria necessário reformular o planejamento logístico diariamente, ao final de cada dia de campo.

Ao todo, foram percorridos mais de 1100 quilômetros de carro pela região rural de Extrema, tendo sido realizadas 74 conversas e entrevistas, das quais 49 receberam autorização de compartilhamento pelas fontes orais, durante 18 dias de campo¹. Para cada capela cuja pesquisa não fosse concluída na primeira visita, foi realizada, pelo menos, mais uma tentativa, preferencialmente no final de semana. Em alguns casos, por conta da aparente relevância do bem, foram realizadas até três tentativas em dias e horários diferentes.

¹ A pesquisadora chegou em Extrema dia 12 e retornou à Belo Horizonte dia 30, realizando campo entre os dias 13 e 29, exceto domingos.

As entrevistas foram realizadas seguindo um roteiro estruturado de acordo com as metodologias de História Oral, buscando objetividade de respostas e informações que atendessem às demandas apresentadas. No entanto, deve-se ressaltar que, em seus métodos, a História Oral prevê uma série de critérios para a realização da coleta de informações, tais como: ambiente adequado, registro de documentação atestando a autorização das gravações, agendamento prévio e etc. que, em função da natureza do trabalho, não puderam ser cumpridos.

A seguir, é apresentado o roteiro das entrevistas realizadas, visando a compreensão da natureza das informações coletadas:

Roteiro Entrevista – Capelas de Extrema

Data de realização: /09/23

Local:

1) Você autoriza a gravação de vídeo ou áudio dessa entrevista?

O áudio será utilizado para compor o acervo de pesquisa da Secretaria de Cultura, para que outras pessoas possam conhecer mais sobre a história das capelas.

2) Qual o seu nome completo?

3) Idade?

4) Contato:

5) Há quanto tempo vive no local?

6) Você sabe por que a capela foi construída?

7) Sabe dizer mais ou menos a data?

8) Essa capela é considerada uma capela de Santa Cruz? Por quê?

9) Quais são os usos da capela (festas, rezas, etc)?

10) Quem mantém a capela atualmente?

11) Existe alguma tradição relacionada à capela (missas, colocação de pedras, etc)?

12) Você, ou alguém que você conhece (familiares, amigos, vizinhos), tem alguma relação com a capela? Visita, participa de eventos e tradições?

13) Algum acontecimento relacionado à sua vida está relacionado à capela (falecimento de alguém querido, conhecer pessoas importantes, participar de eventos, etc)?

14) Você possui algum registro de algum momento na capela (fotografia, documento escrito, documento oficial, etc)? Conhece alguém que teve alguma vivência importante no local? Você conhece alguém que tenha alguma documentação relacionada à capela?

15) Qual a importância da capela para você?

16) De quais formas você acha que seria possível valorizar a capela? Como seria possível protegê-la?

17) Você tem conhecimento sobre a tradição das capelas de Santa Cruz? Considera que essa capela faz parte dessa tradição?

18) Qual a importância da capela para a comunidade? E para Extrema?

Para além das questões de sistematização, este trabalho obedeceu às propostas de usos da História Oral, como elencado pelo Ministério Público de Santa Catarina:

O documento produzido no âmbito da História Oral obedece a uma série de critérios técnicos, mas o conteúdo do depoimento jamais pode ser confundido como verdade definitiva. O que interessa num depoimento oral não é a precisão dos fatos ou a narrativa verídica dos eventos, mas a representação que o indivíduo fez desses eventos, a afetividade do indivíduo na sua relação com o entorno social, suas opiniões, suas impressões, suas vivências. Estas sim podem ser consideradas verdades. Pois justamente entende-se que ao contar sua história pessoal, o indivíduo possa estar contribuindo para contar a história de uma instituição, de uma comunidade, de uma época. Uma história dos sentires, das afetividades, das representações, das memórias. (MP-SC, 2010, p. 4)

Os afetos compuseram parte considerável deste trabalho, dentro da teoria Espinosa, filósofo do século XVI. Em sua proposta², os afetos vão além da afetividade, alcançando as configurações do verbo “afetar”. Assim, durante um trabalho de campo, tanto afetamos o ambiente em que agimos – a partir de visitas, pesquisas, pedidos de informação, coleta de documentos e outros – quanto também somos afetados/os pelo trabalho, especialmente se utilizarmos da noção de escuta sensível, presente na pesquisa-ação³. Finalmente, sobre as metodologias utilizadas em campo, destaca-se, também, a amostragem em “bola de neve”⁴, onde utiliza-se de indicações fornecidas pelas pessoas entrevistadas para alcançar outras possíveis referências orais.

O tempo de cada entrevista variou consideravelmente, haja vista que, muitas vezes, as pessoas se encontravam em momentos de trabalho ou mesmo de lazer. Assim, há entrevistas com duração de quase sessenta minutos e, outras, que não

² Para mais informações sobre a teoria espinosana, ver o artigo “Espinosa – Origem e Natureza dos Afetos”, disponível em: <https://razaoinadequada.com/2014/07/15/espinosa-origem-e-natureza-dos-afetos/>. Acesso em: 13 de. 2023

³ Ver: THIOLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez Editora, 1986. 108 p.

⁴ Ver: VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 13 dez. 2023.

ultrapassaram dez minutos. Aqui, é importante destacar que a disponibilidade dos entrevistados se relacionou a aspectos imateriais da pesquisa, como: desconfiança de pessoas estranhas, situações de vulnerabilidade (pessoas muito idosas que moravam só, por exemplo), estranhamento do sotaque diferente, desconhecimento sobre a realização da pesquisa, entre outros fatores. Um dado que comprova a indisponibilidade por tais fatores é a recusa de diversas pessoas entrevistadas em fornecer sobrenomes e/ou telefones de contato, por exemplo, mesmo após a explicação de se tratar de um trabalho realizado para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Desse modo, será observada ao longo do trabalho uma inconsistência em relação à citação de pessoas entrevistadas, algumas mencionadas por seu nome completo e outras, apenas pelo primeiro nome.

De forma sucinta, é possível apontar que os principais desafios do trabalho de campo foram: planejamento logístico e deslocamentos, tendo em vista o tamanho da área de pesquisa mais seu escopo *versus* o tempo e recursos para realizar o trabalho; coleta de informações completas de identificação e contato; realização de entrevistas em locais ou situações que comprometeram a qualidade do material a ser entregue (vias públicas e outros locais com grande volume de som); e, finalmente, acesso às capelas, posto que ocorreu, diversas vezes, da pessoa responsável não estar com a chave, no caso de bens públicos, ou não dar acesso, no caso de edificações privadas.

Para além da complexidade apresentada por seu escopo, ao longo do campo outro desafio foi identificado, ao identificar a existência de outras capelas não mapeadas pelo inventário. Tendo em vista que o objetivo *deste* trabalho foi o levantamento de informações sobre as capelas identificadas, e não o mapeamento de mais edificações, a pesquisa seguiu seu curso, incluindo apenas mais 4 edificações na listagem, que serão apresentadas após os históricos, no item E.

Com o fechamento da pesquisa de campo com base na História Oral, foi realizada, ainda, uma pesquisa no acervo do Arquivo Arquidiocesano “Dom Octávio Chagas de Miranda”, da Arquidiocese de Pouso Alegre, responsável pelas paróquias de Extrema. No local foi possível encontrar a planta da capela de São Brás (59), breves históricos do município e suas paróquias, além de extensa documentação

tratando da disputa entre Bragança Paulista e Extrema a respeito de uma paróquia, cujo limite territorial era demarcado por uma capela de Santa Cruz.

Com a finalização do período de campo, foi iniciada a análise do extenso material a fim de compor o trabalho aqui apresentado. Seguindo as determinações estabelecidas em contrato, esta entrega apresenta:

- 1) um histórico sobre a tradição da ereção das santas cruzes;
- 2) um mapa contendo a localização de cada capela localizada no Município de Extrema em 2023 [já entregue anteriormente];
- 3) informações sobre as capelas; e
- 4) cópia dos documentos obtidos durante as pesquisas realizadas junto aos moradores/proprietários locais.

Além das entregas estabelecidas, junto à versão final deste trabalho será enviado um link para download das entrevistas realizadas e cujas reproduções foram autorizadas.

Uma vez que este trabalho foi composto, majoritariamente, pelos relatos ofertados pelas fontes orais, esta pesquisadora optou, sempre que possível, por transcrever trechos das entrevistas, quando a reprodução destas foi autorizada pelos entrevistados. O objetivo do método é tanto possibilitar o protagonismo das pessoas conhecedoras da tradição quanto evitar interpretações que pudessem gerar dúvidas a respeito do que foi dito. As transcrições foram realizadas com correções pontuais de conjugação verbal e eventual supressão de relatos fora de contexto, dando foco ao tema da pesquisa solicitada. Também foram realizados eventuais complementos para melhor compreensão de frases. Todas as modificações realizadas nas transcrições estão demarcadas com os caracteres “[]”, conforme explicação a seguir:

- [...]: supressão de trecho fora de contexto;
- []: contém eventuais complementos de frases e/ou explicações sobre o assunto relatado pela pessoa entrevistada;

- [sic]: apresenta conteúdo fiel à entrevista, ainda que apresente erros gramaticais ou de conjugação verbal.

No caso das conversas em que a reprodução não foi autorizada pelas fontes orais, a opção foi relatar de forma indireta o que foi dito, buscando manter, o máximo possível, a legitimidade do relato.

Deve-se ressaltar, ainda, que durante o levantamento de informações, foi constatado que algumas capelas e bens atrelados já foram reconhecidas como bens materiais e imateriais do município, seja por meio de inventário ou processo de tombamento. As capelas de Nossa Senhora da Conceição Aparecida e Nossa Senhora da Imaculada Conceição, situadas em Salto do Meio e Godoy, respectivamente, passaram por processo de tombamento no ano de 2008 e são identificadas pelos códigos EAU 47 e EAU 48. Outras 14 capelas constam no inventário do município, a saber: Capela de São Sebastião (EAU 54), Salto de Cima; Capela de São Sebastião (EAU 64), Salto do Meio; **Capela de Santa Cruz (EAU 50), Forjos; Capela de Santa Cruz (EAU 56), Rodeio/Barreira**; Capela de Nossa Senhora da Conceição Aparecida (EAU 67 e EAU 84), Rodeio; Capela de São Pedro e São João (EAU 83), Roseiras; Capela de Nossa Senhora Aparecida (EAU 71), Juncal; Capela de São Benedito (EAU 77), Pinhal Grande/Juncal; Capela de São Brás (EAU 78), São Brás; Capela de Santo Antônio (EAU 76), Furnas; Capela de São Pedro (EAU 79), Jardim; Capela da Sagrada Família e São Nicolau (EAU 41), Matão; Capela de São Francisco (EAU 46 e EAU 75), Matão; e Capela de Santo Antônio dos Brittos (EAU 65), Pires.

Para além dos bens materiais, também foi identificado que algumas festividades religiosas ocorridas foram inventariadas como bens imateriais: Festa de Nossa Senhora Aparecida (BI 37), ocorrida no bem EAU 47, em Salto do Meio; Festa de São Sebastião (BI 38), ocorrida no bem EAU 64, em Salto do Meio; **Festa de Santa Cruz (BI 33), ocorrida no bem EAU 50, em Forjos; Festa da Santa Cruz (BI 41), ocorrida no bem EAU 56, no Rodeio/Barreira**; Festa de Nossa Senhora da Conceição Aparecida (BI 55), ocorrida no bem EAU 67/84, no Rodeio; Reza de São Pedro e São João (BI 53), ocorrida no bem EAU 83, em Roseiras; Festa de Nossa Senhora Aparecida (BI 43), ocorrida no bem EAU 71, em Juncal; Festa de São Benedito (BI 48), ocorrida no bem EAU 77, em Pinhal Grande/Juncal; Festa de São

Pedro (BI 52), ocorrida no bem EAU 79, em Jardim; Festa de São Brás (BI 47), ocorrida no bem EAU 79, em São Brás; Festa da Sagrada Família (BI 29), ocorrida no bem EAU 41, em Matão; e Festa de Nossa Senhora da Imaculada Conceição (BI 32), ocorrida no bem EAU 48, em Godoy.

Desta forma, o trabalho é composto por esta seção que apresenta o panorama geral da pesquisa, seus desafios e metodologias; e duas seções de análise histórica: a seção 2, que trata das ações de Educação Patrimonial ocorridas ao longo do trabalho; a seção 3 que aborda, a partir de referências bibliográficas, a tradição de Santa Cruz no Brasil; e a seção 4, que utiliza as observações em campo da pesquisadora e os relatos colhidos para construir uma visão geral da tradição em Extrema. Na seção 5, são apresentados os textos compostos para cada capela, ou justificativas que apresentem as razões pelas quais as informações não foram conseguidas. Por sua vez, na seção 6, são apresentadas as capelas que foram retiradas do trabalho e as que foram incluídas. A seção 7 fecha o trabalho, apontando sugestões e resultados. Por fim, as seções 8, 9 e 10 dedicam-se às considerações sobre a pesquisa, referências bibliográficas, fontes orais e fontes documentais, respectivamente.

Finalmente, este trabalho foi elaborado por Débora Viveiros, pesquisadora com 10 anos de atuação na área de patrimônio cultural, bacharel em História pela PUC Minas, especialista em História da Arte Sacra pela Faculdade Arquidiocesana Dom Luciano Mendes e, atualmente, mestranda em Educação pela FAE/UFMG. Com vasta atuação no território de Minas Gerais, a pesquisadora se vale dos conhecimentos de História Cultural e Social atrelada às noções de afeto, pesquisa e escuta sensível para compor trabalhos qualitativos que dialoguem com diversos públicos interessados em Patrimônios Culturais.

2. Educação Patrimonial

No escopo do trabalho, foi ressaltada a relevância em realizar ações de Educação Patrimonial juntamente à comunidade extremense, como forma de valorizar e difundir a tradição de Santa Cruz. Entendendo o conceito na perspectiva do IPHAN, é possível observar a abrangência do conceito:

Ao se adotar a expressão Educação Patrimonial, uma grande variedade de ações e projetos com concepções, métodos, práticas e objetivos pedagógicos distintos foi realizada por todo o país. Não obstante a extrema pertinência e a importância dos resultados alcançados por essas iniciativas, nem sempre se discerne uma orientação programática definida, subjacente a esse conjunto heterogêneo: ações pontuais e esporádicas de promoção e divulgação se acotovelam com propostas educativas continuadas, inseridas na dinâmica social das localidades; projetos e encontros, materiais de apoio, cadernos temáticos e publicações resultantes de oficinas se misturam a práticas significativas em que esses materiais não constituem um fim em si mesmo; ao contrário, compõem partes de processos educativos. (IPHAN, 2014, p. 19).

No caso específico do trabalho realizado sobre as tradições de Santa Cruz na região rural do município de Extrema, foi realizada uma articulação entre difusão dos bens culturais por meio de trocas de informações entre pessoas da comunidade e salvaguardas, estas relacionadas especificamente à coleta de depoimentos de pessoas de referência. É possível observar, por meio da metodologia aplicada ao trabalho, que este, em sua essência, já poderia ser considerado um trabalho de Educação Patrimonial, uma vez que esteve voltado à memória coletiva das tradições de Santa Cruz no município. A escuta ativa realizada em campo, atrelada à evocação de “memórias subterrâneas”⁵ dos moradores das regiões possibilitou a

⁵ “Cabe aqui o conceito de “memórias subterrâneas”, como entendido por Michael Pollak. A memória subterrânea é aquela que não faz parte da narrativa hegemônica promovida pelo Estado ou por grupos sociais dominantes. Ela é a lembrança que pertence a grupos minoritários e é mantida por eles em seus meios domésticos ou comunitários.” FELIPPE, Mariana Boujikian. Genocídios e memórias subterrâneas: as reivindicações de descendentes de sobreviventes. ANPOCS: 2020, p. 6. Disponível em: <https://www.anpocs2020.sinteseeventos.com.br/atividade/hub/gt>. Acesso em: 10 abr. 2024.

compilação de informações a respeito de diversas edificações que, se atualmente não possuem uso, foram de crucial importância para a convivência social das comunidades que as rodeiam.

Visto por outro prisma, o trabalho realizado buscou difundir informações sobre as tradições de Santa Cruz entre as comunidades, incluindo aspectos relativos às suas origens, história e formas de expressão. Assim, fosse uma cruz na beira da estrada ou uma capela devotada à Santa Cruz, um dos objetivos foi compreender a atual relevância das tradições e bens relacionados para os atuais moradores e, ao mesmo tempo, evocar as relevâncias de seus usos e práticas em um passado distante ou próximo.

Entendendo que o trabalho com a memória, individual e/ou coletiva, promove não somente um reavivar de sentimentos, imagens e sensações, mas também de tradições, saberes e expressões, é possível inferir que a atuação em campo ao longo do mês de setembro lançou, ainda que de modo pontual, as bases para ações de Educação Patrimonial constantes, pautadas no material colhido.

De modo esquemático, pode-se afirmar que as atividades de Educação Patrimonial ao longo do mês de setembro ocorreram em diversos âmbitos, visando a valorização dos bens culturais em questão:

- 1) Por meio do contato com a comunidade, identificando pessoas de referência indicadas pelos próprios moradores como detentoras de saber;
- 2) Durante as entrevistas, momento em que ocorria o processo de ativação de memória das pessoas de referência;
- 3) Entre as entrevistas e deslocamentos, informando pessoas que desconheciam a tradição sobre suas formas de ocorrência, história e origem;
- 4) Em visitas a locais próximos às capelas, divulgando a pesquisa realizada, incluindo suas motivações e resultados esperados;

Assim, é possível observar que as atividades de Educação Patrimonial foram iniciadas com o estabelecimento de um diálogo próximo com a comunidade local. Esse contato permitiu a identificação de indivíduos reconhecidos pelos próprios

moradores como guardiões do conhecimento tradicional. As pessoas de referência foram essenciais para transmitir informações valiosas sobre os bens culturais em questão, proporcionando uma compreensão mais profunda de sua importância e significado para a comunidade.

As atividades incluíram uma série de entrevistas realizadas com as pessoas de referência identificadas pela comunidade. Nessas entrevistas, ocorreu um processo de ativação da memória, onde os entrevistados foram incentivados a compartilhar suas experiências e conhecimentos sobre os bens culturais em foco. Esses relatos contribuíram para a preservação oral da história local e forneceram insights preciosos sobre a importância desses bens para a identidade da comunidade.

Além das entrevistas, as atividades de Educação Patrimonial envolveram o engajamento com indivíduos que desconheciam a tradição local. Durante esses momentos, informações sobre a ocorrência, história e origem dos bens culturais foram compartilhadas de forma acessível, buscando alcançar o maior número possível de pessoas.

Por fim, as atividades de Educação Patrimonial incluíram visitas a locais próximos às capelas, onde a pesquisa realizada foi divulgada à comunidade. Durante essas visitas, foram compartilhadas as motivações por trás da pesquisa e os resultados esperados, destacando a importância da preservação do patrimônio cultural para as gerações futuras. Essa divulgação ativa fortaleceu o vínculo entre a pesquisa acadêmica e a comunidade local, incentivando o engajamento contínuo na valorização e proteção dos bens culturais identificados.

O trabalho realizado evidenciou a diversidade de iniciativas existentes no campo da Educação Patrimonial, desde ações pontuais até projetos educativos continuados, todos voltados para a promoção e divulgação do patrimônio cultural. A articulação entre a difusão das tradições de Santa Cruz e a coleta de depoimentos das pessoas de referência revelou-se uma estratégia eficaz para resgatar e preservar a memória coletiva da comunidade. Além disso, a conscientização sobre a importância das tradições locais foi ampliada através da disseminação de informações sobre suas origens, história e formas de expressão. Ao compreender o

valor desses bens culturais para as gerações atuais e futuras, os moradores foram incentivados a se envolver ativamente na sua preservação.

É fundamental, assim, reconhecer que o trabalho realizado ao longo do mês de setembro lançou as bases para a continuidade das ações de Educação Patrimonial na região. A compilação de informações e a interação com a comunidade forneceram um possível ponto de partida para futuros projetos e iniciativas, pautados no material colhido e no compromisso com a valorização e proteção do patrimônio cultural local.

3. Histórico da Tradição de Santa Cruz no Brasil

A tradição de Santa Cruz pode ser encontrada em diversas partes do território nacional, com especificidades regionais sobre suas práticas e expressões tanto materiais quanto imateriais. Compõem, de muitas formas, o que se entende como “catolicismo popular”, termo guarda-chuva que abrange

um sistema religioso comunitário, [onde] mulheres e homens rurais comungam dos mesmos valores morais sobre honra e solidariedade. Com isso, é possível pensar que as situações que envolvem celebrações coletivas são vividas como um momento de quase festa. Quase festa porque também as mulheres e homens rurais chamam atenção para as celebrações voltadas para a morte, envolvendo dor, saudade e respeito dos vivos em relação aos mortos, ainda que se coma e beba ao redor de um morto. (OLIVEIRA, 2014, p. 32-33).

Este “sistema religioso comunitário” explica as razões pelas quais as tradições de Santa Cruz estão incluídas. Compostas por materialidades – cruces, flores coloridas, pequenos altares, retratos dos falecidos, entre outros – e imaterialidades – fazer o “sinal da cruz”, prestar homenagens no local, realizar orações e festas – que se retroalimentam, têm como base o respeito à morte simbólica de Jesus (sinalizada pela cruz, significando seu sacrifício na Terra) e o temor à morte do corpo físico, criando, desta forma, práticas de sociabilidade que se aproximam daquelas efetuadas em locais de sepultamento (silêncio, vozes e cabeças baixas, etc) (GUEIROS, 2022, p. 19). Todavia, na contramão do temor e do respeito à morte, há também o festejo para a Santa Cruz, como forma de reconhecimento do sacrifício do filho de Deus e de promover o descanso das almas perdidas.

No caso das tradições de Santa Cruz, é importante ressaltar que, ao contrário de cemitérios e outros espaços reservados à morte, a cruz é levantada para sinalizar o local de falecimento, o momento em que o falecido foi encontrado e um caixão que foi pousado ou, até mesmo, caiu no chão, por exemplo.

A morte fora do lugar de moradia é entendida como algo perigoso, pois é um acontecimento fora de ordem, ou melhor, fora da ordem natural das coisas. É um momento de muita tensão tanto para o morto que está exposto à perdição, como para os vivos que não puderam realizar os ritos para a proteção da casa. [...]

Dessa forma, considero que as cruzes das estradas têm sua eficácia ritual ligada ao espaço e contemplam a dupla finalidade de abreviar o tempo dos mortos no Purgatório e de proteger os vivos das almas em penitência. Perto das cruzes que demarcam a morte de alguém, também os mortos podem ser vistos. Cruzes nas estradas podem ser o indicativo da morte “de um parente ‘finado’ ali em um acidente, ou ainda, podem assinalar o lugar onde alguma alma de morto desconhecido apareceu” (BRANDÃO apud OLIVEIRA, 2014: 40-41).

As práticas simbólicas de respeito às Santas Cruzes na beira das estradas vão além das linguagens verbais e não verbais, podendo abranger a colocação de imagens em local próximo (ou, se for o caso, dentro da capela), além de colocação de pedras, fitas, entre outros *mementos*. Os objetos servem tanto para pedidos e promessas quanto para agradecimentos por graças alcançadas, orações em nome de algum falecido ou demonstrações de respeito à pessoa falecida.

Os principais estudos encontrados sobre a temática abrangem locais da região nordeste do Brasil, incluindo Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, por exemplo. Em Minas Gerais, apesar de ser uma prática comum, não foram encontrados registros de pesquisas acadêmicas concluídas a respeito, sinalizando um profícuo campo de estudo dentro e fora das universidades e com muitos elementos positivos para as comunidades. Este aspecto é ressaltado pois, durante a realização do trabalho, foi percebida a vontade de gerações mais antigas de terem esses registros de momentos vivenciados em seus cotidianos.

Assim, tal campo de estudos não seria profuso apenas para possíveis pesquisadoras/es, mas também para as comunidades, que teriam suas tradições relativas à morte difundidas e renovadas por meio das memórias compartilhadas.

A ideia de se construir monumentos para lembrar seus mortos, por sua vez, é tão antiga quanto os próprios ritos de sepultamento. As próprias pirâmides do Egito são grandes monumentos fúnebres. [...] Durante um grande período de tempo da história da humanidade, os monumentos foram utilizados para lembrar a morte ou os grandes feitos de grandes homens, raramente sendo utilizados para manter viva a memória de homens comuns. [...]

As cruzes de beira de estrada, logicamente não são monumentos clássicos, como aqueles situados nas praças e parques das cidades, ou até mesmo as lápides e mausoléus mencionados anteriormente. Mas elas contemplam as principais definições de monumento que foram propostas por Françoise Choay (2006), no livro Alegoria do patrimônio, uma vez que ela tem visibilidade pública (maior até do que muitos monumentos), o seu significado cultural é claro para a maioria dos expectadores e ela tem a função de lembrar algo. Não custa ressaltar que o desejo de memória (Halbwachs, 2003, Norá, 1993; Pollack, 1998) é o principal mote para a construção de monumentos. (VILELA; OLIVEIRA, 2021, p. 4-5).

Mesmo nos trabalhos aqui utilizados como referencial teórico, não foram encontradas referências a festividades envolvendo a tradição de Santa Cruz, com enfoques específicos nos simbolismos e práticas de levantamento de cruzes na beira de estradas. Desse modo, é possível inferir que, em Minas Gerais, as práticas da tradição de Santa Cruz ganharam outros contornos e, com o passar do tempo incluíram elementos culturais que não faziam parte, originalmente, da manifestação, como seria o caso das festividades religiosas e a presença de manifestações derivadas do congado mineiro.

4. Tradição de Santa Cruz em Extrema, Minas Gerais

No município de Extrema, a forte presença da religiosidade católica pode ser observada pela quantidade de capelas erigidas em seu território, compondo um volume material inegável. No tocante às tradições de Santa Cruz, sua presença é constantemente lembrada àqueles que deslocam de um ponto a outro na região rural do município, por meio de pequenas ou grandes cruzes e capelas que se enunciam em meio à paisagem.

Os vestígios da tradição foram encontrados não somente nos locais visitados ou nas entrevistas realizadas, como também em documentos acessados no Arquivo Arquidiocesano de Pouso Alegre. Há uma extensa documentação sobre a contenda em relação à qual paróquia pertenceria uma capela de Santa Cruz situada na divisa entre os Estados de Minas Gerais e São Paulo, próxima ao povoado da Vargem. A disputa, iniciada em meados da década de 1920, se arrastou por muitos anos, com os lados apresentando contrapontos e justificando, por sua vez, as razões que levariam a capela e, conseqüentemente, a comunidade religiosa a pertencerem a esta ou aquela paróquia.

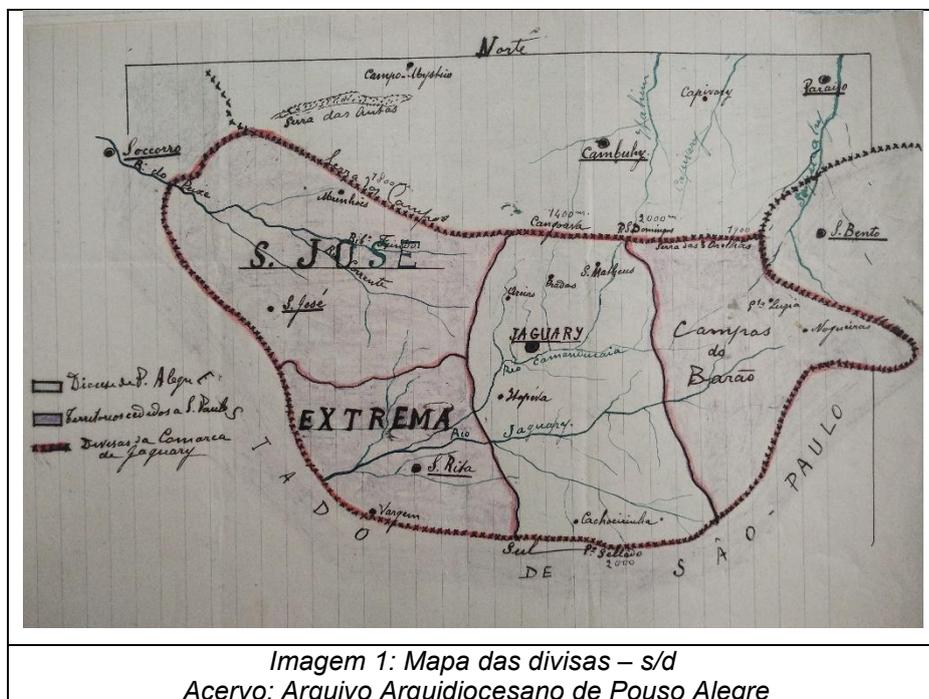


Imagem 1: Mapa das divisas – s/d
Acervo: Arquivo Arquidiocesano de Pouso Alegre

Em documentação encontrada no Arquivo supracitado, estima-se que, em 1927, a capela tivesse 50 anos de existência, o que dialoga com algumas das datas estimadas pelas/os entrevistadas/os. No escopo de 91 capelas, foi entendido que, ainda que muitas tenham sido substituídas por edificações mais recentes, suas histórias atravessam muitas décadas e até mesmo séculos, como é o caso da Capela de Santa Cruz dos Inocentes (79).

O costume de construir monumentos e artefatos fúnebres nas margens das rodovias e estradas das cidades brasileiras remonta a uma tradição e modo popular de sepultar seus mortos aqui no Brasil, proveniente dos lugares mais afastados, onde era difícil o acesso de religiosos e igrejas, [...] tornando-se, então, uma prática comum e igualmente usada para representar uma perda repentina e dolorosa de alguém, sem no entanto, significar que o corpo morto esteja de fato ali sepultado. O lugar passa a ter contornos de uma sacralidade, de uma visualidade, pelo que representou aquela perda, e também por todo um arcabouço religioso que está vinculado a um determinado grupo social, que partilha crenças e costumes. (RETONDAR, 2017, p. 95).

Os relatos sobre as relações estabelecidas com a tradição, em meio à variação de linguagens e modos de expressão, retornam sempre à temática das festas da Santa Cruz. Como informado no item B, o aspecto festivo da tradição não é comumente abordado em pesquisas, evocando a singularidade da tradição em Extrema. Ao longo do trabalho de campo, diversas/os entrevistadas/os rememoraram as festas, ornamentações, participantes, comidas típicas e outros detalhes que compõem um cenário riquíssimo das homenagens à Santa Cruz, como pode ser observado a seguir no relato da senhora Terezinha, entrevistada para a capela de São Sebastião (18), em Posses:

A gente sempre participou [das tradições de Santa Cruz]. Hoje, tá escasso [...] mas antigamente, quando a gente era criança, a gente já cresceu nesse ritmo, né? Porque os nossos pais sempre participavam e até hoje participa, né? [...] Aqui no Alto da Divisa, dali pra lá é São Paulo, de cá, Minas. Ali tem uma cruzinha bem... E pra lá um pouquinho, tinha uma capelinha. E todo ano no dia de Santa Cruz tinha a festa de Santa Cruz... E Santa Cruz nunca ficava abandonado [sic]. Hoje tá abandonado, mas nunca ficou. E toda a vida, de criança, a gente... “Ah! É a festa de Santa Cruz!”, a gente já tinha que vestir a melhorzinha roupinha que tinha pra ir [...] e já ia pra capela. E aí tinha lá... A turma fazia vinho quente. Tinha um senhorzinho, que hoje já faz muito tempo que ele faleceu, e ele fazia doce de cidra, punha na lata e levava pra vender nas festinhas de Santa Cruz. É o que ele fazia o dinheirinho, né? Doce de cidra, doce de abóbora, doce de batata e punhava [sic] todas aquelas latas nas costas e chegava e ficava lá. Aí a criançada ficava tudo empolgada, porque tinha vinho quente, que fazia que era de tradição, né? Vinho quente, quentão... Então os festeiros faziam e dava pra comunidade que participava. E as crianças não bebia, tinha que comer doce, né? [risos] Aí lá tinha os docinhos, era bom demais! Mas aí foi indo, foi indo... Ali. Lá tem duas Santa Cruz, uma no alto da divisa e foi posto, se não me engano, disseram que foi na Revolução de Trinta e Dois. Que daí teve o debate e morreu gente e deixaram uma cruzinha ali. Bem na divisa. E tem até hoje lá a cruzinha, só a cruzinha abandonada lá. Então quando tinha festa, a procissão da outra capelinha vinha dali e dali voltava pra capelinha.

No trecho supracitado, é possível perceber as diversas nuances alcançadas pela tradição de Santa Cruz há cerca de sessenta anos. O envolvimento atravessava os limites religiosos, expandindo-se também para questões que permeavam o comércio local, espaços de sociabilidade e lazer, dentre outros fatores. Como mencionado pela entrevistada, com a diminuição das festas e rezas ocorridas no dia 3 de maio, muitos aspectos vivenciados pelas gerações que tiveram sua infância há mais de meio século deixaram de ser experienciados pelos mais jovens.

Já a entrevistada Zilda, moradora do bairro Rodeio há 45 anos e zeladora da capela de Nossa Senhora da Conceição Aparecida (34), no mesmo bairro, relata que

Então, Santa Cruz, a minha sogra, ela tinha, assim, a tradição de todo três de maio, que é dia de Santa Cruz, rezar o terço na Santa Cruz, né? Até saía... Juntava a equipe dela, a turma e saía a rezar. Às vezes ia pra capela grande, às vezes pras Santa Cruz que tinha no meio do pasto, né?

Neste outro relato, é possível perceber as transformações sociais ocorridas nas práticas religiosas, impactando a tradição de Santa Cruz. No momento relatado pela senhora Zilda, a ação de ir até às Santas Cruzes possuía tanto a função religiosa de oração pela alma dos falecidos quanto social, ao reunir um grupo de pessoas interessadas na mesma atividade.

Outro tema importante, constantemente abordado pelos entrevistados, é sobre a responsabilidade e manutenção das capelas. No caso de templos religiosos em propriedades particulares, a atribuição dos cuidados ao dono ou dona é uma linha de raciocínio bastante natural. Porém, quando se trata de capelas em beiras de estrada ou em locais públicos, mas que não são de responsabilidade do poder público, o contexto muda de configuração. É comum que alguém cuja história familiar está atrelada à Santa Cruz se torne responsável pelo bem ou, como também foi observado, por devoção e afeto. No entanto, na fala dos entrevistados, a mobilização comunitária aparece como uma necessidade, mesmo que “tenha acabado tudo”.

Sobre a relevância coletiva e responsabilidade pelas capelas, o relato da senhora Maria Alice, entrevistada sobre as capelas 28, 29, 30 e 87, evidencia a necessidade do entendimento das comunidades sobre os bens:

Ah, eu acho que quem é devoto e respeita, tem que cuidar né? Eu falei outro dia pra minha menina: “Ah, eu, se eu pudesse, porque agora ficou longe e eu não aguento andar muito, [mas] eu, se eu pudesse, eu ia lá [nas capelas de Santa Cruz situadas na estrada de Forjos]. [...] Eu tenho vontade sim, mas a gente não pode entrar no que é dos outros, né? Então tem que reunir o povo, né?”

Para além das festividades e da atribuição de responsabilidade sobre a manutenção dos bens, outro aspecto evocado pelos entrevistados foi a criação de práticas religiosas relacionadas aos “lugares de memória”. Desde visitas recorrentes, limpezas, reorganização do espaço, ornamentação com as tradicionais flores coloridas de papel, entre tantos outros exemplos trazem à tona as relações estabelecidas entre as pessoas e as Santas Cruzes. A senhora Maria Alice, entrevistada sobre as capelas 28, 29, 30 e 87, compartilhou uma tradição familiar relacionada à Santa Cruz, por exemplo:

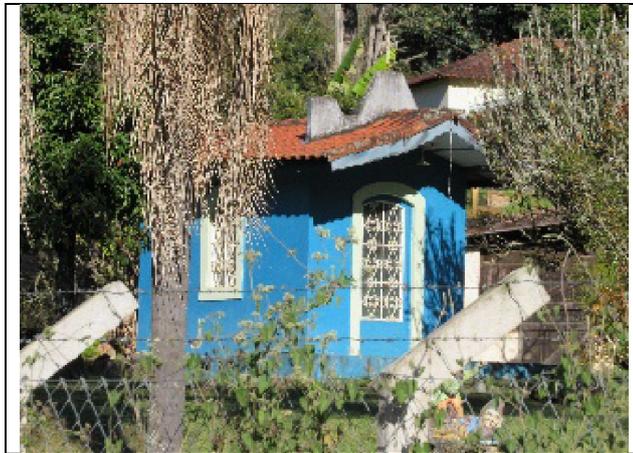
Agora mesmo, nesses dias de sol quente, falei pras crianças: “Ó, tá na hora de ir lá molhar o pezinho da Santa Cruz!” [risos]. As crenças da gente, né? [risos] As crenças é muito forte. Aí meus meninos estão assim: “Então, então vamos! Vamos levar o baldinho de água, pega aqui na gruta e leva!”. [risos] Cada um tem a sua crença. [...] Mas isso aí já é a gente que faz.

De modo geral, foi observado que as práticas festivas das Santas Cruzes não diferem, em formato, de outras festividades da tradição católica, especialmente aquelas relacionadas às festas de padroeiro. A maior singularidade encontrada seja, talvez, a associação entre a tradição de Santa Cruz e os dançadores de São Gonçalo. De acordo com as/os entrevistadas/os, seriam uma manifestação cultural similar às Folias de Reis, contando com chamadas e respostas, “puxadores de reza” e danças em homenagem ao padroeiro.

6. Históricos das Capelas de Extrema

A seguir são apresentados os resultados da pesquisa realizada a partir do levantamento inicial. Foram marcadas em vermelho as capelas sobre as quais não foram conseguidas informações e, em itálico, as identificadas como relacionadas, direta ou indiretamente, à tradição de Santa Cruz.

01. Capela de atribuição desconhecida, Salto de Cima



*Imagem 2: Capela de atribuição não identificada
Local: Salto de Cima*

Situada em Salto de Cima, dentro de propriedade privada, foram realizadas duas tentativas de contato no local, uma no dia 22/09/23 e outra no dia 25/09/2023, sem sucesso. A propriedade encontrava-se completamente fechada e sem vizinhos que pudessem informar sobre possibilidade de contato com os proprietários.

02. Capela de Nossa Senhora Aparecida, Salto de Cima



*Imagem 3: Capela de Nossa Senhora Aparecida
Local: Salto de Cima*

Em visita realizada no dia 22/09/2023, o senhor João, proprietário do terreno, informou que a capela de Nossa Senhora Aparecida foi construída há dois anos. Relatou que o templo foi construído por ele mesmo para realizar o desejo da mãe de ter uma capela devotada a Nossa Senhora Aparecida e que, sendo morador da propriedade por toda a vida, nunca houve ali nenhuma relação com as tradições de Santa Cruz. O proprietário não forneceu telefone de contato, nem autorizou gravação de entrevista.

03. Capela de São Sebastião, Salto de Cima



*Imagem 4: Capela de São Sebastião
Local: Salto de Cima*

Ao analisarmos o panorama geral do trabalho, é possível observar que a história da capela de São Sebastião é similar à de outros templos católicos situados em propriedades privadas na região rural de Extrema. A partir do depoimento da

senhora Maria Aparecida Miloli⁶, com aproximadamente 70 anos de idade, foi possível obter informações sobre a história da capela, incluindo sua devoção, motivo da construção e alguns usos passados e atuais.

Moradora da região desde que se casou, a entrevistada relatou que a capela foi construída pela sogra, a senhora Egídia Pedroza, em função de promessa feita a São Sebastião, que em sua história foi um soldado romano, para que os filhos homens não precisassem servir o exército. Tendo a graça alcançada, efetuou o pagamento da promessa, erigindo a capela próxima à estrada. Quando indagada sobre a origem do templo estar relacionada às tradições de Santa Cruz, a senhora Maria Aparecida refutou a ideia, afirmando que sempre foi uma capela devotada a São Sebastião. Não foi possível mensurar há quanto tempo a capela foi erigida, uma vez que a entrevistada, pessoa muito simples, não tinha como precisar esta informação.

A senhora Maria Aparecida também informou que os usos da capela se resumem a terços e rezas feitos sem periodicidade de tempo. Sendo assim, o templo religioso passa a maior parte do tempo fechado, sendo aberto para eventuais manutenção e limpeza, atividades realizadas pela própria entrevistada. No passado, foi relatada a celebração de missas no local, mas sem relação com festividades relacionadas à data do padroeiro, dia 20 de janeiro. Atualmente, apenas a senhora Maria Aparecida faz uso da capela para terços rezados diariamente, afirmando que a capela possui uma importância pela proximidade, tornando mais fácil realizar as orações.

⁶ A entrevistada, analfabeta, não soube confirmar se a grafia do sobrenome seria Miloli, ou Meloni, sobrenome de moradores próximos ao sítio. Esta pesquisadora, então, optou por manter a forma confirmada pela entrevistada.

04. Capela de São Sebastião, Salto de Cima



*Imagem 5: Capela de São Sebastião
Local: Salto de Cima*

Pouco se sabe sobre a origem da Capela de São Sebastião, inventariada em 2009 (EAU 54), localizada em Salto de Cima. Em referências bibliográficas, é afirmado que sua construção ocorreu em função de devoção de um morador da região chamado Servindo, há cerca de cinquenta anos (CUNHA, 2021, p. 114). A atual responsável pela manutenção da capela, senhora Olga de Oliveira Lima, complementou as informações, recordando que a capela não possuía a mesma estrutura dos dias de hoje.

Quando eu tava aqui já tinha uma capela. [...] Ela modificou muito, né? Reformou todinha. Ela era completamente diferente, não tinha cobertura, não tinha o pátio dela... Era uma capela meio no campo mesmo, sabe? [...] Não tinha [a torre] também, era só a capelinha mesmo. Tinha uma cruz de ferro bem no [incompreensível] da igreja assim.

A entrevistada relatou, ainda, que as reformas estruturais do templo foram realizadas há cerca de trinta e cinco anos e que outras melhorias aconteceram ao longo dos anos, tais como a construção da cozinha e o pátio coberto.

Na ficha de inventário EAU 54, o histórico apresenta informações sobre a data de construções e transformações ocorridas ao longo do tempo:

A Capela de São Sebastião foi construída no ano de 1932, aproximadamente. A Sra. Egídia Maria Pedroso, de 92 anos, informou que sua mãe construiu a capela como promessa a São Sebastião que protege seus filhos durante a guerra. Desde então a capela vem sendo utilizada pela comunidade do bairro de Salto de Cima para celebrações e festas religiosas como a de São Sebastião que se realiza na última semana de janeiro. Em 1997, devido ao péssimo estado de conservação, o Sr. Benedito Sapateiro reformou a capela, que manteve suas características originais até o ano de 2008. Em 2008, devido às festividades que se realizavam na capela e a vontade da comunidade em transformar a imagem da capela como a de Nossa Senhora Conceição Aparecida, foi construída a torre, os banheiros na parte posterior e os anexos da parte da frontal. (IPAC, 2023)

Moradora da região há quarenta e oito anos, tendo mudado para Salto de Cima aos 16 anos de idade, dona Olga relata que, no tocante aos usos da capela, estes permaneceram os mesmos, sofrendo alterações pontuais na frequência ou no período de ocorrência. As missas, por exemplo, ocorriam uma vez a cada três meses, até cerca de dez anos, quando foi definido, junto a paróquia, que a capela receberia uma missa a cada dois meses. Após 2015, dona Olga relata que a frequência das celebrações aumentou, passando a ocorrer mensalmente e, atualmente, a cada quinze dias. Hoje em dia, além das celebrações, também ocorrem na capela as seguintes atividades: terços, uma vez por semana; catequeses aos finais de semana; realização de círculos bíblicos; encontros da família no mês de agosto; visita dos missionários; participação da Via Sacra; e, anualmente, a festa de São Sebastião, com ocorrência na semana do dia 20 de janeiro. Ainda em relação aos usos da capela, dona Olga destaca a realização de casamentos de pessoas da própria comunidade, batizados e outros momentos especiais.

Em 2023, na última edição da festa, os componentes de destaque da tradição foram: realização de cavalgada, bingo, leilão de gado, procissão com andor ornamentado e quermesse. No primeiro dia da festa, a procissão com os andores sai

da porta da capela, indo até um ponto da estrada e retornando. A entrevistada relatou que este trajeto é realizado desde sua mudança para a comunidade, e que há participação de muita gente, seja no acompanhamento da procissão, seja na doação de ornamentos para os andores. Em seguida, acontece a missa e as demais atividades. A quermesse ocorre tanto no primeiro quanto no segundo (e último) dia da festa de São Sebastião.

A comunidade sempre foi parte das decisões relacionadas à capela, de acordo com a entrevistada. Desde a decisão sobre as reformas e maneiras de angariar fundos, passando pela realização da festa em honra ao padroeiro até a organização dos usos e atividades, foram e ainda são temas discutidos de forma coletiva. Mesmo com eventuais desavenças, dona Olga destaca que é o envolvimento da comunidade que contribui para a manutenção da capela de São Sebastião e para a renovação de sua relevância social, cultural e religiosa na localidade. Pessoalmente, a entrevistada afirma que a relevância da capela também se dá pela conexão espiritual:

Ah, a gente tira um momento pra Deus, né? Pra gente tirar aquele momento... Se não tiver capela, a gente tira na casa né? E só que dentro de casa, diz que o santo da casa, não faz milagre... [risos] Então a gente... E outra: na casa, em casa você não tira seu momento pra fazer oração. Você tá perto do serviço, às vezes chega uma pessoa... E aquilo, você vai, você tira seu momento de oração na semana. Uma vez por semana a gente vai. Que a primeira sexta-feira do mês, toda sexta-feira do mês tem encontro na igreja, aí a gente vai também, né? Fazer uma hora de adoração ao Santíssimo. Mas a gente acha importante sim! É um momento de oração, né?

Finalmente, sobre as possíveis relações históricas entre a capela de São Sebastião e a tradição de Santa Cruz, o relato de dona Olga, moradora da localidade há quase meio século e fortemente atuante no meio religioso, indica que o templo sempre teve atribuição ao atual padroeiro, não possuindo origem ou relação com alguma tradição de Santa Cruz no local. A entrevistada relatou já ter

participado de celebrações e rezas de Santa Cruz em outras capelas em Salto do Meio, por exemplo, mas desconhece que a origem da capela de São Sebastião esteja, de algum modo, relacionada à tradição.

05. Capela de atribuição desconhecida, Salto de Cima



*Imagem 6: Capela de atribuição não identificada
Local: Salto de Cima*

Situada em Salto de Cima, a capela está localizada na propriedade do senhor Nelson, que não concedeu entrevista formalmente, uma vez que não conhece a história da capela. O proprietário informou que, por ser de “religião evangélica”, o combinado com o antigo dono do terreno foi que ele levasse as imagens, que não seriam mais utilizadas. Relatou, ainda, que a capela possuía uma cruz no alto do telhado, que foi removida por ter “a imagem daquele que chamam Jesus”, nas palavras do proprietário.

Desta forma, não soube informar qual seria a antiga devoção do templo religioso, nem informações como: data de construção, possíveis relações com as tradições de Santa Cruz, usos e atividades, entre outras. O senhor Nelson disse também que, após a aquisição da propriedade, sete anos atrás, a capela era utilizada para a realização de cultos evangélicos, mantendo, assim, os usos religiosos do espaço. Todavia, com a pandemia de COVID-19 e o isolamento social, as atividades pararam e não foram retomadas desde então.

06. Capela de Nossa Senhora Aparecida, Salto de Cima



Oriundos de Guarulhos, cidade localizada no estado de São Paulo, dona Hélia e o esposo adquiriram o terreno onde está situada a capela de Nossa Senhora Aparecida há cerca de trinta anos. Moradores da região por, aproximadamente, vinte anos, a entrevistada relatou que sempre existiu o desejo de construir uma capela devotada a Nossa Senhora Aparecida no terreno, um sonho concretizado quando se mudaram definitivamente para o local.

De pequenas dimensões, a capela conta com um altar composto por diferentes imagens, a senhora Hélia informou que todas foram adquiridas por ela, compondo um vasto acervo. Em relação aos usos do local, a entrevistada informou que o templo religioso é de uso privado e exclusivo dela e do esposo, não havendo rezas, terços ou outras atividades de caráter coletivo. Ainda na ocasião, a proprietária informou que não havia quaisquer vestígios das tradições de Santa Cruz no local, e que a decisão pela construção da capela ocorreu a partir de seu próprio desejo, como forma de homenagear a padroeira do Brasil.

Em relação aos conhecimentos sobre as tradições de Santa Cruz, a senhora Hélia contou uma experiência pessoal:

Ó, não [participei]. Eu já rezei, quando uma vez lá que meu sobrinho, [quer dizer] tio do meu marido morreu, eu fui. Foi justo no dia de Santa Cruz, né? Daí eu participei da missa.

Contudo, após concluir o relato, a entrevistada informou que o ocorrido se deu em Cumbica, São Paulo, afirmando não ter tido contato com as tradições dentro do território de Extrema.

7, 8 e 9. Capelas excluídas do trabalho por estarem localizadas no território de Camanducaia

10. Capela de São João e Santa Cruz, Salto de Cima



Imagem 9: Capela de São João e Santa Cruz
Local: Salto de Cima

Imagem 10: Capela de São João e Santa Cruz
Local: Salto de Cima



Imagem 11: interior da Capela de São João e Santa Cruz
Local: Salto de Cima



Imagem 12: detalhe porta da Capela de São João e Santa Cruz
Local: Salto de Cima

Localizada na propriedade da família do senhor Alvarino, a capela de São João pode ser avistada com facilidade da estrada, em terreno cercado por muro. De acordo com o relato do proprietário, conhecido popularmente como “João”, a origem da capela se entrelaça com as tradições de Santa Cruz devido às razões de sua construção.

Foi o falecido meu pai [quem construiu a capela]. Então, ele construiu isso aí, que morreu uma menina aqui na água aqui [indica o rio Jaguari] e morreu um senhor lá embaixo. Então, a promessa dele [referindo-se ao pai] de fazer uma capela, certo?

Contudo, ao ser indagado sobre possíveis relações com a tradição de Santa Cruz, o entrevistado descartou a possibilidade pelo fato de o pai ser muito devoto de

São João, reforçando que a capela foi construída em honra ao padroeiro da mesma forma que o nome escolhido para o sítio é uma homenagem a São João. Ainda assim, é possível indicar a capela como representante da tradição de Santa Cruz, uma vez que as motivações para sua construção se alinham com as práticas mortuárias do catolicismo popular no Brasil (ver seção B do trabalho).

O senhor Alvarino indicou que a construção da capela ocorreu há cerca de trinta anos e que não ocorreram modificações significativas na estrutura do templo desde então. Construída em pedra com reboco somente na parte interna, a capela possui duas colunas frontais com os dizeres “PROCUREI A PAZ” e “ENCONTREI JESUS”, além da oração a São João inscrita na porta. Ainda na porta, observa-se a confirmação da relação do templo com a tradição de Santa Cruz, com a indicação de se tratar de uma capela devotada a São João e a Santa Cruz, como pode ser observado nas fotos acima.

Com relação às modificações ocorridas, o entrevistado destacou que, há alguns anos, era realizada uma festa simples em homenagem ao padroeiro, com ocorrência em junho. No entanto, com o adoecimento e falecimento do pai, ocorrido recentemente, as festividades foram interrompidas sem previsão de retomada. O senhor Alvarino pontuou também que, durante a festa em honra a São João, participavam a família, amigos e vizinhos próximos, mas que para os terços não havia participação da comunidade, sendo de uso exclusivo da família.

Desde de sua construção, a manutenção da capela sempre esteve sob a responsabilidade da família do senhor Alvarino. Todavia, com o falecimento do senhor João, pai do entrevistado, no início de 2023, foram relatadas dificuldades emocionais e de tempo para dar continuidade na conservação da capela de São João e Santa Cruz, resultando em acúmulo de sujidade no entorno e interior do templo, bem como no fechamento do local onde ela está situada.

11. Capela de Nossa Senhora Aparecida, Salto de Cima



As informações sobre a capela de Nossa Senhora Aparecida, situada em Salto de Cima, foram obtidas por meio de entrevistas indiretas, ou seja, durante relatos sobre outras capelas, os entrevistados comentavam sobre o templo em questão. Um exemplo é o caso do senhor Alvarino, entrevistado sobre a capela de São João e Santa Cruz, em Salto de Cima, que compartilhou questões importantes sobre o templo devotado a Nossa Senhora Aparecida e as disputas simbólicas em torno da imagem da padroeira.

Então, o povo tem uma parte que tem religião e uma parte que não tem. Então eu passei na igreja lá, o cara do sítio não queria dar a igreja pro padre de Camanducaia, um pedacinho de terra. Daí o quê que aconteceu: montaram outra igreja aqui [referindo-se à capela de Nossa Senhora Aparecida, situada na Vila Nossa Senhora Aparecida, no território de Camanducaia], não sei se você foi lá [...]. É uma igreja azul, aqui no loteamento, é onde tá a Nossa Senhora ali. A igreja de lá passou pra cá. E a de lá, meteram o pé na porta, arrebentaram tudo. Tá lá, o santo tá lá dentro.

Morador da região por toda a vida, atualmente com 55 anos de idade, o senhor Alvarino relatou, ainda, ter frequentado missas e festividades na capela, celebradas pelo então pároco de Extrema, Adolfo Fabbri.

Outras informações foram concedidas pela filha do casal de caseiros da fazenda onde está localizada a capela de Nossa Senhora Aparecida, a senhora Elaine, atualmente com 30 anos de idade. Mesmo não tendo autorizado o compartilhamento do áudio da entrevista, ela se dispôs a fornecer informações sobre a história do templo religioso, uma vez que foi criada na casa próxima à capela.

O padre pediu, assim, só [a doação d] o local da igreja, né? Pra igreja de Extrema. Só que daí ele não autorizou, daí o padre falou assim 'ah, então não vou mais voltar aqui pra fazer a missa'. Diz que não tem como. Que é particular, aí diz que não tem como. Foi o pai dele [do atual proprietário] que falou que não podia.

Além disso, Elaine também informou que, após a contenda entre o pároco e o então proprietário do terreno, não houve mais atividades na capela. Sua mãe, caseira da fazenda, eventualmente realiza limpezas no templo com o auxílio de Elaine, mas de forma geral, a capela fica fechada e sem usos atuais.

Ninguém mais... Assim, às vezes as pessoas vão lá, eles querem, né? Não tem mais missa, daí o pessoal vai lá, se quiser, acender uma vela... Eles vão rezar [...] Mas não tem mais a comunidade, né?

Não foram encontradas informações sobre as origens da capela de Nossa Senhora Aparecida, uma vez que os relatos espontâneos focaram mais na disputa simbólica entre o proprietário e o padre Adolfo Fabbri. Desse modo, não é possível afirmar se a capela possui relações com as tradições de Santa Cruz ocorridas em Extrema. Ainda sobre a capela, não foram localizadas fontes documentais ou referências bibliográficas que pudessem contribuir para a construção deste histórico até o fechamento do trabalho.

12. Capela de São Pedro, Salto de Cima



*Imagem 15: Capela de São Pedro
Local: Salto de Cima*



*Imagem 16: Capela de São Pedro
Local: Salto de Cima*

A capela de São Pedro, situada em Salto de Cima, possui estreita relação com a família da senhora Sônia Cristina de Oliveira Silva, entrevistada para este trabalho. De acordo com seu relato, sua sogra, a senhora Nair de Almeida Silva, mandou erigir a capela há cerca de vinte anos em homenagem a São Pedro e a seu esposo, homônimo do padroeiro. Ainda sob responsabilidade da família, atualmente a manutenção da capela é realizada pela senhora Sônia e seu esposo, também denominado Pedro.

No tocante aos usos da capela, foi relatado que, para sua inauguração houve a celebração de missa e uma festividade. Porém, atualmente, a capela é usada pela comunidade católica para a realização de terços e rezas sem uma periodicidade específica. Além disso, a capela de São Pedro está relacionada à capela de São Sebastião do Salto de Cima (item 04) em duas ocasiões: nas celebrações da Via Sacra, quando a procissão sai da capela de São Pedro em direção à capela de São Sebastião; e, em 2023, durante a celebração do dia de São Sebastião, quando foi organizada uma procissão de carros de boi saindo da capela de São Pedro.

Infelizmente, não foram encontradas, até o fechamento deste trabalho, fontes documentais que detalhem as transformações ocorridas pela capela ao longo do tempo, nem registros fotográficos onde seja possível averiguar as mudanças e permanências ocorridas ao longo do tempo.

Moradora da região há quarenta anos, a senhora Sônia relata a importância afetiva da capela para sua família, ao mesmo tempo em que destaca a relevância do templo pela representação da religião católica na comunidade. Testemunha próxima

da história da construção da capela de São Pedro, além de conhecedora e participante da tradição de Santa Cruz, a entrevistada afirma que a capela de São Pedro não possui origens relacionadas à Santa Cruz. Justifica seu ponto de vista a partir tanto por ter acompanhado de perto a história da construção da capela quanto por também conhecer a tradição por meio de participação em procissões em outras localidades.

13. Capela de Nossa Senhora Aparecida, Salto de Cima



Situada em Salto de Cima, a capela de Nossa Senhora Aparecida fica localizada na propriedade do senhor Dirceu Valério, vizinho dos entrevistados, a senhora Ana Maria e o senhor Elias. Moradores da região por toda a vida, informaram que a capela foi construída há, aproximadamente, vinte anos, pelo proprietário em função do pagamento de uma promessa à padroeira. Na ocasião, a esposa do senhor Dirceu foi acometida por um problema de saúde e, aflito, o senhor Dirceu prometeu erigir uma capela caso ela fosse curada. Com a graça alcançada e a saúde da esposa restabelecida, a capela foi construída.

No tocante aos usos da capela, os entrevistados relataram que o local sempre foi utilizado para a realização de terços e rezas, não recebendo celebrações de missas, nem outras festividades. O casal também afirmou que a comunidade católica geralmente participa das atividades realizadas na capela e que, inclusive, receberam autorização do proprietário para reformar e realizar a manutenção da capela, visando valorizar a tradição católica na região.

Conhecedores da tradição de Santa Cruz, os entrevistados descartaram a hipótese do local escolhido para a construção da capela de Nossa Senhora Aparecida ter qualquer relação com a tradição, inclusive por conhecerem a história da promessa efetuada pelo senhor Dirceu Valério. Foram realizadas tentativas de contato com o proprietário para confirmação e complementação deste histórico, porém até o fechamento do trabalho não foi obtido retorno.

14. Capela de Nossa Senhora Aparecida, Salto de Cima



Localizada na propriedade do senhor Elias e da senhora Ana Maria, em Salto de Cima, a capela de Nossa Senhora Aparecida tem uma trajetória relacionada à família do casal. Moradores da região ao longo de toda a vida, os entrevistados relataram que, quando a neta tinha 2 anos de idade, foi acometida por uma grave doença. Assim, prometeram à padroeira que, caso a criança sobrevivesse, erigiriam uma capela como forma de devoção e agradecimento. Quando a netinha restabeleceu a saúde, Ana Maria e Elias prontamente mandaram construir a capela no terreno, próxima à casa onde vivem.

O senhor Elias relatou que a capela possui uso apenas particular para a realização de terços, onde eventualmente comparecem amigos que moram próximos. Responsáveis pela construção da capela, os entrevistados confirmaram que não havia nenhum sinal da tradição de Santa Cruz no local antes da construção do templo, descartando a hipótese de que ela pudesse estar ligada a alguma história anterior. Por fim, relataram que a estrutura da capela sempre foi a mesma e que a manutenção necessária é realizada pelos proprietários.

15. Capela de São Benedito, Salto do Meio



*Imagem 20: Capela de São Benedito
Local: Salto do Meio*



*Imagem 21: Capela de São Benedito
Local: Salto do Meio*

As informações a respeito da capela de São Benedito foram obtidas a partir de diversas fontes que comentaram casualmente sobre sua história, mas, especialmente, por meio da entrevista realizada com o senhor José Garcia de Oliveira, conhecido por “Camilo”, morador da região ao longo de seus 83 anos de vida. Inicialmente abordado para uma entrevista sobre uma capela de Santa Cruz não incluída no levantamento inicial, o senhor Camilo deu início a um relato espontâneo sobre a história da capela de São Benedito.

Assim como outras capelas do levantamento, a de São Benedito “mudou” de lugar em função de religiosidades conflitantes ou de mudanças na configuração urbanística (abertura de estradas, desapropriação de terras, entre outros). Neste caso, o entrevistado relatou que a capela existia desde sua juventude, o que indica sua existência há quase, aproximadamente, um século. Ficava localizada onde, atualmente, situa-se a capela de número 88 do levantamento, em propriedade privada. Segundo o senhor Camilo, os antigos proprietários colocaram o terreno à venda e os novos proprietários, de religião evangélica, demoliram a antiga capela e, por demanda da comunidade, foi construída a atual capela de São Benedito.

Até tem umas história assim... Que quando desmancharam a igreja [...] Aí tinha essa igreja antiga lá que era de São Benedito. Tinha essa igreja lá, aí desmancharam a igreja pra levar pra lá. O dono que comprou lá, foi pouco tempo, já não parou mais ali. Aí, outra pessoa que comprou lá, construiu outra igreja no mesmo lugar, tá lá. Só que esses povo não sabe dessa história, quem sabe é nós que somos

velhos, né? [...] Quem era dono do terreno, deu o terreno que tinha a igreja. E quem comprou lá não aceitava a igreja porque não era católico. Aí, quem vendeu o terreno, arrumou pra mudar lá ela lá. Depois, esse que não era católico comprou. Não foi tempo nenhum, já vendeu o terreno. Já não parou.

Infelizmente, não foram encontradas, até o fechamento deste trabalho, fontes documentais que detalhem as transformações ocorridas pela capela ao longo do tempo, nem registros fotográficos onde seja possível averiguar as mudanças e permanências ocorridas ao longo do tempo.

De acordo com o relato do senhor Camilo, a capela de São Benedito, no local atual, recebia as atividades tradicionais, como missas, terços, festas, procissões, entre outros. Todavia, com a pandemia da Covid-19, ocorrida entre 2020 e 2022, as atividades foram interrompidas e a capela não recebeu a devida manutenção. Em 2023, as atividades têm ocorrido esporadicamente, fazendo com que a capela fique fechada a maior parte do tempo. Outra importante informação é que, por conta da pandemia, não há mais uma pessoa responsável pela manutenção da capela, resultando em acúmulo de sujidade e possíveis problemas com o decorrer do tempo.

Ainda assim, é possível perceber o valor da capela de São Benedito e sua história a partir da mobilização da comunidade para sua manutenção. Uma das ações, relatada pelo senhor Camilo, é a realização da limpeza e repintura da capela de São Benedito por sua filha, responsável pela festa da capela de Nossa Senhora da Conceição Aparecida de 2023. Ao incluir a capela de São Benedito nas festividades, a comunidade reforça a valorização histórica, social e afetiva do templo situado em Salto do Meio.

A partir do relato do senhor Camilo, não foi possível identificar se a origem da capela de São Benedito está ou não atrelada à tradição de Santa Cruz, necessitando pesquisas mais aprofundadas a respeito da história do templo e das mudanças ocorridas ao longo do tempo.

16. Capela de Santa Cruz



*Imagem 22: Capela de Santa Cruz
Local: Salto do Meio*

*Imagem 22: acesso à Capela de Santa Cruz
Local: Salto do Meio*



*Imagem 22: interior da Capela de Santa Cruz
Local: Salto do Meio*

A capela de Santa Cruz está situada na propriedade do senhor Francisco, com 60 anos de idade, que foi entrevistado para o trabalho. Informações complementares foram obtidas com o casal de entrevistados Alcebíades e Teresa, que relataram dados importantes sobre as capelas de Santa Cruz de Salto do Meio (16, 23, 24 e 25).

O proprietário iniciou seu relato informando uma data que constava na capela: 1 de junho de 1961, mas não foi possível confirmar se a marcação do tempo se refere à construção da capela ou ao falecimento da pessoa para a qual foi construída a capela.

Não tem a data... Eu que tirei retrato e 'ponhei' na parede, porque quando meu pai comprou aqui, ela já era... A turma não cuidava, não ligava com isso, né? Aí a gente era criança, quando era nessa época

de seca, a gente vinha aguar de roda dela que era bom pra trazer chuva. E foi passando, com o tempo foi passando, meu pai também não ligava... Ela caiu. Caiu o telhado, caiu uma parte da parede. E quando eu casei, aí eu arrumei ela de novo, tinha um menino aqui que era muito amigo meu, ele ajudou. Aí eu que arrumei, se eu não arrumasse, já tinha tudo ido embora.

De acordo com o entrevistado, aparentemente, houve poucas festas no local, desde a aquisição por sua família. É intenção do proprietário manter, cuidar e até reavivar a tradição de festejos no local, mas não sabe quando poderá reforma-la e melhorar o acesso a ela, que está situada em um barranco na beira da estrada.

O casal Alcebíades e Teresa, com 80 e 82 anos de idade, respectivamente, informou que a capela já estava situada no local quando eles eram crianças, cogitando a possibilidade de o local ter, aproximadamente, um século.

A mãe que contava, assim... Que o homem tava trabalhando ali embaixo. Tava trabalhando lá, serrando não sei o quê, que caiu morto já. Aí antigamente, morria gente e o povo 'ponhava' a Santa Cruz pra não ficar assombrado [risos].

A marcação do local de falecimento cumpre as práticas da tradição de Santa Cruz, evidenciando os aspectos materiais – a construção da capela – e os imateriais – o anúncio de aquele foi um local de falecimento transformado em lugar de memória. Nos relatos do casal Alcebíades e Teresa não foram mencionadas festividades realizadas no local.

17. Capela de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, Salto do Meio

	
<p><i>Imagem 23: Capela de Nossa Senhora da Conceição Aparecida Local: Salto do Meio</i></p>	<p><i>Imagem 24: Capela de Nossa Senhora da Conceição Aparecida Local: Salto do Meio Acervo pessoal do senhor Plínio Gomes de Oliveira</i></p>

Referência tanto por sua história quanto por sua localização, a capela de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, tombada por meio do decreto 2032/2008 (EAU 47), situada em Salto do Meio, foi e ainda é local de celebração, festejos e memórias para toda a comunidade. Nas referências bibliográficas consultadas, afirma-se que foi inaugurada em 1926 em terreno doado por “Dona Joaquina”, com construção coordenada pelo senhor José Aparecido Borges. Possui afrescos atribuídos ao artista José Medeiros, motivo de orgulho e valorização por parte dos frequentadores e vizinhos (CUNHA, 2021, p. 114-115).

Moradores de frente à capela, o senhor Plínio Gomes de Oliveira e a senhora Ana Maria Gomes de Oliveira, foram entrevistados em busca de informações relativas ao passado do local e possíveis relações com as tradições de Santa Cruz. Nascidos e criados na região, não souberam informar com precisão os motivos de construção da capela, mas falaram das relações afetivas entre o templo e a comunidade, além de destacarem sua importância para a vida social e religiosa de Salto do Meio. De acordo com as memórias do casal, a capela sempre foi atribuída à Nossa Senhora da Conceição Aparecida, não tendo sido encontradas informações que possam refutar ou atestar possíveis relações com a tradição de Santa Cruz.

A ficha de inventário EAU 47 apresenta um histórico que dá conta de informações não encontradas ao longo do trabalho:

A história da Capela de Nossa Senhora da Conceição Aparecida está diretamente ligada à história do Bairro de Salto do Meio, zona rural do Município de Extrema, seus primeiros moradores, seu processo de ocupação e crescimento. Os primeiros moradores de Salto do Meio, que ocuparam a região no final do século XIX, foram pequenos produtores rurais, que plantavam principalmente batata, milho e café. Estes se dividiam entre imigrantes italianos, descendentes das famílias locais e das regiões vizinhas. [...] Como o bairro era distante do centro da cidade, cerca de 20 quilômetros, o trânsito freqüente dos moradores entre o bairro e a cidade era bastante dificultado. Assim, Salto do Meio foi obrigado a adquirir uma estrutura própria, para suprir as necessidades mais urgentes de seus moradores. [...] A Capela de Nossa Senhora da Conceição Aparecida foi finalmente construída, na década de 1910, com a ajuda de toda a comunidade, mas principalmente por auxílio do Sr. José Aparecido Borges, dono de um dos armazéns do bairro. Além de local de fé, a capela era ponto de referência e de encontro da comunidade, principalmente nos jardins e gramados que a circundam. (IPAC, 2023)

O senhor Plínio relatou memórias de sua infância e juventude, contando que a capela passou por modificações em sua estrutura, bem como o seu entorno, que ganhou uma área para eventos sociais, composta por pátio coberto, cozinha e banheiros. O casal também contou, quando perguntados sobre momentos importantes, que se casou na Igreja Matriz de Santa Rita de Cássia, mas a festa ocorreu nos arredores da capela de Nossa Senhora, em Salto do Meio.

Tem até uma foto do casamento aqui... Que eu casei contra ela e ela casou contra eu [risos] Teve churrasco, mas o churrasco foi feito ali na igreja. Só que ali não tinha nada. Foi feita uma valeta ali e colocado carvão à vontade pra assar carne. Churrasco naquele tempo era assim, não era aquele negócio de churrasqueira... Era uma valeta, bastante carvão e muita carne! Espeto de bambu assim, trezentas grama, quatrocentas grama de carne... 'Tá bom assim?'

‘Tá bom!’, ‘Então vai lá!’ [risos] E isso aí eu lembro, mais que eu lembro que eu posso falar que eu vi, é isso aí.

Sobre os usos da capela de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, os entrevistados destacam a relevância para a vida social, cultural e religiosa da comunidade de Salto do Meio. Destaca-se a realização de missas mensalmente, terço dos homens, Campanha da Fraternidade, grupos de orações, Via Sacra, além da realização de casamentos e batizados. A festa em honra à padroeira, inventariada em 2009 (BI-37), no entanto, foi ressaltada como um evento tradicional da localidade, composta pelo anúncio de festeiros, doação de prendas, leilão e outros, além de ser tradicionalmente iniciada com uma novena. O pai da entrevistada, senhor Dirceu Gomes de Oliveira, foi, durante algumas edições, o “gritador de leilão”, responsável por anunciar os lances efetuados. A festa também contava – e ainda conta – com procissão com andores, destacando São Benedito e Nossa Senhora da Conceição Aparecida, muito reverenciados na região.

Na ficha de inventário do bem imaterial, o histórico é apresentado da seguinte forma:

As festas de Nossa Senhora Aparecida ali realizadas sempre foram marcantes. O Sr. Nestor de Carvalho, antigo morador da região, lembra da capela centenária e das festas realizadas no local: “Todo dia 8 de dezembro meu pai e o Lino Borges faziam festas aqui de lotar gente. Traziam o Benedito Coutinho com a banda. Foi o José Aparecido Borges que construiu a Igreja, tinha até recentemente uma plaquinha com as iniciais do nome dele, J.A.B. Depois, no tempo do Lino Borges, ele pegou um andarilho que passava por aqui, Zé Medeiros, um artista que dormia em qualquer lugar, para pintar a Igrejinha por dentro. Ele falou que era pintor e o Lino deu comida para ele. Ficou bonito, tudo azul e branco, as cores de Nossa Senhora, de um lado tem o São Jorge e do outro tem o Anjo da Guarda. Coitadinho, aí ele fez tudo isso e depois sumiu”. Segundo depoimento de Rosálio Borges nascido no Bairro Salto do Meio, a casa onde ele habitava servia de hospedagem para os padres na

época da festa. Durante os três dias de celebração, o padre encarregado de acompanhar a festa religiosa dormia em um quarto que a família denominava como “o quarto do padre”. (IPAC, 2023)

Dentre as mudanças ocorridas nos usos da capela, o senhor Plínio destacou o conflito de calendários entre outros eventos religiosos na mesma região, relatando que, como o público é o mesmo, muitas vezes as festividades acabam esvaziadas. O entrevistado acredita que a elaboração de um calendário conjunto pode facilitar tanto na organização dos eventos quanto na participação do público, destacando a importância destas festividades enquanto locais de (re)encontro e experiência social.

Com relação à manutenção do espaço, o senhor Plínio entende que, com o tombamento da capela pela municipalidade, a prefeitura tornou-se responsável por eventuais reformas e limpezas necessárias no templo e em seu entorno. Além disso, destacou que não há uma pessoa específica da comunidade que toma conta do local, tendo sido nomeada uma comissão para acompanhar as intervenções, organizar e planejar os eventos.

De acordo com o senhor Plínio, ele e a esposa não frequentam mais a capela em função da mobilidade reduzida da senhora Ana Maria. Contudo, destaca que a comunidade católica não os abandonou e que recebem um ministro da Eucaristia semanalmente para rezarem juntos e receberem a comunhão. Fica evidente, assim, que a tradição católica na região tanto ultrapassa os limites materiais dos templos de oração quanto se encontra viva na comunidade. Quando perguntado sobre a importância da capela, o entrevistado demonstra reconhecimento à diversidade de credos e compreensão da importância do instrumento de tombamento do bem em questão: *Por mim, [a importância é] apenas pela fé da gente, certo? Eu acredito, mas eu não tenho nada contra quem acredita de outras formas. E também não sou nada contra de ser tombado pela prefeitura, acho que é bom que pelo menos cuida melhor, né?*

Por fim, quando perguntados sobre a tradição de Santa Cruz, os entrevistados reconhecem que era um costume religioso muito importante quando eram adolescentes, há cerca de cinquenta anos. Naquele período, havia muitas rezas e terços relacionados à tradição na região que agregavam pessoas de

diversas idades. Porém, atualmente, percebem que as mudanças ocorridas na sociedade acabaram por diminuir o interesse das pessoas no âmbito religioso, impactando as tradições de forma negativa.

18. Capela de São Sebastião, Posses



*Imagem 25: Capela de Nossa Senhora da
Conceição Aparecida
Local: Posses*



*Imagem 26: interior da Capela de Nossa
Senhora da Conceição Aparecida
Local: Posses*

Situada na entrada de Posses, a capela de São Sebastião, inventariada em 2009 (EAU 64), é composta por pátio coberto, cozinha e cômodo destinado a depósito, em estilo similar ao de outras da região rural de Extrema. Os entrevistados, a senhora Terezinha de Moraes Oliveira e o senhor Benedito de Oliveira, com 70 e 74 anos de idade, respectivamente, forneceram gentilmente um relato que se entrelaça com a história de vida do casal. Moradores da região por toda a vida, afirmaram que havia outra capela devotada a São Sebastião no mesmo local que a atual, mas menor e feita de barro, construída no período de infância do pai da senhora Terezinha, atualmente com 93 anos. A construção, segundo o conhecimento local, ocorreu em função de promessa feita por um casal morador da região que alcançou uma graça por intervenção do padroeiro, fato atestado no histórico da ficha de inventário EAU 64:

Assim como ocorrido em outras localidades rurais do município de Extrema, a primeira Capela de São Sebastião do Bairro de Posses foi construída em função de uma promessa para o fim da “Guerra Paulista” ou “Revolução Paulista”, no início da década de 1930. O Sr. Francisco Borges, conhecido como Seu Chico, fez a promessa a São Sebastião que construiria uma capela no Bairro das Posses para que a guerra chegasse ao fim, e assim foi feito. Nas proximidades do Rio Jaguari, a Capela dedicada à São Sebastião foi erguida. Porém, a Igreja Católica exigia que o terreno onde fosse construída uma capela teria que ser doado para a Diocese, como

condição para a realização de missas no local. Dessa forma, o Senhor Hilário Juvenal de Oliveira doou um terreno de 420 m² próximo ao local da primeira capela para a construção de um novo templo, com mais espaço para os fiéis. Sob a coordenação do Senhor Hilário e de sua esposa, Wanir de Oliveira, a nova Capela foi erguida e a antiga construção, destruída. (IPAC, 2023)

Com o passar do tempo e a deterioração da capela, o avô da senhora Terezinha desmanchou a construção original e construiu outra capela devotada a São Sebastião, desta vez um pouco maior, confeccionada de tijolos e coberta com telhas. Posteriormente, há aproximadamente quarenta anos, com o aumento da população local, o senhor Lívio Borges, então vizinho dos entrevistados, mobilizou a comunidade para a construção de uma capela maior que pudesse abrigar celebrações e eventos, resultando na edificação atual.

Ainda de acordo com a senhora Terezinha, no passado os usos da capela se resumiam à festa em honra ao padroeiro, inventariada em 2009 (BI-38). No entanto, esta realidade se modificou com o tempo:

Antigamente, só tinha festa. Só era a festa de São Sebastião e era só o que fazia. Agora... Agora não. Agora, todo mês, a gente tem uma missa, e dia vinte... Dia vinte e nove que passou, né? De junho? Dia vinte e nove de julho a gente fez uma festa bonita ali, menina! Fez uma festa bonita! Dois dias de festa! Mas deu gente!

A festa em honra ao padroeiro, de acordo com a entrevistada, ocorre tradicionalmente nos dias próximos ao 20 de janeiro. Na ficha de inventário, o histórico evoca a longevidade e as características das festividades:

A Festa em devoção a São Sebastião, que surgiu para comemorar o fim da revolução em 1932, se manteve forte na comunidade do Bairro das Posses até os dias de hoje. O filho de Seu Chico, Evaldo

Borges, trouxe a Imagem de São Sebastião da Cidade de Aparecida do Norte, em São Paulo, para a primeira celebração, que contava com procissão pelas ruas do bairro e orações dos fiéis no interior da capela. Seu outro filho, Leandro Borges, conhecido como Seu Orlando, ainda mora no bairro e participa todos os anos da festa. Ele deu continuidade à festa, que passou a contar com leilões de prendas, como animais e comidas, e música para dançar. Seu Orlando, já idoso, passou o cargo de festeiro para os demais moradores do Bairro das Posses, que se revezam a cada ano para organizar a festa. Na procissão os homens carregavam a Imagem de São Sebastião, e as mulheres carregavam a Imagem de Nossa Senhora, como ocorre até hoje. São quase inexistentes os registros de transformações ocorridas na festa ao longo dos anos. A maior delas é certamente o fato que antigamente a festividade acontecia com procissão e orações da comunidade sem a presença de um padre, uma vez que não eram celebradas missas. Após a construção da nova capela em terreno doado pelo senhor Hilário Juvenal de Oliveira à Igreja Católica, passou-se a se celebrar a missa em ação de graças a São Sebastião no período da manifestação religiosa. Este fato ocorre desde 1970. (IPAC, 2023)

Todavia, com os impactos causados pelo isolamento durante a pandemia, a festa deixou de ocorrer. Em 2023, a comunidade se mobilizou para retomar a tradição, optando por realizar os festejos fora da data convencional, evitando também o período de chuvas. A senhora Terezinha relatou o sucesso da festa, tanto de participação na organização quanto de público.

Além dos usos do espaço para a realização da festa de São Sebastião e das missas mensais, a senhora Terezinha ressaltou o interesse de algumas pessoas na realização de eventos pessoais, como aniversários, na área externa. Na sua percepção, esta pode ser a possibilidade de unir religiosidade e diversão, atraindo famílias e novas gerações para o convívio em um espaço religioso e, ao mesmo tempo, comunitário.

Um aspecto destacado pela entrevistada é o interesse da comunidade em contribuir e participar da vida da capela. Em seu relato, ela ressaltou que não há uma

pessoa responsável pelo local, mas uma responsabilidade compartilhada entre pessoas que estão disponíveis e interessadas em manter o templo. Inclusive, quando indagados sobre a relevância da capela de São Sebastião para a comunidade de Posses, os entrevistados pontuaram tanto a preservação da história local quanto uma razão para o envolvimento dos indivíduos que a compõem.

No que concerne à tradição de Santa Cruz, os entrevistados relataram que, ao longo de suas infâncias, em meados do século XX, participaram de muitas festividades na região de Posses, como pode ser observado na seção anterior por meio de transcrição da fala da senhora Terezinha. No entanto, afirmaram desconhecer que as origens da capela de São Sebastião estejam relacionadas à tradição de Santa Cruz, tendo em vista os relatos sobre o pagamento de promessa ao padroeiro do templo.

19. Capela de Nossa Senhora da Luz ou Nossa Senhora do Bom Sucesso, Posses



Situada na propriedade do senhor João Batista e da senhora Maria de Fátima, a capela de Nossa Senhora da Luz antecede os atuais donos. De acordo com o relato do casal, ambos moradores da região de Posses por toda a vida, a capela teve origem por conta tanto do ofício quanto da devoção da antiga proprietária, conhecida como Dona Dita.

Parteira e conhecida por auxiliar as mulheres da região, a senhora Maria de Fátima relatou que Dona Dita, vendo o sofrimento das parturientes, prometeu erigir uma capela em honra à Nossa Senhora da Luz para que sofressem menos na hora do parto. Ainda de acordo com a entrevistada, a capela tem, aproximadamente, setenta anos.

Setenta [anos], porque cinquenta e pouco foi o que eu estou aqui. [...] Então, porque cinquenta anos faz que essa propriedade está com a minha família, e aí ela já tinha, ela já não era nova.

Em seguida, complementando o relato, a senhora Maria de Fátima afirma que a capela não possui nenhuma relação com as tradições de Santa Cruz, nem em sua fundação, nem em seus usos.

Com relação a atividades ocorridas na capela, o casal contou que são realizados terços, de forma não periódica, e que nunca houve missas no local. O

senhor João Batista informou também que alguns romeiros ou pessoas devotas pedem licença aos proprietários para acender velas e/ou “baldear terra”. Quando indagados sobre a tradição, os entrevistados descreveram que as pessoas chegam, volteiam a capela segurando a terra nas mãos e, em seguida, jogam para trás, como forma de se curar de algum mal, pedir proteção ou ajuda. Segundo informações fornecidas pelos entrevistados, bem como pela senhora Terezinha, entrevistada sobre a capela de São Sebastião, também em Posses, a capela de Nossa Senhora da Luz é ponto de parada da procissão realizada em honra ao padroeiro da capela maior, reforçando sua relevância e usos pela comunidade.

Ao longo do tempo, a capela passou por transformações em sua estrutura, incluindo a colocação de cerâmica em sua fachada e no piso, além da troca do forro por PVC. No entanto, é possível observar que o formato da capela guarda aspectos de sua construção original, como a fachada encimada por, possivelmente, três pequenas cruces. Os proprietários afirmaram que não houve alterações em seu tamanho, mantendo o caráter privativo da capela.

Finalmente, de acordo com os relatos, é possível compreender a relevância histórica da capela para a comunidade de Posses, uma vez que o templo está atrelado à fé católica e também à função social desempenhada por Dona Dita enquanto parteira. Ambos os entrevistados destacaram, especialmente, o valor religioso da capela, tanto para a família quanto para a comunidade católica de Posses.

20. Capela de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, Posses



*Imagem 29: Capela de Nossa Senhora da
Aparecida
Local: Posses*

Localizada na entrada de Posses, a capela de Nossa Senhora da Conceição Aparecida foi construída em 1972, no terreno do senhor José Galdino da Silva, entrevistado para este trabalho. Morador da região por toda a vida, o senhor Galdino, atualmente com 82 anos de idade, contou sobre os motivos que levaram à ereção da capela:

Então, isso aqui foi construída em 1972. Por que foi? A mãe dos meus filhos, a companheira, então ela tinha uma obrigação com ela, um voto com Nossa Senhora, que o dia que ela tivesse a casa dela, ela ia construir uma capela. Então, a gente a possuiu [no sentido de comprar o terreno] isso aqui em 1970. Naqueles dois anos não dava pra nós construir por causa da situação financeira [...] Daí quando foi em setenta e dois nós construiu.

Emendando o relato da construção com os usos da capela, o entrevistado explanou que, até meados da década de 1980, eram celebradas missas pelo conhecido padre Adolfo Fabbri. Depois, com a determinação de que missas não poderiam mais ser celebradas em templos católicos particulares, a capela continuou com a festa em honra à padroeira, além de terços e rezas.

E aí, depois disso aí [da determinação] não celebrou mais missa. A gente faz nossa obrigação, a gente tem uma obrigação com Nossa Senhora aí, voto da minha esposa, mãe dos meus filhos. Ela tem

uma obrigação... Que no dia oito de dezembro é o dia de Nossa Senhora da Conceição, né? Então, nesse dia a gente chama lá de longe, antigamente tinha mais por perto... Hoje, essa tradição [referindo-se aos “dançadores de São Gonçalo”] tá lá em Piracaia [São Paulo], Perdões... Mas sempre vem de Piracaia. Então a gente aqui formava uma dança de São Gonçalo, os dançador vêm, vai a procissão, e faz cinco voltas da dança. E cumprimentava todo ano. Então é assim. Agora faz três, quatro anos, que desde que chegou esse contratempo do corona [referindo-se à pandemia de COVID-19], como é que nós ia chamar os amigos aqui? É difícil! Então agora, esse ano, se Deus quiser, no dia oito de dezembro nós vamos fazer.

Com relação às origens da capela, portanto, é possível afirmar que foi a devoção da senhora Maria Pires da Silva, falecida esposa do senhor José Galdino, a grande motivação para a construção da capela. Quando criança, a senhora Maria foi levar água para o pai em um terreno para arar com o carro de boi. Após passar o arado, ela encontrou uma pequena imagem de Nossa Senhora da Conceição no meio da terra e fez um voto de que, quando se casasse e tivesse sua própria casa, construiria uma capela e faria festas no dia de sua celebração para agradecer pela proteção que lhe acompanhou por toda a vida. Tanto o senhor José quanto os filhos assumiram, por questões afetivas e religiosas, a “missão” da senhora Maria após seu falecimento.

Infelizmente, não existem mais registros da capela ao longo do tempo devido a um trágico acidente, ocorrido há cerca de seis anos, quando um incêndio resultado por um curto-circuito atingiu a casa onde estavam fotografias e documentos pessoais da família.

Hoje em dia, o entrevistado relatou que a capela é utilizada para eventuais orações dos moradores do sítio, mas principalmente para a festa. Porém, destaca a diminuição da participação da comunidade com o passar do tempo, resultando também na diminuição da festa, que já chegou a durar mais de um dia. O senhor José Galdino ressalta, ainda, que apesar das mudanças ocorridas, a capela possui valor religioso e também afetivo, pois evoca a devoção e a memória de sua esposa. Ele também relatou o interesse dos filhos em perpetuar a tradição, de modo que a capela se torna um elemento essencial para esta continuidade.

Por fim, no tocante às tradições de Santa Cruz, o entrevistado relatou possuir conhecimento e ter passado ao longo da vida, observando também uma diminuição do interesse e da renovação da tradição com o passar do tempo. Para fins de confirmação, foi indagado ao senhor José Galdino sobre possíveis origens da capela que estivessem relacionadas às tradições de Santa Cruz, ao que o entrevistado informou que não haviam cruzeiros ou outros símbolos que indicassem a tradição em seu terreno.

21. Capela de São Francisco, Salto do Meio



*Imagem 30: Capela de São Francisco
Local: Salto do Meio*



*Imagem 31: interior da Capela de São
Francisco
Local: Salto do Meio*

*Imagem 32: interior da Capela de São
Francisco
Local: Salto do Meio*

Situada em Salto do Meio, em uma propriedade privada, foram realizadas duas tentativas de contato no local, uma no dia 21/09/23 e outra no dia 26/09/2023, sem sucesso. A propriedade encontrava-se completamente fechada e sem vizinhos que pudessem informar sobre possibilidade de contato com os proprietários.

22. Capela de Santa Cruz, Salto do Meio



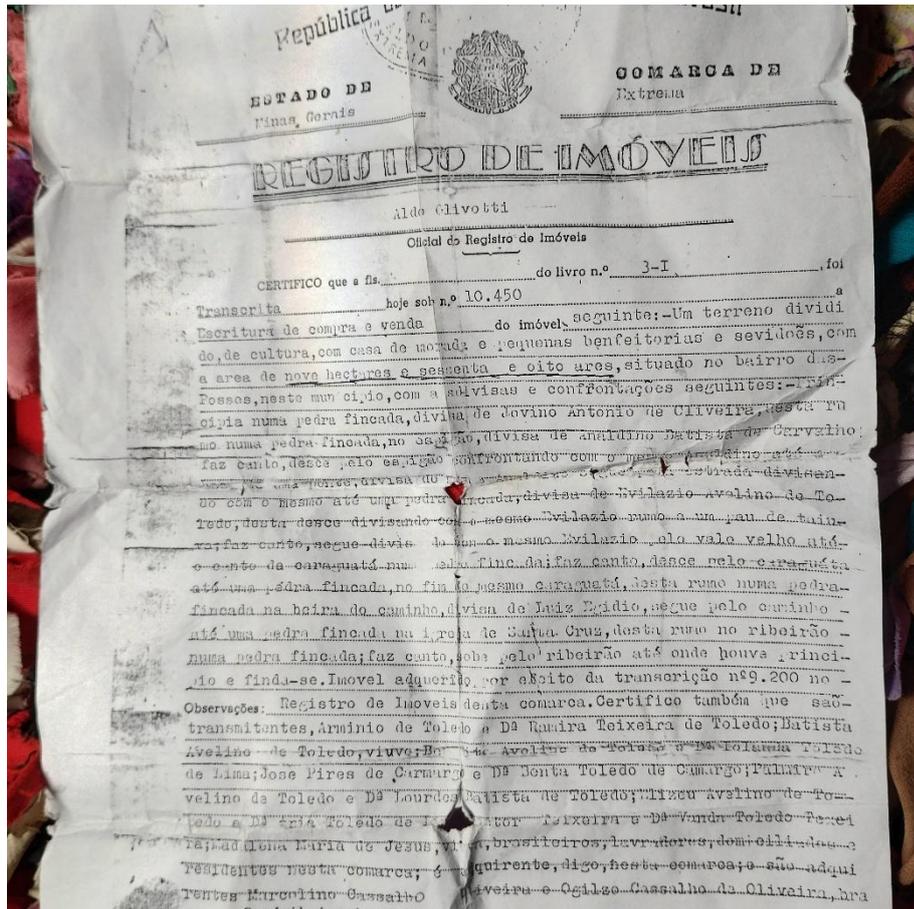
*Imagem 33: Capela de Santa Cruz
Local: Salto do Meio*



*Imagem 34: interior da Capela de Santa Cruz
Local: Salto do Meio*

Na beira da estrada, em Salto do Meio, está localizada a capela de Santa Cruz cujo responsável é o senhor Alcino Magalhães de Oliveira. Com 70 anos de idade na data da entrevista, ele informou que a manutenção da capela, hoje sob sua responsabilidade, já foi de seu pai e outros familiares falecidos. De acordo com as histórias que ouviu, relatou também os possíveis motivos da construção da capela de Santa Cruz, envolvendo dois irmãos que brigaram por conta de um cabresto de cavalo, resultando na morte de ambos. O entrevistado afirmou que a capela foi construída em 1960, mas que, por volta de 1954, já existiam indícios da Santa Cruz no local.

Além disso, conta como a história da família está entrelaçada à capela, uma vez que o pai, nascido em 1909, comprou o terreno onde, atualmente, mora o senhor Alcino e a esposa. De acordo com a escritura do terreno, datada de 1962, um dos pontos limítrofes era a capela de Santa Cruz, como pode ser observado na imagem abaixo.



Escritura do terreno do pai do senhor Alcino. Acervo pessoal do entrevistado.

O senhor Alcino relatou que, nos dias atuais, as atividades na capela pararam quase que completamente, incluindo a manutenção. Como resultado, ocorreu uma grande deterioração de sua estrutura, inviabilizando a ocorrência de terços ou festividades. Há pouco tempo – o entrevistado não soube precisar a data -, o senhor Benedito de Oliveira, um dos entrevistados para a capela de número 19, efetuou a troca do madeiramento do telhado e a colocação de telhas melhores. Em seguida, a comunidade se mobilizou para realizar a repintura das paredes internas e externas, além da limpeza do local.

Ainda sobre a pausa nas atividades, o entrevistado comenta que um dos fatores desmotivadores foi o repasse do valor integral arrecadado nas festividades para a paróquia responsável, tornando inviável a realização de melhorias, manutenções ou mesmo reinvestimentos na festa do próximo ano.

Sobre a festa, ocorria em 3 de maio, dia de Santa Cruz, o senhor Alcino comenta que, apesar de simples, atraía muitas pessoas da região. As festividades começavam com um terço, em seguida havia o leilão das prendas – ofertadas pelos

festeiros daquele ano – e, ao final, eram servidos lanches e bebidas para os participantes. Havia, ainda, a realização de uma procissão que saía da capela e ia até outra capela de Santa Cruz, identificada pelo levantamento como a de número 23.

Finalmente, sobre a importância da capela, o entrevistado destaca o envolvimento familiar na manutenção da tradição, bem como um local utilizado pela comunidade para orações dedicadas a entes queridos que faleceram. O senhor Alcino frisa que considera a capela uma “reliquia” por sua importância histórica e seu valor religioso.

23. Capela de Santa Cruz, Salto do Meio



Assim como ocorreu em outros casos, a história da capelinha de Santa Cruz, situada na beira da estrada em Salto do Meio, foi relatada por diversos entrevistados de modo informal. As histórias, consistentes em seu conteúdo, contam que um senhor, morador da região, voltando para casa dirigindo embriagado, entrou na curva de forma desestabilizada, saindo da estrada e capotando o carro. Muitos relatam que seu falecimento foi imediato, uma vez que as ferragens do seu carro atravessaram seu peito. Com variações de datas, estima-se que a capelinha tenha sido construída em meados do século XX.

*[...] ali, um senhor de idade que morreu. Foi atravessar a água lá e rodou e morreu. Mas ali tava turbinado [faz sinal com a mão indicando consumo de bebida alcóolica].*⁷

O senhor Alcino Magalhães de Oliveira também informou que nunca houve festa na capelinha, sendo que esta era o ponto de chegada da procissão que saía da capela sob tutela [ver número 22]. De proporções muito pequenas, a capela é conhecida pela comunidade como construída “em cima de uma pedra”, ainda que, com o passar do tempo, a vegetação e sujidades tenham encoberto o local.

De aparência abandonada, foi no relato da senhora Teresa, com 82 anos de idade, e do senhor Alcebiádes, com 80 anos de idade, que mais detalhes foram encontrados a respeito das motivações de sua construção, bem como de sua manutenção.

[Alcebiádes]: Lá naquela pedra tem uma igrejinha lá, você viu? [...] Era cunhado dela...

[Teresa]: É, era parente meu.

[Alcebiádes]: Então, ele bateu o jipe num toco, e o [...] do jipe fez um “v”, rapaz. O baque deve ter sido forte, né? E lá ele virou no barranco e morreu. Morreu na hora.

O senhor Francisco, proprietário do terreno onde está a capela de Santa Cruz (16), também forneceu detalhes sobre o acontecido.

[...] uma em cima da pedra, desse tamaninho assim. Essa, quem morreu ali era um senhor chamado Joventino. Ele tinha... Aqui, na época, só tinha três pessoas que tinha um jipe. Era o Pedro Gomes, o Moacir Gomes e o Joventino. Então, nessa época, ele foi pra Extrema à noite, e tinha um barzinho aqui embaixo, aqui. Eu nem

⁷ Relato do senhor Alcino Magalhães de Oliveira, entrevistado para a capela de número 22.

frequentava, eu era criança de tudo. Ele passou lá, bebeu uma pinga e falou "Vou embora jantar que eu tô com fome.". E passou aqui, ali tinha uma figueira, não sei o quê que aconteceu, se ele passou mal ou não passou mal, bateu o jipe bem no meio da figueira. E pro lado de baixo tinha uma pedra assim, bem com um bico pra cima assim, ó. Do jeito que o jipe virou, caiu certinho com o peito assim, ó, na ponta da pedra. Morreu na hora.

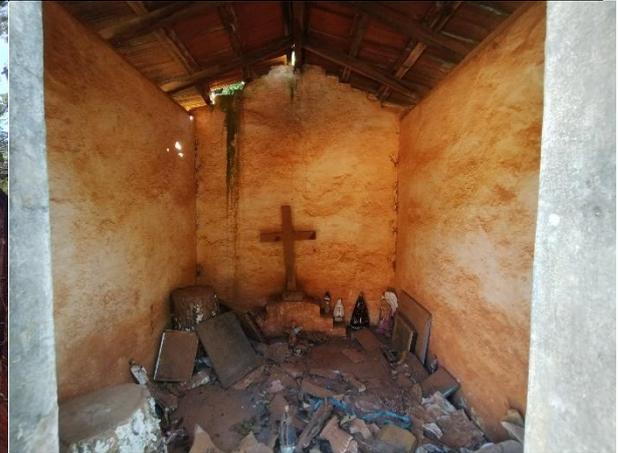
De acordo com o senhor Francisco, quem foi o responsável pela construção da capelinha foi o filho do senhor Joventino. Porém, após a construção não ocorreram atividades e nem manutenção do local, resultando no abandono da capelinha de Santa Cruz.

Corroborando aos relatos, o estado de conservação atual da pequena capela é bastante precário, com um acúmulo de sujidades que impede a visualização de seu interior. A partir das informações recebidas, é possível concluir que o valor atribuído pela comunidade à capela de Santa Cruz está na memória compartilhada do acontecimento, presente nas lembranças de diversas pessoas. Ao mesmo tempo, também é reconhecido o valor religioso a partir da produção de sentido por meio das práticas religiosas de beira de estrada, integrando, desse modo, as tradições de Santa Cruz.

24. Capela de Santa Cruz, Salto do Meio



*Imagem 38: Capela de Santa Cruz
Local: Salto do Meio*



*Imagem 39: interior da Capela de Santa Cruz
Local: Salto do Meio*

O senhor Alcebiádes, 80 anos, e a senhora Teresa, 82, moradores do local a maior parte da vida e entrevistados sobre as capelas 16, 23, 24 e 25, forneceram as poucas informações encontradas sobre a capela de Santa Cruz aqui apresentada.

[Teresa]: Ali, aquela cruz que tem ali, que passa, ali na beira da estrada foi que o, não sei o que tava... Antigamente, baldeava gente levar a enterrar, 'ponhava' duas taquaras assim, 'ponhava' o caixão em cima, amarrava e ia daqui em Extrema.

[Alcebiádes]: Carregando nas costas, era nas costas

[Teresa]: Muito muita gente pra ir revezando, sabe?

[Alcebiádes]: Eu ajudei muito a carregar

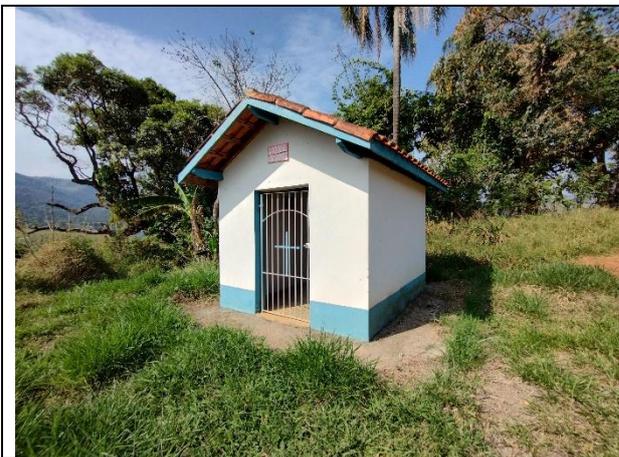
[Teresa]: Daí ali, onde desceu o caixão, ali puseram a Santa Cruz pra não ficar assombrado! [risos]

Conhecedores e ativos participantes da tradição de Santa Cruz, os dois entrevistados contaram detalhes sobre os processos de traslado dos falecidos até Extrema, bem como de festividades em honra a Santa Cruz, que incluíam a confecção de bandeirinhas e flores de papel coloridas, ornamentação de andores, procissões, quermesses, terços cantados, dançadores de São Gonçalo, entre outros. Desse modo, mesmo não tendo sido possível encontrar detalhes sobre a tradição sobre a capela aqui apresentada, o relato se mostrou no sentido de

apresentar um panorama vivenciado pela geração do senhor Alcebíades e da senhora Teresa.

A capela, em precário estado de conservação, apresenta sua estrutura comprometida, grande acúmulo de sujeira e intervenções em suas paredes. Não aparenta receber manutenção e, sem pessoas que pudessem informar sobre sua história, supõe-se que os responsáveis já não vivam mais no local. Representando um valor histórico evocado a partir do relato dos entrevistados, a capela não possui função atual, exceto a de sinalizar materialmente a presença das tradições de Santa Cruz.

25. Capela de Nossa Senhora Aparecida (antiga Capela de Santa Cruz), Salto do Meio



*Imagem 40: Capela de Nossa Senhora Aparecida
Local: Salto do Meio*



*Imagem 41: interior da Capela de Nossa
Senhora Aparecida
Local: Salto do Meio*

De todas as capelas lembradas pelos entrevistados, sem dúvidas a mais lembrada foi a que deu origem à atual capela de Nossa Senhora Aparecida, posto que fez parte de um momento histórico coletivo: a epidemia de febre amarela ocorrida entre o final do século XIX e o início do século XX. De modo geral, as fontes orais consultadas relataram que, durante a epidemia, havia grande dificuldade de efetuar o sepultamento dos acometidos pela doença no cemitério dentro do perímetro urbano de Extrema. Isso ocorria por diversos fatores, incluindo a distância, a locomoção feita à pé ou por veículos de tração animal, e também o calor, que acelerava o processo de decomposição dos cadáveres.

Lá pra cima, ali... Tem os coqueiros ainda? Sim, que faz tempo que eu não passo. Mas parece que ainda tem um coqueirão lá, velho. Não sei se é dessa época. Ali, era construída uma igreja grande! [...] Era construída uma igreja grande e eles fizeram, plantaram uma fileira de coqueiro assim, subindo, né? Do lado direito. E ali, esse contaram, que eu não sei nem se eu tinha nascido. Aquela igreja lá, eles construíram porque teve aquela febre amarela, cê lembra? Que matava muita gente. Daí as pessoas que tava, que ia levando... os mortos pra enterrar em Extrema, só que não dava tempo. Que tinha outro pra enterrar... Daí eles começaram a enterrar ali. Ali eles lotearam, mas ali era um cemitério! Assim, cemitério não legalizado, né? [...] Porque, daí, parece que eles enterravam e quando tava voltando já tinha outro morto. É, foi assim. Aí eles fizeram aquela igreja porque tinha, foi um cemitério ali, enterrou muita gente ali. [...] É logo que sobe, assim, ó: subiu, fica a reta né, é desse lado [indicando o lado direito no sentido da capela]. Agora, parece que tem uma pequena. Uma bem pequenininha, de frente. Mas a igreja não era ali, era mais no fundão lá, e uma igreja grande. Eu lembro.⁸

Assim, os sobreviventes da região começaram a enterrar as vítimas da febre amarela em um local mais próximo, em um terreno situado em Salto do Meio. Por questões de respeito, foi colocada uma cruz no local, sinalizando o cemitério “clandestino” e, com o fim da epidemia, foi erigida uma pequena capela no local pelo senhor Roseno Gomes⁹, como forma de honrar os mortos. Nela, ocorriam terços, celebrações do dia de Santa Cruz e também a celebração de missas. A participação nos serviços religiosos era grande, resultando na expansão da capelinha, que foi demolida para dar lugar a uma capela maior.

Com o passar do tempo e as transformações sociais ocorridas, tanto a participação quanto as celebrações foram diminuindo, até o momento em que a capela foi abandonada em definitivo. O local passou, então, a ser considerado “mal

⁸ Relato da senhora Benedita, entrevistada sobre a capela de número 26.

⁹ Informação obtida a partir do relato do senhor Francisco, entrevistado sobre a capela de número 16.

assombrado” pelas pessoas da região, que afirmavam ver vultos entre as árvores próximas à capela.

Por volta de 26 anos atrás, a capela foi reformada pelos proprietários do Sítio Nossa Senhora Aparecida, que ficava localizado em frente à capela. De acordo com o entrevistado Rodrigo, sua mãe foi a responsável pela reforma.

Foi por volta de [19]98 ou [19]99. Existia uma capelinha, mas não era ali, era aqui na frente de casa, aqui, né? E aí ela era muito antiga e era toda quebrada. E minha mãe era devota de Nossa Senhora Aparecida. Aí ela reformou a capelinha aqui, aí começou a fazer aqueles eventos de... oração, sabe? Essas coisas... E aí, só que minha mãe faleceu, e aí eles começaram a asfaltar a estrada, aí eles precisaram demolir. No que a gente pediu pra não demolir, aí eles falaram “a gente vai tirar daqui e colocar em outro lugar, pode?”. Aí falou que podia, aí eles colocaram pra cá. Mas é a mesma capelinha, do mesmo material. Só mudou de lugar. Ficou na encruzilhada.

O relato de Rodrigo mostra, novamente, as dinâmicas simbólicas de demolição e mudança das capelas. Ou seja, uma vez que seria construída uma nova capela, a demolição do outro templo não foi vista como um problema, já que a nova construção recebeu os valores simbólicos afetivos, religiosos e sociais da antiga. No entanto, é perceptível que, mesmo substituída, a nova capela não detém os mesmos usos da antiga, haja vista não receber celebrações relacionadas às tradições de Santa Cruz, nem terços ou outras atividades comunitárias. Hoje em dia, de acordo com o entrevistado relata que, apesar de morar há apenas três anos no sítio, conviveu com o local e seu entorno desde a infância, os principais usos da capela são rezas de romarias que passam no local, bem como viajantes, turistas ou transeuntes que param para fazer uma oração ou colocar uma imagem. Nesse sentido, a capela abriga uma diversidade religiosa que extrapola a religião católica, abrigando imagens da umbanda, por exemplo. Rodrigo acredita que isto se dá,

principalmente, por conta da atual localização da capela, em uma bifurcação que, para fins religiosos e ritualísticos, é também considerada uma encruzilhada.

Atualmente, a capela é mantida por Rodrigo e pelo pai, como forma de honrar a devoção da mãe, que cuidou e reformou a antiga capela. O entrevistado, inclusive, justifica a importância pessoal da capela pelo seu valor afetivo, como uma memória deixada pela figura materna. Em um panorama geral, por sua vez, é possível observar que a capela possui uma relevância simbólica para a comunidade de Salto do Meio, como um atestado da existência da construção anterior, esta sim, uma capela de Santa Cruz.

26. Capela de Santa Cruz, Salto de Baixo



Vizinha da capela de Santa Cruz e moradora da região por toda a vida, a senhora Benedita, com 87 anos de idade na data da entrevista, se dispôs a compartilhar algumas de suas memórias para o trabalho. Não soube relatar quem foi a pessoa responsável pela construção do templo religioso, e inferiu que a capela pode ter sido construída em razão de um assassinato ocorrido no local. Em seu relato, informou que a capela tinha proporções maiores, mas com o passar do tempo foi reformada e teve seu tamanho diminuído.

A entrevistada afirmou que, atualmente, a capela não possui atividades regulares, sendo que antes, um senhor chamado “João do Márcio”, agora falecido, realizava a manutenção e limpeza. Desse modo, a responsabilidade pela capela ficou a cargo da família do falecido e, uma vez que todos residem em Extrema, não há periodicidade na manutenção do local. O parente que reside mais próximo da capela, senhor João Batista, não foi localizado para complementar as informações.

No passado, contudo, a capela era um local de expressão da religiosidade, tanto pela ocorrência regular de terços quanto pelas festividades anuais em decorrência do dia de Santa Cruz. A senhora Benedita relatou haver celebração de missa, além da “parte social”, que incluía comes e bebes que eram servidos pelos festeiros, bem como por comerciantes que aproveitam a ocasião para vender doces típicos.

Dentre as razões para o desuso da capela de Santa Cruz, a senhora Benedita ressaltou as transformações ocorridas no local e nas vidas das pessoas, com destaque para a ida dos mais jovens para as cidades e, também, a mudança do cenário religioso local, com várias conversões à chamada “religião evangélica”.

27. Capela de Santa Isabel, Salto de Baixo

	
<p><i>Imagem 44: Capela de Santa Isabel Local: Salto de Baixo</i></p>	<p><i>Imagem 45: interior da Capela de Santa Isabel Local: Salto de Baixo</i></p>

A capela de Santa Isabel, em Salto de Baixo, está situada na propriedade do senhor Epiphânio de Almeida, morador da região por toda a vida. Com 82 anos de idade na data da entrevista, ele relatou que a construção ocorreu por vontade de seu pai, devoto da padroeira. Em relato realizado pelo filho do senhor Epiphânio de Almeida na referência bibliográfica utilizada, a história é contada em pormenores:

A capela do Salto de Baixo foi idealizada pelos nossos avós, o Sr. Juvenal Alves de Almeida e sua esposa Cesarina de Oliveira Almeida, em uma área dentro de sua propriedade. Já a construção da pequena igreja foi feita em 1950 pelo pedreiro conhecido por “Nim” (Tio do “Gué”). Em razão de ser sua santa de devoção, o casal decidiu tornar Santa Isabel a padroeira do imóvel, o qual ainda hoje é denominado Sítio Santa Isabel. (ALMEIDA; RODRIGUES, 2021, p. 116).

Ainda de acordo com relatos do entrevistado e da referência consultada, os principais usos da capela eram celebrações de missas, além de rezas e terços. No passado, ocorriam festividades no mês de junho e em outubro, quando é celebrado o dia de Nossa Senhora Aparecida. Segundo o senhor Epiphânio de Almeida, hoje em dia ocorrem festas em honra à padroeira do Brasil e também missas, que são realizadas mensalmente. O entrevistado destacou que, com o processo de envelhecimento e o aumento da população na região, com pessoas vindas de fora, optou por usos da capela com a presença de amigos próximos e familiares.

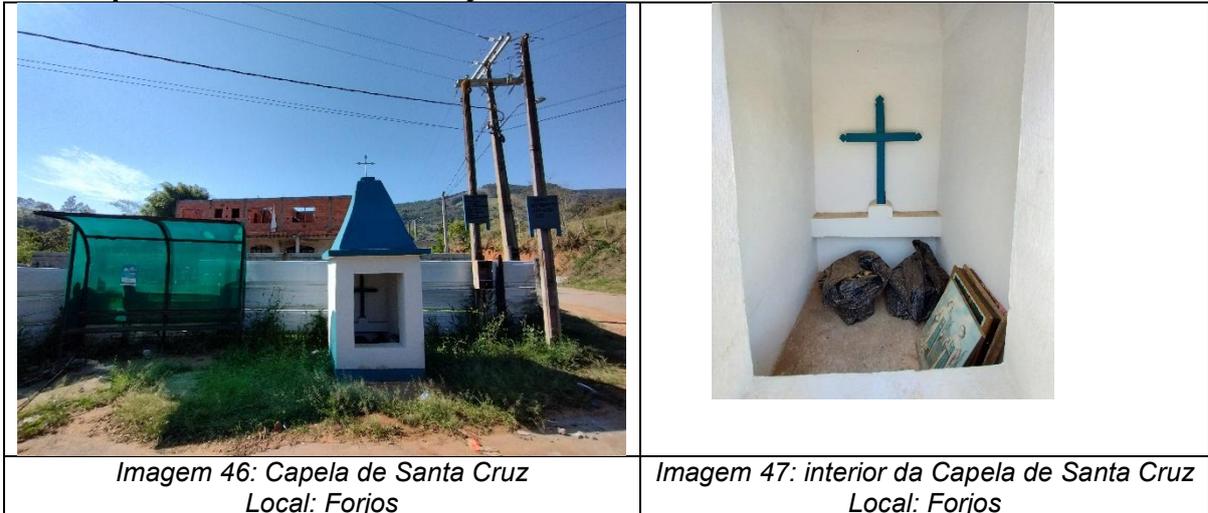
Aqui, é preciso ressaltar que, de acordo com o relato escrito do senhor Edson, “No ano de 1990, atendendo um desejo dos nossos avós, uma pequena área do terreno e a capelinha foram doados para a Paróquia de Santa Rita de Extrema.” (ALMEIDA; RODRIGUES¹⁰, 2021, p. 117), o que explica a celebração de missas ainda hoje na capela. Um momento importante, destacado pelo senhor Epiphânio, foi a realização de uma cerimônia de casamento de um casal de vizinhos mais velhos, ambos viúvos, celebrada na capela de Santa Isabel.

Ao refletir sobre a relevância da capela, o entrevistado destaca o valor afetivo, como memória dos pais, mas também um valor simbólico para a comunidade, que entende os usos da capela como um espaço de sociabilidade e reencontro com antigos conhecidos. Na visão do senhor Epiphânio, contudo, a religião possui cada vez menos espaço na vida das pessoas, o que resulta na diminuição do interesse em participar e organizar eventos religiosos.

Finalmente, com relação às tradições de Santa Cruz, o entrevistado relatou ter conhecimento a respeito e, também, ter participado em sua juventude, mas descartou a hipótese de que a capela de Santa Isabel esteja, de algum modo, relacionada. Com conhecimento das origens de sua construção, o senhor Epiphânio reforça a devoção dos pais na padroeira e no desejo de construírem um templo dedicado a ela.

¹⁰ Ver PARÓQUIA, nas Referências Bibliográficas, item G.

28. Capela de Santa Cruz, Forjos



As capelas de Santa Cruz da região de Forjos foram mencionadas em diversos momentos por diferentes pessoas ao longo do trabalho de campo, reforçando a compreensão sobre a relevância da tradição em Extrema. A capela em questão, particularmente, foi citada como alvo de uma disputa simbólica entre o catolicismo popular e as chamadas “religiões evangélicas”, uma vez que a atual proprietária do terreno não professa o catolicismo.

E aquela ali pra cá do Marinho, na beirinha da estrada, a gente fala assim “Vamos arrumar a Santa Cruz! Vamos fazer!”... Tá querendo cair, né? “Ah, mas a mulher [referindo-se à proprietária do terreno] não deixa!”. Lá não pode derrubar! Quando ela comprou, já tava ali, né? Então eu acho que ela não tem o direito [de derrubar]. Aí um dia descí, indo pra cidade, passei lá, falei “Engraçado, será que mexeram aqui?”, aí perguntei pra Irene, a Irene falou “Ah, madrinha! Só vieram ali e passaram uma tinta!”, só pra enganar os bobos só [risos]. Ah! Pintar eu também pintava! Quero ver eles por o cimento, por o tijolo, bloco... Que precisa, que tá caindo, né?

De acordo com informações fornecidas pela entrevistada Maria Alice da Silveira Oliveira, a Santa Cruz em questão surgiu após o falecimento de um senhor naquele local, entre 40 e 50 anos atrás. Antes da ereção da capela, havia apenas

uma cruz marcando o local, mas não foram encontradas informações precisas sobre a data de construção do templo ou sobre quem realizou a construção. Construída em pequenas proporções, a capela foi recentemente repintada e limpa, tendo imagens retiradas e deixando apenas a Santa Cruz visível.

Desde sua criação, como em outras localidades que compartilham das tradições de Santa Cruz, ocorriam terços, rezas e festividades, atividades que diminuiriam ao longo do tempo. Porém, é importante destacar que os usos da capelinha estão associados às demais capelas de Santa Cruz de Forjos, em especial à capela de número 30. As informações colhidas em campo dão conta de que, desde a inauguração da capela maior, as capelas 28 e 29 tornaram-se parte das tradições e festividades em homenagem à Santa Cruz, como será melhor explicado no histórico da capela de número 30.

Como citado no item C deste trabalho, o relato da entrevistada sinalizou a preocupação com a manutenção das capelinhas de Santa Cruz de Forjos, uma vez que ela não observa sinais de mobilização comunitária para valorização e preservação tanto dos materiais quanto imateriais da tradição. Além disso, as disputas simbólicas ocorridas entre o catolicismo e religiões evangélicas na região promove ameaças à existência do bem, conforme apontado pela senhora Maria Alice, mas também por outras pessoas entrevistadas ao longo do trabalho.

29. Capela de Santa Cruz, Forjos



Situada na beira da estrada na comunidade de Forjos, a capela de Santa Cruz aqui apresentada está, atualmente, sob os cuidados da fazenda conhecida como “dos Magalhães”, segundo Maria Alice da Silveira Oliveira, entrevistada para este trabalho. O então proprietário, conhecido como Zé Magalhães, foi o responsável tanto pela construção dessa capelinha quanto pela doação de recursos financeiros para a ereção da capela maior dedicada à Santa Cruz, identificada neste trabalho como número 30. Esta versão é corroborada pela referência bibliográfica utilizada, onde é afirmado que:

O senhor João Batista Magalhães, fazendeiro abastado do bairro, custeou toda a construção e a capela [número 30] foi inaugurada em 1961, com muita festa. [...] Anteriormente, o Sr. João já havia construído uma capelinha na beira da estrada dos Forjos, para sinalizar o lugar, onde Tarcísio Gomes havia morrido, vítima de um assassinato. (PARÓQUIA, 2021, p. 123-124).

Além da bibliografia consultada, a senhora Benedita, entrevistada sobre a capela de número 26, relatou ter sido testemunha da pessoa assassinada no local:

Nos Forjos eu lembro. [...] Naquela capelinha ali no bairro que chama Fazenda, eu lembro dessa capelinha e lembro... Eu lembro, era pequena, bem pequena. Eu lembro do... Quando eu passei lá, tava o morto lá. [risos] Por causa dessa pessoa, eu acho que é por causa. Eu acho que foi. Porque, normalmente, eles punhavam muita cruz, né? Marcava com cruz.¹¹

Por fim, corroborando as versões apresentadas acima, a senhora Maria Alice, entrevistada sobre as capelas de número 28, 29, 30 e 87, forneceu um relato semelhante sobre as origens da capela:

Agora, aquela lá debaixo, na encruzilhada da fazenda, antes de subir o morro do hotel ali, lá também diz que foi um senhor que morreu lá e fizeram a Santa Cruz. Aquela lá já é a turma da fazenda que comanda, né? [...] Aquela ali era muito antiga, foi o senhor da fazenda que fez. Era uma cruz também, aí fez a capelinha. Aí teve um caminhão que bateu lá, que entortou tudo, aí eles pagaram o pedreiro pro pedreiro desmanchar e fazer de novo. Mas foi no mesmo estilo [da capela de Santa Cruz de número 28], né?

Sobre os usos da capelinha, a senhora Maria Alice explicou, como citado anteriormente, que estes estão associados às festividades ocorridas na capela de número 30. Atualmente, porém, o local apresenta sinais de abandono, apesar da repintura recente, o que indica pouco uso por parte da comunidade.

¹¹ Relato da senhora Benedita, entrevistada sobre a capela de número 26.

30. Capela de Santa Cruz, Forjos

	
<p><i>Imagem 50: entorno da Capela de Santa Cruz</i> Local: Forjos</p>	<p><i>Imagem 51: fachada lateral da Capela de Santa Cruz</i> Local: Forjos</p>

De acordo com informações encontradas a respeito da Capela de Santa Cruz, situada em Forjos e inventariada em 2007 (EAU 50), sua origem não segue a tradição de demarcar o falecimento de alguém no local, como pode ser observado na citação a seguir: *“Dizem os antigos que um andarilho, passando pelo bairro dos Forjos, quis marcar sua passagem e sua fé em Deus, deixando no local uma cruz fincada na terra. A partir dessa época, começou espalhar [sic] por aquelas paragens a devoção à Santa Cruz.”* (PARÓQUIA, 2021, p. 123).

Tanto os relatos colhidos em campo quanto a referência bibliográfica utilizada dão conta de que o terreno onde a capela foi construída foi doado pela família Almeida e que o senhor “Zé” Magalhães doou os recursos para a realização da obra. Segundo a Paróquia (2021), a escritura de doação da terra data de 1960 e a inauguração da capela, de 1961. A informação é corroborada pelo histórico da ficha de inventário EAU 50:

A atual edificação da Capela de Santa Cruz foi construída em 1960. Antes, no local, existia apenas um cruzeiro e uma pequena capela, bastante simples e já comprometida pela ação do tempo. Sabe-se que geralmente a origem da construção das capelas de Santa Cruz está ligada a algum desastre, assassinato ou local onde alguém foi enterrado, já que a Cruz ou a Santa Cruz constitui motivo de reverência. A cruz é considerada como o maior antídoto contra o diabo e males derivados dele. A grande devoção à Santa Cruz fez com que a comunidade, não satisfeita com seu estado de

conservação e querendo melhorar a capela do bairro se reuniu para arrecadar fundos para a nova construção. O terreno foi doado pelo Senhor Forval Alves de Almeida, e o responsável pela construção foi o Senhor João Batista Magalhães. Foram feitos leilões e quermesses para a arrecadação de fundos, complementado também por doações dos fazendeiros mais abastados. Ao longo dos anos a Capela de Santa Cruz foi recebendo melhorias, até obter as características atuais, sempre com a arrecadação feita com as festas e eventos promovidos pela comunidade. (IPAC, 2023)

No tocante aos usos da capela, foram encontradas informações sobre a realização de missas, terços, catequese, campanhas da fraternidade, o que motivou a comunidade a angariar recursos para a construção de anexos, como cozinha, barraca de apoio, pátio, entre outros.

Um detalhe interessante é que as festividades envolvendo as capelas de Santa Cruz nos Forjos, inventariadas em 2007 (BI-33), não seguem o costume da celebração no dia 3 de maio, considerado o dia de Santa Cruz, por conta de uma correção efetuada pelo pároco Maurício, como relatado pela entrevistada:

Então, não faz no dia [de Santa Cruz]. Antigamente, a gente comemorava dia de Santa Cruz [no] dia três de maio, né? Aí depois, quando o padre Maurício veio pra cá, ela falou que não, que três de maio não é dia de Santa Cruz. Santa Cruz é dezesseis de setembro. [...] Mudou, né? Então fica aquela coisa: comemora dia três ou comemora dia dezesseis? Mas aqui na capela [refere-se à capela de número 30] a gente não pode comemorar porque a festa da cidade é dia dezesseis, né? Como é que você vai brigar com a cidade pra fazer as coisas?

Segundo a referência bibliográfica utilizada, a Festa de Santa Cruz é descrita da seguinte forma:

A partir de 1961, no mês de maio de cada ano, até à década de 90 [sic], comemorava-se a Festa de Santa Cruz. Com a reforma do Calendário Litúrgico, essa festa passou a ser celebrada no dia 14 de setembro. Há décadas atrás [sic], para cada ano, era escolhido um casal de festeiros, que se responsabilizava pela arrecadação de prendas e pela organização do evento, de acordo com as orientações do Pároco. Semanalmente, rezava-se o terço com nas casas, cujos donos encarregavam-se de organizar o encontro, recebendo os convidados e os “puxadores da reza”. O terço era cantado e as ave-marias eram entoadas, com divisão de vozes. Após a “reza”, servia-se um farto café com os quitutes típicos da região. [...] Havia também o “Baile Comunitário do Bairro”, realizado em uma das casas dos moradores, onde o terço não tinha sido rezado naquela semana. (PARÓQUIA, 2021, p. 124-125).

Ainda sobre a festa, o relato da senhora Maria Alice complementa a citação anterior:

[Maria Alice]: A procissão que a gente fazia nessas capelinhas [28 e 29], [era] quanto tinha, fazia festa ali [na capela 30]. Aí a gente descia até lá embaixo e depois voltava, né, pra Santa Cruz. Agora ainda é assim, né Zé?

[José Benedito]: Tem, quer ver... Que mês que faz a reza, é setembro?

[Maria Alice]: É...

[José Benedito]: Vai fazer agora, aí sai lá da fazenda e vem terminar ali.

[Maria Alice]: Não. Essa é a que fazia mês de maio. Vem da fazenda ali, da Santa Cruz da venda, ó, da encruzilhada. É no mês de maio.

Mas é mais simples né? Agora, a Santa Cruz, a padroeira do bairro, tem a procissão, tem os andores, que já é tradição né? Aí faz tudo. Às vezes, a gente faz dentro... Hoje, até mudaram um pouco a rota da procissão porque o povo não respeita, os carros não respeitam ninguém, né? E a gente tinha muito medo, que tinha bastante pessoa de idade, criança... De noite, né? Aí a minha menina falou “Não, vamos fazer dentro do campo que é mais seguro”, né? Teve uma vez que nós viemos aqui pra cima [...] fizemos várias vezes ali. A Santa Cruz saía de lá e descia pra venda, pra igreja. A gente muda as rotas de vez em quando, né? Pra não ficar muito repetitivo [risos]. [...] Tem o andor da Santa Cruz, que é uma cruz grande, bonita, aí vem o andor de Nossa Senhora, São Benedito e Santo Antônio, né?

[José Benedito]: A Mãe Rainha

[Maria Alice]: A Mãe Rainha tiraram, não sei porque tiraram.

No tocante sobre o bem imaterial, a ficha de inventário BI-33 apresenta a Festa de Santa Cruz da seguinte forma:

A devoção à Santa Cruz pela população do Bairro Forjos é bastante antiga, mas não se sabe a data em que foi iniciada a celebração da Festa de Santa Cruz. A atual edificação da Capela de Santa Cruz foi construída em 1960, e sabe-se que antes, no local, existia apenas um cruzeiro e uma pequena capela, bastante simples. A comunidade, desde essa época, já realizava a Festa de Santa Cruz. A Celebração, inclusive, foi fonte de recursos financeiros para a construção da atual capela e até hoje sua arrecadação serve para a melhoria da edificação. Até pouco tempo a festa era realizada no dia 03 de maio, dia de Santa Cruz. Porém, como a data é coincidente com a Festa de Santa Rita, padroeira do Município de Extrema, o pároco, em comum acordo com a comunidade, achou por bem mudar a data da festa para o mês de agosto. A organização da festa fica a cargo de festeiros escolhidos pela comunidade a cada ano.

A devoção à Santa Cruz pela população do Bairro Forjos é bastante antiga, mas não se sabe a data em que foi iniciada a celebração da Festa de Santa Cruz. A atual edificação da Capela de Santa Cruz foi construída em 1960, e sabe-se que antes, no local, existia apenas um cruzeiro e uma pequena capela, bastante simples. A comunidade, desde essa época, já realizava a Festa de Santa Cruz. A Celebração, inclusive, foi fonte de recursos financeiros para a construção da atual capela e até hoje sua arrecadação serve para a melhoria da edificação. Até pouco tempo a festa era realizada no dia 03 de maio, dia de Santa Cruz. Porém, como a data é coincidente com a Festa de Santa Rita, padroeira do Município de Extrema, o pároco, em comum acordo com a comunidade, achou por bem mudar a data da festa para o mês de agosto. A organização da festa fica a cargo de festeiros escolhidos pela comunidade a cada ano. (IPAC, 2023)

Ainda de acordo com o relato da entrevistada, atualmente quem mantém a Capela de Santa Cruz é sua filha, Denise Aparecida, juntamente com o auxílio de outros moradores do local, como o senhor Lázaro¹² e sua esposa, a senhora Irene. Segundo informações encontradas tanto nas referências bibliográficas quanto nos relatos colhidos, a capela passou por modificações em sua estrutura organizacional. Anteriormente, havia uma comissão com poder de decisão, mas isto foi modificado, dando lugar a um Conselho Pastoral de valor consultivo. Independente do formato, foi observado o interesse da comunidade em participar da vida religiosa local e manter a capela em boas condições, reforçando o valor histórico e social do local para a comunidade de Forjos.

Os entrevistados relataram participar das atividades ocorridas na capela, destacando a realização de missa mensalmente e/ou quinzenalmente, a depender do mês. Também informaram a realização de eventos, como casamentos e batizados, incluindo batizados de adultos, como atividades de destaque ocorridas na capela. Finalmente, no tocante à relevância da capela, destacaram a reafirmação da

¹² Após a entrevista com a senhora Maria Alice, foi tentado contato com o senhor Lázaro, que infelizmente não estava em casa.

fé e da devoção, no âmbito pessoal, e da forte presença comunitária como sinal de reconhecimento de sua relevância coletiva.

31. Capela de devoção não identificada, Forjos



*Imagem 52: Capela de devoção não identificada
Local: Forjos*

O atual proprietário, senhor Célio, informou que desde a aquisição do terreno, ocorrida há três anos, a capela encontra-se desativada, sendo utilizada como depósito. Além disso, não soube informar pessoas de referência para serem entrevistadas sobre sua história, nem qual era a devoção atribuída ao templo religioso.

32. Capela de devoção não identificada, Forjos



*Imagem 53: Capela de devoção não identificada
Local: Forjos*

Durante a visita ao local, o senhor Cristiano, trabalhador das obras em andamento na propriedade, relatou que a pousada está à venda e a capela, de uso privado, foi desativada. Não soube fornecer informações sobre a história do local nem sua devoção, e confirmou que, atualmente, a capela está sendo usada como depósito.

33. Capela de Santa Cruz, Barreiro/Rodeio



*Imagem 54: Capela de Santa Cruz
Local: Barreiro*



*Imagem 55: Capela de Santa Cruz
Local: Barreiro
Acervo pessoal da senhora Rosana Silva*



*Imagem 56: interior da Capela de Santa Cruz
Local: Barreiro
Acervo pessoal da senhora Rosana Silva*



*Imagem 57: interior da Capela de Santa Cruz
Local: Barreiro
Acervo pessoal da senhora Rosana Silva*

Nas pesquisas sobre a capela de Santa Cruz do Barreiro, inventariada em 2009 (EAU 56), foram encontradas duas versões sobre sua origem, uma por meio de entrevista realizada com a senhora Rosana Aparecida Galvão Silva, com 61 anos de idade, pessoa de referência e atual catequista da capela; e outra na referência bibliográfica utilizada, composta pelo relato dos senhores Sebastião José Vieira e Ivo Leme. Uma vez que não é objetivo da pesquisa determinar qual seria a versão “definitiva”, mas sim apresentar o mosaico de narrativas que compõem as histórias, ambas serão apresentadas a seguir.

No relato da senhora Rosana, moradora da região há 17 anos, dos quais 15 foram de participação ativa na organização da capela, sua origem se deu por meio de uma tradição iniciada pela senhora Mira, que perdeu três primos afogados no rio Jaguari, que corre próximo ao local. Para honrar os parentes falecidos, a senhora

Mira colocou três cruzeiras no local e, junto com a família, se reunia para rezar pelas almas. Pouco a pouco, a comunidade se mobilizou e, além das rezas e terços, tiveram início as festividades no dia de Santa Cruz. O então proprietário do terreno, senhor Luiz, vendo a comoção coletiva, doou o terreno para a ereção da igreja, mesmo que, de acordo com a entrevistada, não pertencesse à religião católica. Com a realização das festas, o dinheiro angariado ia para a construção da capelinha, que foi finalizada há cerca de quarenta anos.

No texto elaborado a partir da colaboração dos senhores Sebastião e Ivo, constam as seguintes informações:

Diz a história, contada pelos seus mais antigos habitantes, que foram construídas duas capelas ao longo dos anos. Quando pároco [sic] era o Padre Antonio Teodoro Tibúrcio, foi construída a primeira capela nas terras do Sr. Albano Caxeiro. Foi nomeado como padroeiro “São Sebastião”. [...]

A pequena casa de Deus ficou sob os cuidados de um senhor cujo apelido era “Baiano”. Considerava-se o proprietário do imóvel e, aí, estabeleceu sua residência. No entanto, a pequena capela foi se deteriorando com o tempo e tornou-se inadequada para o uso.

Mais tarde, o senhor Ivo Leme, herdeiro de Joaquim Henrique, considerou-se na obrigação de doar um novo lote à Arquidiocese e construir uma segunda capela. O pároco da época, Padre Maurício Pieroni, empenhou-se em levar adiante o projeto. [...] As quermesses também eram frequentes e logo se conseguiu o necessário para construir a capela e inaugurá-la, com a denominação de “Capela de Santa Cruz”. Foi denominada de Santa Cruz, pois, antigamente, havia uma choupana com três cruzeiras, na beira da estrada, indicando o falecimento de três pessoas no encruzo da cachoeira. (PARÓQUIA, 2021, p. 100-101).

É possível observar que, mais que anular uma à outra, as duas versões se complementam, haja vista o relato bibliográfico contextualizar a existência de uma capela anterior à atual e, a versão da senhora Rosana apresentar detalhes sobre quem eram os falecidos que originaram a capela de Santa Cruz a partir de informações obtidas com a senhora Mira.

Além das informações encontradas em campo, a ficha de inventário EAU 56 apresenta um panorama histórico das transformações ocorridas no bem cultural:

Há alguns anos atrás (aproximadamente na década de 1990), moradores do Bairro do Rodeio se reuniam para rezar em torno de uma pequenina capela em homenagem à Santa Cruz, construída por pessoas da própria comunidade, que somente tinha espaço para os objetos litúrgicos (a Santa Cruz, duas cruces e algumas imagens de santos). Seu interior não tinha altura para abrigar pessoa alguma: os moradores rezavam ao lado de fora, sem nenhum abrigo. Não se sabe quando este espaço foi construído. No ano de 2001, o Sr. Ivo Leme da Silva, proprietário do terreno onde situava a pequena capela, doou à Paróquia uma área maior, para que um novo templo pudesse ser construído e, assim, ser reconhecido pela Igreja Católica. A pequena capela foi demolida e uma nova foi erguida com a mão-de-obra dos próprios moradores do bairro, utilizando materiais doados pela Prefeitura Municipal de Extrema e por um representante da D'Extrema Água Mineral Natural Ltda (empresa situada no bairro), que se sensibilizou com a iniciativa dos moradores, devotos de Santa Cruz. (IPAC, 2023)

Sobre os usos do espaço, para além das festividades em honra à Santa Cruz, bem imaterial inventariado em 2010 (BI 41), que contam com tríduo, quermesse e procissão com andores, a entrevistada relatou a realização de terços, terço dos homens, catequese e missa mensalmente. Atualizando a tradição de acordo com a reforma do Calendário Litúrgico, ocorrida em 1990, a festa da Santa Cruz pode ocorrer tanto no dia 3 de maio, como era tradição, quanto no dia 14 de setembro. Na

ficha de inventário do bem imaterial, a Festa de Santa Cruz é descrita da seguinte forma:

Segundo Rosana Aparecida Galvão, a festa começou aproximadamente em 2001, quando o Sr. Ivo Leme da Silva, proprietário do terreno onde situava a pequena e antiga capela, doou à Paróquia uma área maior para que um novo templo pudesse ser construído e ser reconhecido pela Igreja Católica, a Capela de Santa Cruz. Assim se deu a origem à festa de Santa Cruz, que acontece anualmente no mês de Maio. A primeira organizadora da Festa foi D. Neusa Lima Correa, moradora da comunidade. Desde a sua criação, a festa é celebrada no pequeno pátio na lateral esquerda da Capela de Santa Cruz. É uma festa grande de importância religiosa para a comunidade. [...]

Acontecem reuniões periódicas durante alguns meses que antecedem a festa. A preparação se inicia alguns dias antes com a montagem do palco para a apresentação musical e teatro das crianças da catequese. Além de montagem de barracas e ensaios da peça. No primeiro dia da festa, geralmente na sexta feira, acontece uma missa e a reza do terço chegando em procissão. Após as celebrações acontece a apresentação das crianças da catequese. No segundo dia, acontece a reza do terço às 15 horas. E no terceiro e último dia, há uma procissão da casa de uma moradora das proximidades que se prontifique a ceder sua residência e vai até a Capela de Santa Cruz, levando a cruz. (IPAC, 2023)

A senhora Rosana relatou que a capela de Santa Cruz marcou profundamente sua vida.

Ah, a importância é Jesus, né fia? É assim: eu amo a capela, sei que a capela é de Santa Cruz, a capela é de Jesus e de todos os santos que aqui habitam. Mas assim, eu tô fazendo pra Deus. Eu tô me doando... É o sentido, assim, de ser útil... pra alguma de Deus. Eu

sei que eu tenho que fazer um trabalho. Então, no momento, é o que Santa Cruz me determina, sabe? Me dedicar à igreja e, da igreja, me dedicar a quem precisar de mim, no que precisar e eu [es]tiver disponível. [...] Aqui eu adquiero a força; Aqui é a energia.

Para além do valor afetivo, representado na fala supracitada, a entrevistada também destaca o valor social e religioso da capela, como forma de agregar a comunidade e de suspender as tensões entre os participantes. Por fim, destaca que hoje em dia sente falta de maior mobilização e envolvimento da comunidade religiosa, sendo necessário envolver jovens e adultos dispostos a atuar religiosamente e assumir responsabilidades.

34. Capela de Nossa Senhora Aparecida, Rodeio



*Imagem 58: Capela de Nossa Senhora Aparecida
Local: Rodeio*



*Imagem 59: fachada da Capela de Nossa
Senhora Aparecida
Local: Rodeio*

*Imagem 60: interior da Capela de Nossa
Senhora Aparecida
Local: Rodeio*

No bairro Rodeio fica localizada a capela de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, inventariada em 2009 (EAU 67¹³), cuja história é similar à de outras que “mudaram de lugar”. A partir da entrevista realizada com a senhora Zilda de Oliveira Franco, com 62 anos de idade, moradora da região há quarenta e sete, e também de informações colhidas na referência bibliográfica utilizada, foi possível compor um panorama sobre sua história, usos e valorização da comunidade.

A história da capela teria iniciado em 1914, com a construção de um templo religioso dedicado à Nossa Senhora da Conceição Aparecida em outro local, no terreno do senhor Amado José de Oliveira:

¹³ O mesmo bem material foi identificado por duas fichas diferentes no inventário: EAU 67 (2010) e EAU 84 (2015). Fonte: IPAC, 2023.

A capela por ele construída tinha em torno de 60 metros quadrados. A pequena capela tinha uma única porta e não tinha janelas. O teto era arredondado e forrado. O piso era assoalhado. As escadas, que davam acesso à capela, eram em forma triangular, nos três lados, com sete degraus cada uma. Por dentro, era pintada de azul, com uma faixa branca; e por fora era toda azul, as cores de Nossa Senhora. O sino ficava bem em cima da porta. Havia somente dois bancos compridos nas laterais. O altar era revestido de madeira. Atrás do altar havia um nicho onde se venerava a imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida. Junto à imagem, eram deixados objetos e fotos das promessas. Nas paredes, havia muitos pregos, onde eram penduradas roupas de recém-nascidos, como pagamento de promessas. (PARÓQUIA, 2021, p. 102-103).

A imagem exposta na capela atual data, segundo informações descritas na própria capela, de 1921, e foi doada pelo senhor Ângelo Barsaqui após alcançar uma graça pedida à padroeira.

Dentre as atividades realizadas na capela antiga, foram encontradas referências às rezas ocorridas durante a festa de Santa Cruz no local. No entanto, de acordo com a entrevistada, não são realizadas festividades de Santa Cruz na capela atual, sendo seu uso voltado a missas quinzenais, terços, catequese, crisma e à festa em honra à padroeira. Assim, a capela, historicamente, possui relações com as tradições de Santa Cruz que se perderam com a mudança de local e as transformações ocorridas na sociedade ao longo do tempo. No entanto, a principal atividade realizada é a festa de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, bem imaterial inventariado em 2015 (BI 55), descrito da seguinte forma no documento:

Acredita-se que a primeira festa da paróquia tenha acontecido no ano de inauguração da capela, fundada em 1914. [...] As primeiras festas aconteciam em uma área cercada por taquaras de bambu, em terreno de chão batido, ao lado da antiga capela construída nas terras de propriedade do Sr. Amado José de Oliveira. [...]

Com o passar dos anos, as comemorações tornaram-se mais elaboradas. Em 1996, com a construção do barracão do salão paroquial as festividades ganharam um novo espaço. Foi criado o

CCP – Conselho Comunitário da Paróquia, responsável pelas atividades religiosas do bairro. As celebrações do período festivo têm início com a novena, que termina no dia 12 de outubro, quando se comemora o dia da padroeira. Há alguns anos, as novenas eram realizadas nas casas dos paroquianos. [...] O pároco do município faz a celebração da missa inicial e da missa de encerramento das festividades. Às 9 h do dia 12 de outubro, tem início a romaria, que parte do centro de Extrema, em direção ao Bairro do Rodeio. Ao longo do percurso, feito a pé, pessoas vão se juntando à procissão, conhecida como “Caminhada de Maria”. São três, os andores que fazem parte do cortejo. À frente, segue a imagem de São Benedito; ao centro, a imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida; e, por último, a imagem de São José. A procissão chega até a capela e, às 11 h tem início a missa final que conta com a participação de um grupo musical da região durante toda a celebração. A missa de encerramento é realizada na área do salão paroquial, para acomodar o grande número de fiéis presentes. O altar é montado no local, e a ornamentação é feita pelos paroquianos. Em seguida, no espaço do salão, é servido o almoço comunitário feito por voluntários, com doações recebidas da comunidade. Os alimentos doados são entregues aos membros do conselho comunitário, responsáveis pela organização das festividades ao longo dos dias de realização da novena. Às 15 h inicia-se a reza do terço, finalizando a novena de Nossa Senhora da Conceição Aparecida. As crianças presentes se dirigem para o salão e é feita a partilha de um enorme bolo, em comemoração ao dia das crianças. Para o custeio da festa, os organizadores contam com doações e patrocínio dos comerciantes e empresas estabelecidas no município. (IPAC, 2023)

A atual capela foi construída após a antiga ter sido demolida pelo novo proprietário. O terreno onde a capela de Nossa Senhora da Conceição Aparecida está atualmente localizada foi doado à Arquidiocese, informalmente em 1958, e a formalização ocorreu somente em 1981. A participação da comunidade é relatada tanto nas obras para ereção da capela quanto em sua manutenção e nas

mobilizações realizadas para as festividades. O histórico da ficha EAU 84 apresenta alguns detalhes sobre esse processo:

Após a morte do Sr. Amado, a capela ficou sob os cuidados de seu cunhado Antônio Borba. Em 1979, com a venda do terreno para Waldomiro Cardoso, a antiga capela foi demolida, e a imagem foi levada para a residência do Sr. Waldomiro. A comunidade se viu então, sem local onde pudesse se reunir para as celebrações religiosas. Foi quando, no ano de 1980, o Sr. Benedito Aparecido Bertolotti, o “Tica”, fez a doação de 400m² de parte da área de sua propriedade para a construção da nova capela. Essa doação foi registrada em cartório e, o registro, foi feito em nome do Santuário de Santa Rita de Extrema.

As obras foram custeadas com quantias obtidas através de doações e ações comunitárias organizadas pelos moradores da região. Os Sres. Waldomiro e Benedito Aparecido, se encarregaram da obra e, após a conclusão, a imagem da santa voltou a ocupar o altar da capela construída em sua devoção. Na época, foi construída apenas a capela. O piso era em cimento queimado vermelho e a edificação original não possuía sacristia e sala do sacrário. Esses espaços foram integrados à capela alguns anos mais tarde, não sendo possível precisar a data dessa ampliação. (IPAC, 2023)

A entrevistada informou que, atualmente, ela e o esposo, senhor Ulisses Pereira Franco, são os responsáveis pela coordenação das atividades realizadas na capela. Já haviam exercido a função anteriormente e, por volta de julho de 2023, retomaram. A senhora Zilda também relatou que, mesmo sendo uma capela bem estruturada, as pessoas tem preferência por realizar cerimônias como casamentos, batizados e outras nas igrejas do perímetro urbano de Extrema. Esta não é uma característica exclusiva desta capela, mas um movimento bastante comum em regiões afastadas do centro das cidades, uma vez que realizar tais ritos de passagem em lugares centrais traz status e um sentimento de pertencimento social.

Sobre a possibilidade de localizar alguma documentação sobre a capela, além dos textos afixados pela igreja, a entrevistada destacou uma pesquisa realizada pela Paróquia de Santa Rita de Cássia, em Extrema. Todavia, uma vez

que os dados de uma pesquisa realizada em 2021 compõem as referências bibliográficas utilizadas neste trabalho e que não são citadas as fontes documentais, mas apenas as orais, talvez não tenha sido encontrada documentação sobre a trajetória da capela de Nossa Senhora da Conceição Aparecida.

Finalmente, com relação à relevância do bem, a senhora Zilda destaca que o fato da capela estar localizada a pequena distância facilita o acesso da comunidade religiosa e o exercício da fé. Como em outros relatos, o componente social também foi destacado, colocando a capela como protagonista da vida social dos participantes. Ao final da entrevista, a senhora Zilda ressalta como a “vida” na capela é importante para as pessoas, mas também para a própria edificação: *Ah, esse bem valoriza pela comunidade, né? Porque, se não tem a comunidade pra vir na capela, não tem bem, né? E como [é] a gente que tá aqui sempre, limpando... Então eu acho que tudo isso faz parte da capela. É um modo de preservar, né?*

35. Capela de Santa Rita de Cássia, Roseiras



*Imagem 60: Capela de Santa Rita de Cássia
Local: Roseiras*



*Imagem 60: entorno da Capela de Santa Rita de Cássia
Local: Roseiras*

A senhora Marina, moradora e trabalhadora da propriedade, informou que a capela é devotada à Santa Rita de Cássia e foi construída pela proprietária há cerca de cinco anos devido à devoção, não tendo relação alguma com as tradições de Santa Cruz. Ao ser indagada sobre seu conhecimento das tradições de Santa Cruz, a informante afirmou ter conhecimento, tendo participado ativamente das festividades ocorridas no município de Joanópolis, São Paulo, durante sua juventude. A proprietária, presente durante a visita, se recusou a conversar com a pesquisadora ou fornecer outras informações sobre a história da capela.

36.Capela de Santo Antônio, Roseiras



*Imagem 61: Capela de Santo Antônio
Local: Roseiras*

A senhora Maria Belmira Alves Oliveira, com 60 anos de idade na data da entrevista, foi a última pessoa a fornecer um relato para o trabalho, haja vista ter perdido o esposo recentemente. O casal foi responsável pelos cuidados da capela de Santo Antônio de Roseiras por muitos anos, sendo que, segundo “dona Bel”, a história do templo religioso atravessa aproximadamente um século de existência. Em seu relato, ela aponta, inclusive, que a memória “dos antigos” dá conta do bairro Roseiras ter sido chamado, no passado, de Santo Antônio, ainda que informalmente.

Pra você ter ideia, dizem, meu marido contava, que essa capela de Santo Antônio era pertinho da Santa Cruz lá em cima! Era lá no alto! Diz que era lá em cima, depois o meu sogro, né, fez uma doação aqui embaixo e aí... Porque lá em cima, parece, eu nem lembro quem, diz que tinha deixado uma parte pra essa capela, mas como não tinha escritura, não tinha nada, eu acho que ele deve ter falecido e foi ficando, foi apertando, foi apertando... E o meu sogro, que já faz dezoito anos que faleceu, ele doou mil novecentos e trinta e seis metros aqui. Inclusive, era outra capelinha, isso eu já lembro. Era uma outra capelinha que ele construiu e aí depois foi feita essa capela maior, que hoje se torna pequena [risos]. Mas aí o meu sogro esses dois, quase dois mil metros e foi feita uma capelinha. Depois ela já estava bem assim, bem pequena e também a madeira foi ficando ruim e tudo. Aí então foi construída uma outra. Aí quando construíram essa eu já lembro.

De forma complementar, o histórico apresentado na referência bibliográfica utilizada fornece mais detalhes sobre os usos da capela anterior, situada próxima à capela de Santa Cruz (número 40):

Os “Oliveiras”, família tradicional do bairro, era proprietários de uma grande extensão de terras. Pelos anos de 1910, o Sr. Alfredo Marques de Oliveira, que era muito religioso, doou uma área de 3.000,00m² [sic] para a construção de uma Capelinha em louvor a Santo Antônio, por uma graça alcançada. No altar, foi colocada a imagem de Santo Antônio de Pádua, que é venerada até os dias de hoje. [...]

Todos os anos, no dia 13 de junho, na Festa do Padroeiro, os fieis se reuniam para a procissão, que percorria os arredores da “capelinha”, levando nos andores, Santo Antônio, São Benedito e Nossa Senhora Aparecida. Após a procissão, todos partilhavam de “comes e bebes”, doados pelos próprios familiares do bairro. [...] O povo desenvolveu o hábito de participar das rezas, de se reunir ao redor da capelinha, apesar das dificuldades de acesso, que piorava na época das chuvas. Por volta do ano de 1930, o sr. Alfredo Rita continuava sendo um dos grandes proprietários de terra e resolveu construir outra capelinha, em lugar de melhor acesso, depois de consultar a família e os habitantes do bairro. O lugar era mais plano, privilegiado com uma bela paisagem.

É possível observar, então, que a capela já havia “mudado de lugar” anteriormente e que, posteriormente, ocorreu a doação do senhor Aparecido de Oliveira e sua esposa, senhora Judite Bertolotti de Oliveira, sogros da senhora Maria Belmira.

Dando prosseguimento ao seu relato, a senhora Maria Belmira apontou não somente dados sobre a história da capela de Santo Antônio, mas trouxe informações sobre a formação da comunidade religiosa, uma realização, segundo ela, de uma

senhora chamada Isaura Machado, conhecida como “dona Zorica”. Primeira coordenadora da capela de Santo Antônio, há cerca de trinta e cinco anos, foi ela quem deu início a atividades periódicas, como rezas de terço semanais, catequese, realização de missas, acolhida dos párocos, entre outras ações.

Com o passar do tempo, foi observado o crescimento da comunidade em torno da capela e das necessidades que essa apresentava, o que se mostrava de forma mais nítida nos preparativos para a festa de Santo Antônio. Nesse momento, muitas pessoas efetuavam doações e se voluntariavam para que a realização da festa acontecesse da melhor forma possível.

Aí depois, quando veio essa dona Isaura, ela nos ensinou a fazer uma festinha arrecadando prenda e vendendo para angariar fundos para poder então... né? Aí nós construímos a capela. Nesse sentido, o marido dela, o seu Zé, saía pra pedir prenda, aí já foi feita uma festa maior. E aí já pediu uma ajuda pra prefeitura pra por um palco, um som, essas coisas. Na época arrumava, vinha. E daí pra cá ela ensinou a gente a fazer a festa para arrecadar. E aí então, depois, eles fizeram a capela. Quando eles foram [embora] daqui, a capela ficou arrumada por dentro. Porém, fora a capela não era rebocada, não era pintada nem nada. Aí, quando ela precisou ir embora, aí ela deixou, assim, uma semente, e eu fiquei na coordenação sem ser escolhida. “Aí a senhora por quê?”, Porque era mais próxima da igreja, a chave ficou aqui. Então não era assim, não era “Ah, vamos sentar e ver quem é que vai coordenar, quem que...”. Não. Ficou aqui porque eu era mais perto. E aí, como eu já gostava da igreja, aprendi a rezar com essa dona Isaura, e aí a minha filha gostava muito também... O meu marido não era de igreja, mas depois foi contagiado com a dona Isaura e com a minha ida e a minha filha. E, nisso, a gente ficou na coordenação mais de vinte anos, eu e ele. Aí saí da coordenação porque ele ficou doente então não podia, não dava, eu tinha que cuidar dele. E aí então, nesse tempo, a gente construiu, assim: duas salas de catequese, [...] duas cozinhas geminadas, um refeitório grande, duas salas... Fala sala de escritório mas não tem, exatamente, um escritório. Um banheiro interno, um

salão grande aonde faz o bingo e hoje faz missa lá porque não cabe na capela... Aí fizemos, construímos banheiro assim, três pros homens, três pras mulheres, separado. Essas coisas assim, aí foi ficando. Cimentamos o espaço, colocamos piso. Aí do lado de fora tem um salão grande que é o salão do pastel porque é lá que faz o pastel... Aí essa história eu sei, mas assim, dessa forma: fazendo festas, arrecadando prendas, pedindo patrocinadores.

Toda a estrutura construída ao longo dos anos possibilitou, simultaneamente, um aumento na frequência e quantidade de atividades realizadas, como é o caso das missas, que deixaram de ser celebradas mensalmente e passaram a ocorrer todos os domingos, além de três missas mensais: uma missa dedicada ao Sagrado Coração de Jesus toda primeira sexta-feira do mês, uma no primeiro sábado de cada mês e outra todo dia 13, em honra ao padroeiro. Ademais, foram acrescentadas as celebrações da Semana Santa, dois terços semanais – das mães e dos homens -, atividades de catequese, campanha da fraternidade, entre tantas outras, resultando na divisão do bairro por setores, para que toda a comunidade possa participar e ser acolhida.

Durante a realização da entrevista, a dedicação da senhora Maria Belmira em lembrar os feitos, atividades, melhorias e usos demonstrou a relevância afetiva da capela de Santo Antônio para a entrevistada que, além de ter atuado ao longo de vinte anos como coordenadora, foi testemunha das relações de sua família com os aspectos materiais e imateriais que permeiam a devoção ao padroeiro. Ao mesmo tempo, seu relato evidencia, também, o interesse, a valorização e a importância não apenas da capela, mas da comunidade construída por meio dela, para os moradores católicos do bairro Roseiras. O aumento das atividades também indica um crescimento na quantidade de pessoas que atendem aos serviços religiosos, a ponto de estar em discussão, atualmente, a necessidade de se construir uma nova capela no local, ainda maior. Finalmente, apesar de a capela de Santo Antônio, ao longo de seus 113 anos de existência, não fazer parte das tradições de Santa Cruz, ela evidencia um processo contrário ao de muitas edificações religiosas, no sentido de agregar e acolher a comunidade na qual está inserida.

37. Capela de Nossa Senhora Aparecida, Roseiras

	
<p><i>Imagem 62: Capela de Nossa Senhora Aparecida Local: Roseiras</i></p>	<p><i>Imagem 63: fachada da Capela de Nossa Senhora Aparecida Local: Roseiras</i></p>
	
<p><i>Imagem 64: interior da Capela de Nossa Senhora Aparecida Local: Roseiras</i></p>	<p><i>Imagem 65: Capela de Nossa Senhora Aparecida (detalhe janela) Local: Roseiras</i></p>

No terreno em frente à casa da senhora Maria Donizeti de Oliveira Dini, com 58 anos de idade na data da entrevista, está localizada uma pequenina capela em formato circular, devotada à Nossa Senhora Aparecida. Segundo as informações fornecidas, ela foi construída há cerca de 30 anos como forma de devoção por parte do irmão da entrevistada, que fez à mão seu altar.

Com o falecimento do irmão, a senhora Maria Donizeti assumiu a responsabilidade de cuidar e manter a capela, tanto em honra à sua memória quanto pelo interesse da filha e da netinha nas tradições religiosas católicas. Seus usos

sempre foram reservados à família e estão voltados à realização de orações particulares, terços e rezas realizados próximo à data de celebração de Nossa Senhora Aparecida, não tendo recebido celebrações de missas ou festas em honra à padroeira. A entrevistada relatou, também, que houve procissão uma única vez, quando seu irmão ainda era vivo.

Sobre a relevância da capela, foi informado que o local possui uma simbólica pela memória do irmão falecido, mas que também é um local afetivo para as mulheres que se reúnem para rezar. A entrevistada ressaltou o desejo de manter a capela limpa, com sua estrutura e passagem bem cuidadas para que não haja deterioração, haja vista que já alcançou diversas graças por intervenção de Nossa Senhora Aparecida. Finalmente, a senhora Maria Donizeti afirmou que a capela, desde sua ereção, foi devotada à Nossa Senhora Aparecida e não teve relações materiais ou imateriais com as tradições de Santa Cruz.

38. Capela de São José, Roseiras



*Imagem 66: Capela de Nossa Senhora
Aparecida
Local: Roseiras*

A capela de São José fica localizada em um empreendimento particular, o pesqueiro Pingo D'Água de Deus, pertencente à senhora Rosilda Maria de Souza, com 52 anos de idade na data da entrevista. Ela contou que conhece o local há cerca de dezessete anos, tendo adquirido a propriedade há oito anos do senhor Benésio. Desse modo, a entrevistada não soube dar detalhes sobre a origem da capela, informando que o antigo proprietário era muito devoto de São José. Também afirmou que, de acordo com seu conhecimento, não existem evidências que apontem para possíveis relações da capela com as tradições de Santa Cruz.

Sendo a propriedade um local de atendimento ao público e lazer, a senhora Rosilda informou que a capela possui diversos usos, incluindo orações particulares, de visitantes, clientes, familiares e vizinhos devotos de São José. Também relatou que já ocorreram celebrações de missas em diferentes ocasiões e, até mesmo, encontros realizados pela comunidade da capela de Santo Antônio no dia de São José.

A entrevistada comentou perceber que existe um interesse da comunidade local na manutenção e preservação do bem e que ela mesma não possui nenhuma intenção de descaracterizar ou, até mesmo, desmanchar a capela. Dentre as razões, ela citou o fato de acreditar que foi por intercessão de São José que conseguiu adquirir a propriedade e que tem um afeto imenso tanto pelo local como um todo quanto pela capela em particular. No tangente à comunidade, afirma que as pessoas que professam a fé católica na região reconhecem o local como um espaço

importante para as práticas religiosas individuais, como pedidos, agradecimentos e orações particulares.

39. Capela de São João e São Pedro, Roseiras



*Imagem 67: Capela de São João e São Pedro
Local: Roseiras*



*Imagem 68: interior da Capela de São João e
São Pedro
Local: Roseiras*

A capela de São João e São Pedro, inventariada em 2014 (EAU 83), foi construída pelo senhor Sebastião Lipi por volta de 40 anos atrás devido à intercessão dos padroeiros, que o agraciaram após uma promessa. Desse modo, o templo religioso foi erigido no terreno do próprio senhor Sebastião, como foi relatado por sua filha, a senhora Etelvina Pereira Lipi, com 82 anos de idade, e sua neta, Maria Benedita de Oliveira, com 53 anos de idade. Moradoras do local ao longo de toda a vida, refutam a hipótese de que a capela possua ligação com as tradições de Santa Cruz, especialmente em função da construção ter sido motivada em função do pagamento da promessa. No entanto, a senhora Etelvina sinalizou que o pai contava, quando ela era criança, que no local já existiu outra capelinha, mas não se recordou a devoção ou detalhes que pudessem indicar ou descartar a tradição de Santa Cruz no local.

Na ficha de inventário do bem cultural, a relação da capela com a fé do senhor Sebastião Lipi:

Segundo relatos de Dona Etelvina Pereira Lipi, em meados da década de 1950, quando buscava conseguir recursos para a compra de um terreno onde pudesse construir a casa para moradia de sua

família, seu pai, o Sr. Sebastião Lipi, fez uma promessa a São Pedro. O lavrador prometeu ao santo que, caso conseguisse alcançar seu objetivo, construiria no próprio terreno da casa uma capela em sua homenagem como agradecimento à graça alcançada.

E, assim, foi erguida a capela de São Pedro na década de 1950, pelas próprias mãos e com recursos do Sr. Sebastião, que nas horas de folga se dirigia ao local à frente de sua nova residência para cumprir a promessa feita ao santo. Com o próprio barro retirado do terreno onde seria construída a capela ele fabricou os tijolos de adobe da obra, que em pouco tempo tomou forma. Todos os anos, no dia 29 de junho, Sebastião realizava na capela a reza em louvor a São Pedro e, pela proximidade da data festiva em homenagem a São João, as rezas também eram dirigidas à este, como prova de devoção aos santos. (IPAC, 2023)

A senhora Etelvina compartilhou que, ao longo de toda a sua vida, foram realizadas festas no mês de junho em honra aos padroeiros, cujas datas comemorativas são próximas. Na ocasião, as matriarcas da família planejavam as festividades – primeiro a avó da senhora Etelvina e depois a mãe – e as mulheres se organizavam para a produção de diversas comidas para alimentar os devotos.

[Maria Benedita]: A vó fazia [festa]. Sabia o quê que a vó fazia? Ela fazia um barracão aqui fora, ó, isso eu lembro. Não tem a fornalha aqui atrás? A gente vinha ajudar, eu morava aqui do outro lado. A gente vinha ajudar ela a fazer pão, bolo de amendoim e biscoito de polvilho pra dar pro povo comer à noite. Era a reza de São...?

[Etelvina]: Ah, era a reza de São Gonçalo, né? Mas que o pai fez mesmo a igreja, foi pra São João e São Pedro...

Os tradicionais dançadores de São Gonçalo faziam as “rezas cantadas” em forma de homenagem à São Pedro e São João. Outro ponto de destaque eram os andores,

ornamentados, que montados na estrada para uma pequena procissão que saía de um pequeno altar montado “na beira do caminho” e seguia até à capela.

Após o falecimento da mãe, a senhora Etelvina não encontrou forças para dar continuidade à realização das festas, comprometendo-se com a manutenção do espaço físico da capela, como forma de honrar a memória dos pais. Assim, com a extinção das festividades, o local tornou-se cada vez mais privado, utilizado apenas pela família para orações particulares. Em consulta ao IPAC (2023), foi atestada a relevância das tradições ocorridas na capela, uma vez que a Reza de São Pedro e São João foi inventariada em 2015 (BI 53), sendo descrita da seguinte forma no documento:

Segundo relatos de Dona Etelvina Pereira Lipi, responsável pela celebração, seu avô Marcolino Lipi era devoto fervoroso de São Pedro, e também de São João. Todos os anos, no dia 29 de junho, organizava a reza em homenagem aos santos de sua devoção, na casa de barro onde morava com a família, no Bairro da Roseira. Depois que Marcolino faleceu, em época não precisada, seu filho Sebastião Lipi manteve a tradição, conforme era desejo do pai. [...] Todos os anos, no dia 29 de junho, conforme havia lhe pedido o pai, Sebastião realizava na pequena capela a reza em louvor a São Pedro e, pela proximidade da data festiva em homenagem a São João, as rezas também eram dirigidas à ele, como prova de devoção aos santos. [...]

A reza é conduzida pelos ‘puxadores de reza’, membros da comunidade local. Ao longo dos anos, os “puxadores da reza” foram sendo substituídos. Já fizeram parte desse grupo duas comadres de Dona Etelvina, as senhoras Custódia e Belmira, além de outros moradores locais e familiares. Desde 2011 as rezas têm início com o Sr. Lourival, capelão local e sua esposa Cida, cujos sobrenomes não foram precisados. Não são usados trajes específicos durante a cerimônia. A ornamentação da capela e a organização da cerimônia, por sua vez, são de responsabilidade de Dona Etelvina, que recebe ajuda dos familiares. (IPAC, 2023)

Dentre os fatores de relevância da capela, foram destacados dois aspectos principais: o primeiro, mencionado anteriormente, é o valor simbólico e afetivo da capela, que extrapola o seu valor religioso, tornando-se um lugar de memória pessoal para a senhora Etelvina e seus familiares; o segundo, por sua vez, se refere ao valor religioso e histórico, garantido por meio da preservação do bem pela família e renovado pelo interesse da comunidade católica local.

40. Capela de Santa Cruz, Roseiras



*Imagem 69: Capela de Santa Cruz
Local: Roseiras*



*Imagem 70: interior da Capela de Santa Cruz
Local: Roseiras*

A capela de Santa Cruz do bairro Roseiras está situada bem no alto, ladeada por um cruzeiro instalado recentemente. Infelizmente, não foi possível contatar a atual responsável pelo local, senhora Maria Donizete de Oliveira, filha do senhor Benedito Aparecido de Oliveira, antigo zelador da capela.

As informações aqui apresentadas são fruto do relato da senhora Maria Belmira Alves Oliveira, entrevistada sobre a capela de número 36, com complementações feitas a partir de uma conversa informal com a senhora Maria Oliveira, viúva do senhor Benedito, falecido em 1986. No entanto, não foi possível realizar a entrevista com a senhora Maria Oliveira pois, devido a questões de saúde e idade, não conseguiu fornecer informações precisas sobre os acontecimentos que relatou.

Não foi possível estimar a data de construção da capelinha, mas ambas as fontes orais destacaram que a edificação seria “muito antiga”. A senhora Maria Belmira rememorou que seu tio, o senhor Benedito, levava os jovens da família para rezar o terço no dia da Santa Cruz quando ela tinha 15 anos, em meados da década de 1970. Todavia, no relato da senhora Maria Oliveira há a indicação da capela ser ainda mais antiga, tendo sido construída pelos tios de seu falecido marido.

A devoção à Santa Cruz, desse modo, aparece como uma tradição que atravessou a família Oliveira por gerações, chegando até o momento de instalação do cruzeiro, no ano de 2017.

O padre Robson, que é o nome do padre, Robson Aparecido de Oliveira da Silva, ele trabalhava como vigário aqui na paróquia [de] Santa Rita. E aí, ele vinha muito celebrar aqui, porque nós, Roseiras, participamos do Santuário de Santa Rita. Que a outra paróquia, de São Cristóvão, é dividida quem é da Fernão Dias pra lá, participa lá. Então, ele trabalhava como vigário, na época, aqui, no Santuário de Santa Rita. E ele celebrava muito aqui. Daí, a gente ia tá celebrando a Semana Santa, nesse ano, aqui [em Roseiras] e ele falou assim: “Uai, vamos olhar!”. E ficou olhando. “Vamos olhar onde que a gente pode por um cruzeiro, uma cruz, pra gente fazer a procissão de sexta-feira de manhãzinha. Vamos olhar!”. E aí meu marido, tava aqui né, aí eles olharam pra lá, olharam pra cá, e não é que ele olhou e achou bonito lá? E aí eu achei assim que foi muito interessante porque é um lugar que já falava [da] Santa Cruz, a igrejinha de Santa Cruz. Então foi interessante na época... E aí eu falei com meu marido: “Nossa, olha pra você ver. A gente ficou olhando e falando pra ele que ele decidiu né? E ele escolheu exatamente onde a gente ia com o padrinho rezar o terço lá...” Então, assim, parece que ficou uma coisa, né? E aí, [...] ela tem a lâmpada assim azul, era só azul, quatro lâmpadas azul, e aí depois acabou que trocou, não sei se queimou, alguém de lá colocou verde nos braços e em cima, azul. Então à noite você olha e você fala “Ah, tem uma cruz lá!”, né? Que ele pediu pra gente iluminar.

Ainda sobre a colocação do cruzeiro, é importante destacar que os responsáveis pela confecção da cruz foram o irmão e o marido da senhora Maria Belmira, que a fizeram sem o auxílio de pregos, mas apenas por meio de encaixes na própria madeira.

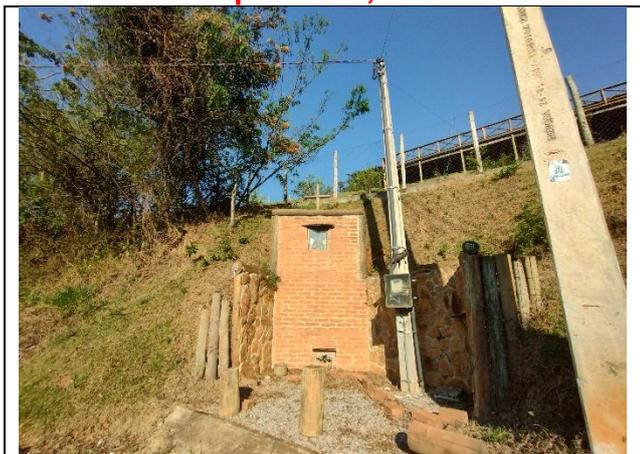
Para além do uso para os ritos da Semana Santa, como indicado na transcrição acima, que atesta também uma relação com a capela de Santo Antônio, no bairro Roseiras, também é possível inferir que ela possui usos pela comunidade católica, principalmente voltados aos terços rezados no local, como relatado pela

senhora Maria Belmira. Sobre festas ocorridas em celebração ao 3 de maio, a entrevistada afirmou ter ouvido falar que ocorriam antigamente, mas ela não se recorda de ocorrências nos quarenta e cinco anos em que mora no local.

*A capelinha da Santa Cruz, um padrinho meu, ali debaixo, que ele levava nós pra rezar lá. E depois, ele [que] faleceu, nós, inclusive a filha dele que arruma todo ano. Ela vai e faz o papelzinho [referindo-se à tradicional decoração de flores de papel], sabe? Então é ela. [...]
No dia de Santa Cruz mesmo, todo três de maio, ela sobe antes pra preparar e deixar a Cruz coloridinha.*

A relevância da capela para a comunidade atravessa a família das entrevistadas, como já relatado, mas também perpassa a própria comunidade, que se interessa pelo bem e por sua manutenção. Mesmo não tendo sido possível conversar com a atual responsável pelo local, a transmissão do cuidado da capela, passado de pai para filha atesta a continuidade e a relevância afetiva da Santa Cruz de Roseiras. Finalmente, é possível inferir, ainda, que a capela teve sua importância religiosa e social reafirmada com o levantamento do cruzeiro a seu lado, favorecendo a partilha do conhecimento de sua história e tradições entre a comunidade do bairro.

41. Atribuição a Nossa Senhora Aparecida, Salto de Baixo



*Imagem 71: Nossa Senhora Aparecida
Local: Salto de Baixo*

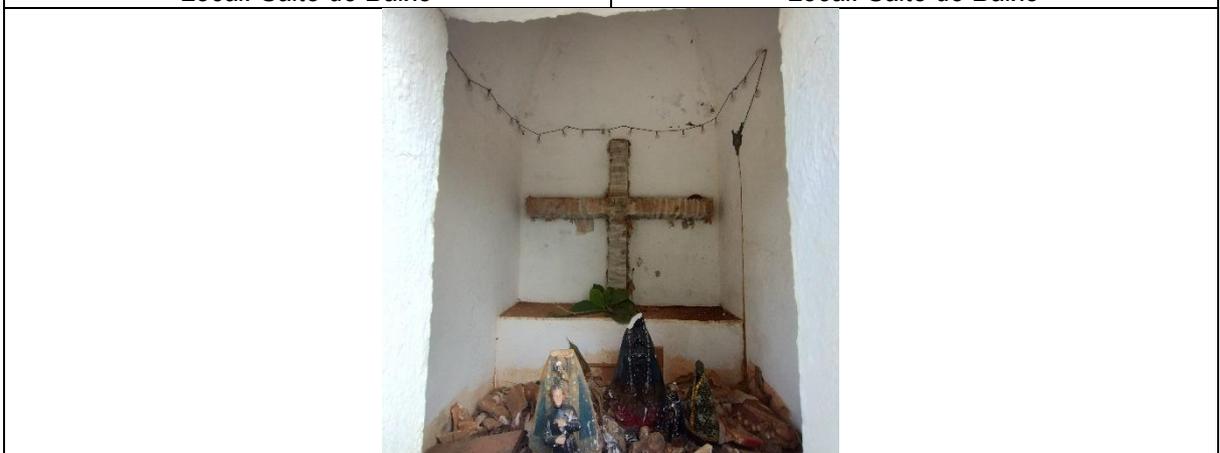
Situada em Salto de Baixo, foram realizadas duas tentativas de contato no local, nos dias 20/09/23 e 21/09/23, respectivamente. A propriedade mais próxima encontrava-se completamente fechada e sem vizinhos que pudessem informar sobre possibilidade de contato com os proprietários ou motivos de construção e história.

42. Capela de Santa Cruz, Salto de Baixo



*Imagem 72: Capela de Santa Cruz
Local: Salto de Baixo*

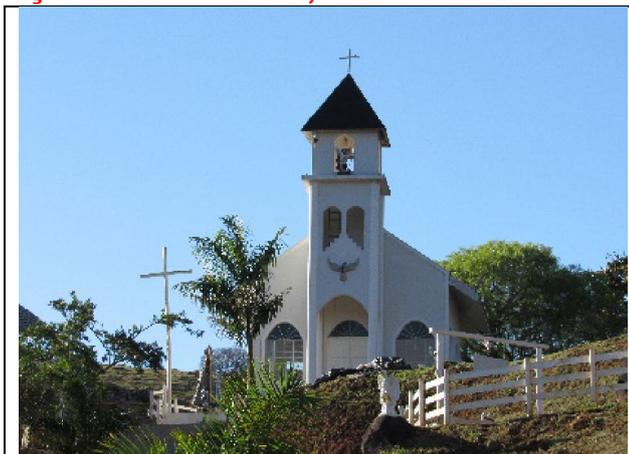
*Imagem 73: entorno da Capela de Santa Cruz
Local: Salto de Baixo*



*Imagem 73: interior da Capela de Santa Cruz
Local: Salto de Baixo*

Situada em Salto de Baixo, foram realizadas duas tentativas de contato no local, nos dias 20/09/23 e 21/09/23, respectivamente. Na propriedade mais próxima, a pessoa encontrada informou não saber sobre a história do local e, em entrevistas sobre capelas próximas, as pessoas não souberam relatar as razões de sua construção nem sua história.

43. Capela de atribuição desconhecida, Salto de Baixo



*Imagem 74: Capela de atribuição desconhecida
Local: Salto de Baixo*

Situada em Salto de Baixo, dentro de propriedade privada denominada Rancho Benjamin “Beijinho”, foram realizadas duas tentativas de contato no local, nos dias 20/09/23 e 21/09/23, respectivamente. Na primeira visita, os funcionários informaram que somente poderiam autorizar a entrada com a presença do proprietário, que estaria no local no dia seguinte. Todavia, retornando como combinado, o senhor Ricardo não estava presente, não sendo possível visitar a capela, nem colher informações acerca de sua construção e história.

44. Capela de São João, Pessegueiros



O senhor Reinaldo José Caetano, com 50 anos na data da entrevista, é caseiro do sítio mais próximo da capela de São João há cerca de 23 anos. Morador da região por toda a vida, relatou que a capela já existia quando nasceu e que, de acordo com histórias que cresceu ouvindo, ela teria, aproximadamente, 70 anos. O pai do senhor Reinaldo, caseiro na mesma propriedade antes do filho, relatava histórias sobre a capela ter sido construída como pagamento de promessa pelo dono do terreno onde está situada, justamente pela aquisição da propriedade. Dentre as memórias relatadas pelo pai do entrevistado, destaca-se o fato da capela não possuir uma função social após sua construção.

Aqui foi só feita a capelinha e a turma que regia lá... Tinha uma senhora que cuidava dela, rezava ela mesmo lá dentro, queimava vela, essas coisas, né? [...] Ah, nos tempos antigos tinha [reza de terço], fia. E agora não tem mais. Tem tempos, depois que morreu o dono, acabou tudo. Acabou, os filhos só quer destruir tudo.

De acordo com as informações fornecidas pelo senhor Reinaldo, antes da ereção da capela não havia vestígios de outras capelas ou elementos religiosos no local, sendo uma região de mata com muita presença de sapês que, ao longo do tempo, foi transformada em pasto pelo proprietário. O entrevistado também descartou a possibilidade de a capela estar atrelada às tradições de Santa Cruz, que

relatou conhecer intimamente, haja vista que sua família seria a responsável pela capela de número 45.

Na referência bibliográfica utilizada para este trabalho, há uma breve menção à construção de uma capela devotada à São João Batista no bairro Pessegueiros.

Diz o Livro Tombo [sic] que o Sr. José Salvador, dono de uma venda no bairro, preocupado com a pouca participação do povo na Igreja [referência à capela de São Benedito, nos Pessegueiros], resolveu construir uma segunda capela, em suas terras, em honra a São João Batista. (PARÓQUIA, 2021, p. 169).

Não foi possível atestar se o texto fala da capela de São João aqui apresentada mas, tendo em vista que não foram identificadas outras capelas atribuídas ao padroeiro no bairro, é sustentada a hipótese para futuras pesquisas.

45. Capela de Santa Cruz, Pessegueiros



*Imagem 77: Capela de Santa Cruz
Local: Pessegueiros*



*Imagem 78: entorno da Capela de Santa Cruz
Local: Pessegueiros*

As informações sobre a capela aqui apresentada foram fornecidas pelo mesmo entrevistado para as capelas 44 e 46, senhor Reinaldo José Caetano. Numa obra do acaso, como acontece frequentemente em trabalhos de campo, a entrevista foi iniciada a partir de um objeto diferente (no caso, a capela 44). Em meio à explicação sobre o escopo da pesquisa ser voltado às tradições de Santa Cruz, foi descoberto que a capela 45 foi construída em função do falecimento do avô do entrevistado, o senhor Antônio Alves.

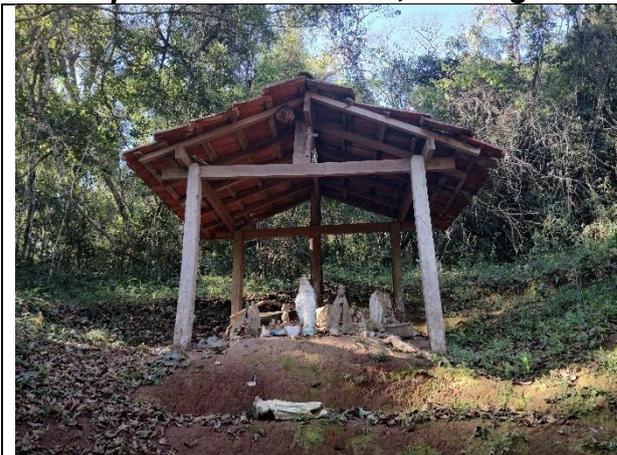
O vô foi caçar, que no tempo dos antigo caçava muito. Foi atirar no bicho, estourou a espingarda e pegou no meio da testa. Aí fizeram a capelinha, todo dia cinco de setembro a gente faz a reza.

Apesar de não saber o ano exato do falecimento do avô, é possível que tenha ocorrido entre 70 e 80 anos atrás, a estimar pela idade do entrevistado e pelo fato do senhor Antônio ter falecido quando a filha, mãe do senhor Reinaldo, tinha apenas 4 anos de idade. A tradição foi iniciada, assim, pela avó do entrevistado, seguida pela mãe até o seu falecimento. De acordo com o senhor Reinaldo, dentro da capela havia um pequeno retrato do avô e, esporadicamente, eram encontradas pedras no local como sinal de passagem de devotos, de pedidos e agradecimentos realizados à Santa Cruz ou mesmo de sinal de respeito ao falecido.

O entrevistado comentou que foi instalada a grade de proteção após a família ter encontrado resquícios de outras práticas religiosas no local que não condizem com sua fé. Porém, mesmo assim, a presença de “serelepes” (esquilos) faz com que muitas vezes as imagens sejam quebradas ou haja acúmulo de sujidades. Foi relatado ainda que, quando a mãe do senhor Reinaldo era viva, na época de celebração do aniversário de morte do senhor Antônio, ela confeccionava diversas flores de papel de cores variadas para ornamentar a capelinha, seguindo a tradição da Santa Cruz em Extrema.

Com o falecimento de sua mãe, o senhor Reinaldo comentou que a tradição foi perdendo força, seja no tangente à manutenção do espaço, seja no aspecto religioso das rezas ocorridas no dia 5 de setembro. Porém, o entrevistado afirmou o desejo de continuar mantendo o espaço e difundindo a tradição da Santa Cruz no local, especialmente pelo valor afetivo atribuído à capela. A relevância do local se deve, em especial, pelo fato de manter viva a memória do avô por meio de uma tradição religiosa.

46. Capela de Santa Cruz, Pessegueiros



*Imagem 79: Capela de Santa Cruz
Local: Pessegueiros*



*Imagem 80: entorno da Capela de Santa Cruz
Local: Pessegueiros*

O mesmo entrevistado das capelas 44 e 45, senhor Reinaldo José Caetano, forneceu as poucas informações encontradas sobre a capela de Santa Cruz situada às margens da estrada, no bairro Pessegueiros. Seu relato traz à tona o imaginário das “almas perdidas”, muito presente nas tradições de beira de estrada do catolicismo popular, como apontado no item B deste trabalho.

Segundo as informações fornecidas pelo senhor Reinaldo, a capela de Santa Cruz aqui apresentada foi erigida após um assassinato. Sem hipótese de data, o entrevistado contou que, após o crime, o corpo da vítima foi jogado no rio Camanducaia, que corre ao lado da estrada. Para demarcar o local onde os restos mortais foram encontrados, a capela foi levantada do outro lado da estrada. No entanto, o senhor Reinaldo afirmou desconhecer os responsáveis pela construção da capela, uma vez que nunca viu ninguém mantendo ou cuidando do local. Esse abandono da capelinha resultou na criação de uma dinâmica de “adoção da capela”, pois uma vez que a capela número 45 foi levantada em homenagem ao avô do entrevistado em local bastante próximo, a família do senhor Reinaldo realiza a manutenção de ambas.

Como relatado no histórico anterior, a mãe do senhor Reinaldo tinha o costume ornamentar a capela 45 com flores coloridas de papel e acabava produzindo flores a mais para serem colocadas na capela 46, mantendo e ornamentando o local para que as duas ficassem limpas e bem cuidadas.

Atualmente, assim como a capela 45, ela não possui manutenção ou atividades, haja vista o falecimento da mãe do senhor Reinaldo ter acarretado a interrupção da tradição. Todavia, do mesmo modo, o entrevistado gostaria de retomar os cuidados e reavivar a tradição de Santa Cruz na capelinha.

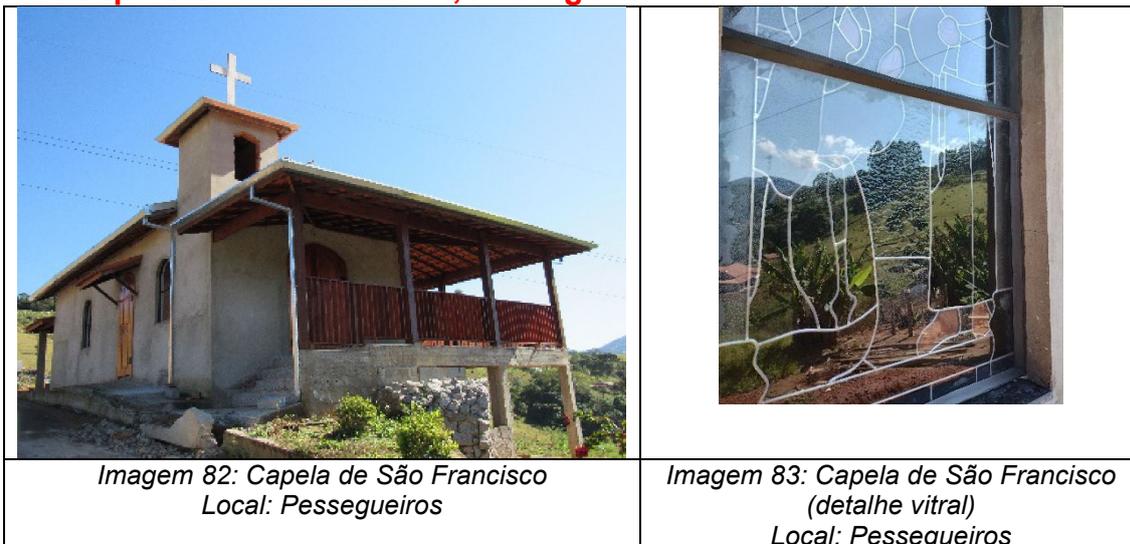
47. Capela de Santa Cruz, Pessegueiros



*Imagem 81: Capela de Santa Cruz
Local: Pessegueiros*

O senhor Reinaldo José Caetano, entrevistado sobre as capelas 44, 45 e 46 relatou que a capela de Santa Cruz aqui apresentada possuía tradições de festas e terços rezados no local. Porém, não soube informar quem são os responsáveis pela manutenção e atividades, nem detalhes sobre sua história e origem. Desse modo, o local foi visitado em três ocasiões diferentes: 15/09/2023, 19/09/2023 e 25/09/2023, mas não foram encontradas pessoas de referência que pudessem complementar as poucas informações encontradas.

48. Capela de São Francisco, Pessegueiros



Segundo informações fornecidas pela vizinha da construção, não haviam indícios de outras capelas menores antes da construção. O responsável pela obra, senhor Joaquim, foi encontrado por acaso durante o trabalho de campo e informou que a capela é atribuída a São Francisco de Assis por conta do falecimento de entes queridos de sua família. Apesar de ter fornecido um telefone de contato, o número estava incorreto e não foi possível agendar uma entrevista para colher mais dados sobre o local. Desse modo, não se pode confirmar se esta construção possui alguma relação com as tradições de Santa Cruz.

49. Capela de atribuição não identificada, Pessegueiros



*Imagem 84: Capela de atribuição não identificada
Local: Pessegueiros*

O local foi visitado em três ocasiões diferentes: 15/09/2023, 19/09/2023 e 25/09/2023 e, na última, foi recebida a informação por meio de vizinhos de que a proprietária, senhora Rosângela, reside em São Paulo e vai ao sítio esporadicamente. Deste modo, não foi possível colher informações acerca de sua história.

50. Capela de São Benedito, Pessegueiros



*Imagem 85: Capela de São Benedito
Local: Pessegueiros*

As informações sobre a história da capela de São Benedito, situada no bairro Pessegueiros, foram extraídas da referência bibliográfica utilizada, uma vez que as três pessoas de referência encontradas para possíveis entrevistas, senhora Edna, senhor Deusdete e senhora Rose, se mostraram indisponíveis. Ao mesmo tempo, indicaram o texto como fonte confiável, recomendando tanto a leitura de uma edição publicada em jornal no ano de 2012 quanto do livro “O povo conta sua história” (2021). No entanto, ao comparar as versões, foi percebido que se trata do mesmo texto, o que abre uma lacuna de onze anos (2012 a 2023) na história do bem

cultural. Ainda assim, é possível extrair importantes detalhes de sua origem e fundação, como no trecho a seguir:

Desde a 2ª. [sic] década do século passado, por volta do ano de 1917, o Bairro dos Pessegueiros vem recebendo a proteção de São Benedito, como padroeiro da comunidade. A primeira capela em sua honra foi construída pelo Sr. Antonio Ribeiro Costa e pela sua esposa Dona Ambrosina de Moraes Costa, nas terras que seriam, posteriormente, da Família Stefani. [...] Atualmente, a empresa GM COSTA é a proprietária dessas terras, conservando, ainda, a capelinha como uma relíquia dos tempos passados.

O texto afirma, ainda, que com o passar do tempo, o acesso ao local onde a capelinha anterior está situada tornou-se cada vez mais precário, resultando na mobilização popular pela construção de um novo templo religioso. O casal Geraldo Marques de Oliveira e Maria Marques de Oliveira foi responsável pela doação do terreno para a Arquidiocese de Pouso Alegre onde foi erigida a capela atual. Dentre as poucas informações fornecidas pelas pessoas de referência, é possível complementar a história da construção da capela atual:

Na realidade, ela [a capela de São Benedito] veio pra cá pra pagar a [capela] de lá que eles [a empresa] desapropriou, né? A empresa comprou a área pra fazer galpão e desapropriou. E a empresa mesmo que construiu do lado de cá. E tudo pertencia ao Santuário [de Santa Rita] na época, faz pouco tempo que desmembrou. Que a [igreja de] de São Cristóvão virou paróquia, né? Aí dividiu.

Não foram encontradas informações sobre a data de inauguração da capela, mas apenas sobre o lançamento da pedra fundamental, realizado em 2003. A referência aponta, também, os usos e atividades do local, como: missas mensais, grupos de oração e catequese, como é comum nos casos de capelas “de bairro”. Mesmo com a desatualização das informações, é observada a importância da capela para a comunidade, como visto em outros casos, no sentido de agregar religiosa e socialmente aqueles que professam a fé católica.

51. Capela de Nossa Senhora Aparecida, Juncal



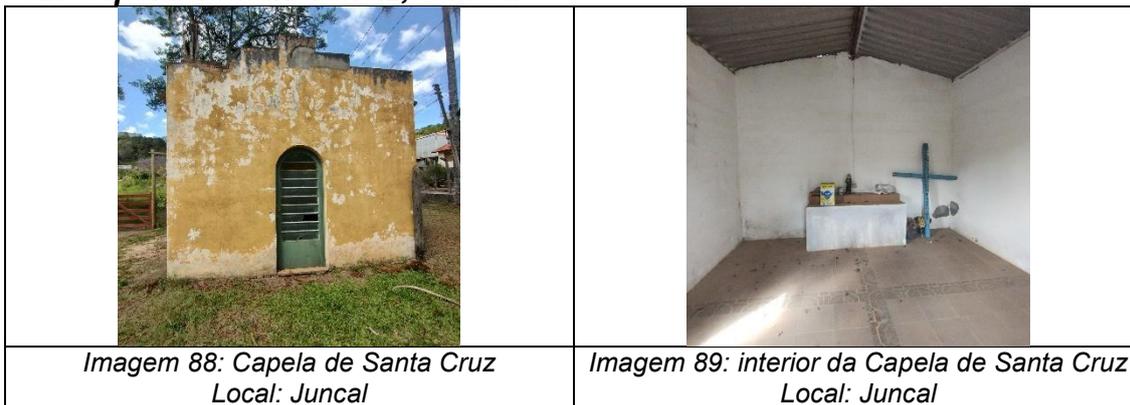
*Imagem 86: Capela de Nossa Senhora
Aparecida
Local: Juncal*



*Imagem 87: Capela de Nossa Senhora
Aparecida
Local: Juncal*

De acordo com informações fornecidas pelo casal de caseiros da propriedade, a capela foi construída em 2021 e, até aquele momento, não havia sido inaugurada. Os caseiros informaram, ainda, que não havia vestígios das tradições de Santa Cruz no local antes da construção da capela, cuja ereção foi motivada por devoção da família proprietária à Nossa Senhora Aparecida.

52. Capela de Santa Cruz, Juncal



Para a localização das informações sobre a capela de Santa Cruz, situada na beira da estrada, em Juncal, foram necessárias duas visitas. Na primeira, no dia 13 de setembro, foi identificado o proprietário do terreno, o senhor Joaquim. Todavia, ao realizar uma conversa prévia, foi identificado que o dono do terreno não detinha informações sobre a história da capela, os motivos de sua construção ou as atividades realizadas, haja vista que a aquisição da propriedade ocorreu há cerca de 7 anos. Em uma segunda visita ao local, no dia 16 de setembro, foi indicado como pessoa de referência o senhor José Rodrigues, com 84 anos na data da entrevista que, com o auxílio dos familiares João Lopes e Jacira Lopes, rememorou importantes fatos sobre o templo religioso.

Quem construiu foi o doutor José [incompreensível] Pontes¹⁴, o dono da casa ali, desse terreno ali. Esse terreno aqui era do meu tio, do José, filho de João Luiz. Meu tio, tio da minha mulher, né? Do meu avô. O terreno todo era dele. Morava lá em Perus. José Escafoni comprou, aí ele foi lá e vendeu. Aí vendeu o terreno aí pro compadre Paulo [...]. Mas quem fez a igreja foi o Zé Escafoni, ele morou muito tempo aí. [...] Ele construiu porque um tal de Zé Luzia que morava ali, um velho ali, então parece que morreu uma pessoa ali perto daquela árvore ali [aponta para a árvore ao lado da capela]. Morreu uma pessoa ali e ele [o senhor Zé Luzia] fez uma igreja de Santa Cruz. Pôs lá a Santa Cruz e fez a igreja. Era até de barro, não sei, de coisa... Não era tijolo, era de barro mesmo. Depois o Zé Escafoni comprou aí, aí construiu a igreja e desmanchou a Santa Cruz e pôs a igreja aí, pôs a Nossa Senhora, a padroeira aí, né?

¹⁴ Ao longo do relato, o entrevistado altera a forma de pronúncia do sobrenome do homem citado. Nesta transcrição, as várias formas são citadas a fim de possibilitar futuras identificações da pessoa indicada.

O senhor José Rodrigues estimou que a construção atual tenha cerca de 20 anos, mas que a capelinha de barro era bem anterior, com cerca de 80 anos. A sobrinha do senhor José, senhora Jacira, também vizinha da capela e interessada em seu funcionamento e história, se preocupou com o abandono da capelinha e guardou a imagem de Nossa Senhora Aparecida que ficava no local, até o atual proprietário, senhor Joaquim, solicitar a devolução.

Foram relatadas diversas disputas pelo espaço ocupado pela capela de Santa Cruz, haja vista ela encontrar-se exatamente na divisa da Chácara Santo Antônio com o terreno do senhor Joaquim. Todos os entrevistados e o próprio dono do terreno informaram que o antigo proprietário da chácara, falecido em função de assassinato, havia entrado em uma contenda com o senhor Joaquim por conta da capelinha. Com a morte do senhor “Anjinho”, o senhor Joaquim reivindica o espaço como seu. Todavia, os entrevistados relatam que não foram realizadas melhorias na capela, o que pode ser nitidamente comprovado pelo precário estado de conservação do templo religioso, apresentando descamação de pintura externa, acúmulo de sujidades em seu interior e também no espaço externo. A árvore situada ao lado do templo também oferece riscos à sua integridade, uma vez que foi relatada a queda de folhas e galhos que causaram danos ao telhado, deixando o interior da capela suscetível à chuvas e possíveis infiltrações nas paredes.

Os entrevistados relataram ainda que, dentre os usos observados ao longo do tempo, estavam a realização de orações por parte de pessoas que transitavam pela região, pedidos e agradecimentos, rezas de terços e, eventualmente, realização de festas de São João. O senhor José Rodrigues relatou que, para a realização das festas, havia o procedimento tradicional: escolha dos festeiros, terços, leilão e comes e bebes para a comunidade local.

Atualmente, os entrevistados destacaram que não são mais realizadas atividades na capela, sendo a disputa do terreno e o abandono da manutenção alguns dos fatores principais. A senhora Jacira, moradora do Juncal ao longo de toda a vida, destacou o desejo de ver a capela reformada e em funcionamento, sendo utilizada para atividades religiosas e sociais do catolicismo popular. De forma similar, seu marido, o senhor João Lopes, destacou a importância da capelinha tanto

por seu valor histórico, representante da tradição de Santa Cruz, quanto por seu valor religioso, como forma de mobilizar a comunidade em torno de um bem comum.

53. Capela de Nossa Senhora Aparecida, Juncal



A entrevistada Noêmia Aparecida Padilha, com 83 anos de idade e moradora do Juncal, relatou ter acompanhado as transformações ocorridas na capela de Nossa Senhora Aparecida ao longo da vida. As informações fornecidas indicam que, apesar da capela nunca ter sido devotada à Santa Cruz, possa ter relação com a tradição em sua origem. A senhora Noêmia informou que, ao lado da capela havia uma cruz, possivelmente das tradições de Santa Cruz, que “tinha nome de mulher”. Os dados coincidem com o histórico da referência bibliográfica utilizada, onde é apontado que

A Capela de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, situada no Bairro do Juncal, foi construída no local onde, antigamente, havia um cruzeiro. O Cruzeiro ficava nas terras do sr. José de Moraes e de dona Fabricia de Moraes. Mais tarde, o sr. Candido José de Moraes e sua esposa dona Ana Gonçalves de Souza, herdeiros do sr. José e de dona Fabrícia, construíram uma pequena capela no local do cruzeiro, no início do século passado. Fizeram a doação do lote de terra, com a área de 440,00m² [sic], à Paróquia de Santa Rita de Extrema. A Escritura Pública de Doação é datada de 17 de junho de 1955 [...]

A senhora Noêmia apontou que, após retornar para Juncal, presenciou duas reformas significativas, uma ocorrida “quando ainda era solteira” para ampliar a capela e outra, a mais recente, quando a capela antiga foi desmanchada e outra, maior e em estilo diferente, foi construída no lugar em função do precário estado de conservação da edificação anterior. É importante ressaltar que o bem imaterial foi inventariado em 2012 (EAU 71), antes da construção ser desmanchada. No documento, foram encontradas informações a respeito do histórico do bem cultural:

[...] a Capela de Nossa Senhora da Conceição Aparecida foi construída no local onde, anteriormente, havia um cruzeiro de madeira, localizado nas terras do Sr. José de Moraes e da Sra. Fabrícia de Moraes. No início do século XX, o herdeiro do casal, Sr. Cândido José de Moraes e sua esposa, Sra. Ana Gonçalves de Souza, construiu uma pequena capela no local do cruzeiro. Apesar da existência da capela desde o início do século, foi somente em 17 de junho de 1955 que o lote de 440m² em que se encontra a capela foi doado para a Paróquia de Santa Rita de Extrema. Com o passar dos anos, o número de habitantes do bairro foi aumentando e a capela ficou pequena para acolher os fiéis. O Sr. Lázaro Ramos e sua esposa, dona Catarina Maria Ramos, junto com o Sr. João Luis de Souza Filho (Joãozico), iniciaram os trabalhos de ampliação da capela, com a participação de toda a comunidade local. (IPAC, 2023)

Com relação aos usos do espaço, a senhora Noêmia destacou a beleza da festa em honra à padroeira, bem inventariado em 2011 (BI-43), que era organizada por festeiros composta por alvorada com fogos, rezas, quermesses, procissões e outros elementos tradicionais que permanecem na tradição até os dias de hoje. Destacou que, antes, a festa era precedida por uma novena e atividades que estendiam as festividades por vários dias.

De acordo com a ficha de inventário do bem imaterial,

Naquela época [meados da década de 1950], já era celebrada a Festa da Padroeira Nossa Senhora Conceição Aparecida, durante três dias em todo mês de setembro. No primeiro dia da festa, sempre às sextas-feiras, era acesa uma fogueira, que assim deveria

permanecer, durante os três dias. As pessoas eram recebidas com vinho e eram celebradas missas pelos padres, que permaneciam no bairro durante os três dias de festa. Com o aumento do número de habitantes, houve a necessidade de ampliação da capela [...] Entre fins dos anos 1960 e início dos anos 1970, o Padre Adolfo Fabri chegou ao município, colocando à frente da coordenação da capela o Sr. Jorge Nunes, que contava com a ajuda do Sr. Benedito Pereira, o Dito Cula, ambos moradores do Bairro Juncal. Juntos, incentivaram a população a construir a torre sineira na igreja. Na época, a festa continuava com duração de três dias, contava com os mesmos rituais, mas foram acrescidos a ela o leilão de bovinos, a colocação de barraquinhas para armazenar as prendas e a realização da coroação, no pátio ao lado da igreja. Na década de 1980 a festa foi incrementada com a criação do “Ajude”, nome dado ao bingo, no lugar do leilão de prendas. [...] Todo ano são escolhidos dois casais, que serão os festeiros do ano seguinte. Os festeiros ficam encarregados de adquirir patrocínio para a festa nas lojas comerciais de Extrema. Com a comunidade, arrecadam prendas, que serão usados no “Ajude”. A festa continua tendo duração de três dias: sexta, sábado e domingo. É iniciada sexta às 19h, com a celebração de uma missa, depois da qual as pessoas se dirigem às barraquinhas de comida, onde há pastel, canjica e refrigerante. Mais tarde, acontece o “Ajude” e, por volta das 23h, as comemorações são encerradas. Sábado, acontece a missa, com coroação, procissão que percorre o entorno da igrejinha, depois as barraquinhas, “Ajude” e shows de grupos locais. Domingo a missa acontece mais cedo, às 15h, e, após ela, acontece o leilão de bezerros e leitões. A festa é encerrada com as barraquinhas de comida, geralmente às 18h. (IPAC, 2023)

A senhora Noêmia explicou que considera a mudança na organização da festa positiva pois, sem festeiros, toda a comunidade se mobiliza para ajudar. Para além do festejo para honrar Nossa Senhora Aparecida, a capela conta, atualmente, com atividades, como: missas semanais no domingo (antes eram mensais), rezas de terço e outras típicas das capelas “de bairro”. Destaca-se, também, a celebração de

casamentos e batizados, sendo que a filha da senhora Noêmia teve seu casamento realizado no local.

No tangente aos cuidados do espaço, incluindo organização e limpeza, a entrevistada destacou a atuação da senhora Damázia no passado. Sobre a manutenção atual, a senhora Jacira complementou, informando que é feito um revezamento para que as pessoas se alternem nesta responsabilidade.

A senhora Noêmia destaca a imensa importância da capela em sua vida e, a partir de sua observação, na vida comunitária do Juncal:

Nossa! Pra nós é muito importante! É a nossa Igreja! Do nosso lugar, né? [...] Muito... Nossa! Pra mim é tudo. Contanto que, agora, eu não estou nem andando direito, né? Eu faço questão de ir na missa a pé e sem óculos, porque eu não enxergo direito [risos]. É uma devoção, né? Então é muito importante, pra mim é tudo na vida. Minha igreja, meu lugar... Eu já fui catequista na igreja, já limpei a igreja, tanta coisa. Sempre passando coisa na vida da gente, né? Cantava na igreja...

Por meio da mobilização popular para manutenção e presença nas atividades religiosas e sociais da capela de Nossa Senhora Aparecida, é possível perceber a relevância do bem para a comunidade tanto na preservação de sua tradição e história quanto na perpetuação de aspectos imateriais como a sociabilidade e a partilha da fé.

54. Capela de São Benedito, Juncal



*Imagem 92: Capela de São Benedito
Local: Juncal*



*Imagem 93: interior da Capela de São Benedito
Local: Juncal*

A capela de São Benedito, inventariada em 2013 (EAU 77), localizada no bairro Juncal, é atualmente mantida pela senhora Dirce Paula de Moraes Marinho e pelo senhor Sinésio Luiz Marinho, com 54 e 64 anos, respectivamente. Moradores do local por toda a vida, gentilmente concederam entrevista e acesso à capela. Apesar de não saberem estimar a data exata da construção, relataram que antes, no local, havia uma pequena capela que foi demolida para dar lugar à atual. Mesmo não sabendo exatamente, estimam que a história da capela de São Benedito atravessasse mais de meio século de existência. Já a construção atual teria, aproximadamente, 15 anos de existência.

Na ficha de inventário do bem cultural, por sua vez, foram encontradas informações sobre a longevidade da capela, que teria mais de um século de vida:

A Sra. Benedita Luiz de Oliveira, ou D. Dita, de 74 anos e moradora do bairro, conta que a capela tem mais de 100 anos de história e tudo começou com uma cruz, nas terras de sua família. Com o tempo, nesse mesmo local, ergueu-se a Igreja de Santa Cruz em adobe e no seu interior havia três cruzeiros de madeira. Como ela não era muito bem cuidada as recorrentes chuvas e enchentes a puseram abaixo e sobrou apenas uma cruz pequena. No início da década de 1950 o vizinho Zé Nunes era devoto de São Benedito e queria construir uma capela para o santo. Então o Sr. Sebastião Luiz Marinho, pai de D. Dita, permitiu reformar o que sobrou da Igreja de Santa Cruz. Ela foi concluída com ajuda de familiares, vizinhos através de doações e mutirões. Zé Nunes ainda colocou uma imagem de gesso de São Benedito. Há aproximadamente 18 anos a Sra. Esaltina Jorge Lopes, irmã de D. Dita, vendeu as terras onde se localizava a capela para evangélicos que não quiseram a capela e só efetuaram a compra das terras depois que ela foi demolida tijolo por tijolo. O material demolido foi usado para a construção da nova em menor escala no atual local. A pequena cruz de madeira e a imagem de gesso se encontram no interior da atual capela. Assim como a anterior, essa tem um salão, também chamado de rancho, com uma pequena cozinha e sanitário e que é usado nas festas de São Benedito, no dia 13 de maio. A capela e o salão foram construídos na mesma época. O lucro das festas era usado em sua manutenção,

porém, com o tempo as festas foram ficando esporádicas ao ponto de ter agora apenas uma reza no dia do santo. Conta D. Dita que na época da antiga todo ano havia dois festeiros, quermesses, shows, cartazes de divulgação, cavalgadas e era uma festa muito frequentada e popular. A nova capela nunca passou por uma reforma e recentemente o Sr. Sinésio Luiz Marinho, irmão de D. Dita, doou o terreno para a paróquia para que ela não fosse mais demolida. (IPAC, 2023)

Desse modo, é possível compreender os motivos de, ainda atualmente, existir a tradição da comunidade religiosa em celebrar a Santa Cruz juntamente com São Benedito. Assim, as festas sempre incluem ornamentação do mastro e da cruz, procissão com andor e bingo. A festa do padroeiro, inventariada em 2012 (BI-48) é, atualmente, a única atividade realizada no local, sendo descrita da seguinte forma no documento:

Conforme depoimento do Sr. Sinésio Marinho, a Festa de São Benedito acontece há cerca de 60 anos na região de Extrema. Inicialmente, ela acontecia em uma capela construída pelo Sr. Sebastião Luiz Marinho, que se localizava no sítio São Benedito, em área próxima ao local onde se encontra a capela atual. Apesar de ser uma festa de cunho popular e religioso, a capela pertencia a uma propriedade privada e nunca chegou a se filiar à paróquia de Extrema. Na década de 2000, o Sítio São Benedito foi comprado por um proprietário de religião protestante, que demoliu a antiga capela. Diante disso, o Sr. Sinésio Marinho optou por construir, com os próprios recursos e em área própria, uma nova capela em homenagem a São Benedito. A construção da capela foi finalizada em 2007 e, desde então, são realizadas festas de São Benedito uma vez por ano nesse local. As festas de São Benedito caracterizam-se por serem comemorações de pequeno porte, mas com grande mobilização da comunidade local. Toda a organização da festa é realizada a partir da doação da produção de suas propriedades, havendo pouca circulação de dinheiro em comparação a outras festas rurais patrocinadas por comerciantes locais. [...] Exatamente por seu caráter secular, a festa de São Benedito sempre conservou características peculiares em sua celebração: em relação à

celebração religiosa da festa, os moradores locais apenas realizam a reza de um terço, não havendo celebração de uma missa em homenagem ao santo. Além disso, a comunidade local realiza uma procissão, que parte da capela de Nossa Senhora Aparecida, também localizada no Bairro Juncal, até a capela de São Benedito. Nessa procissão, não são usadas vestimentas especiais com caracterizações de personagens ou com a cor roxa, comumente usada em outras festas de São Benedito por representar a penitência, uma característica inerente a São Benedito. As pessoas usam roupas comuns e são usados, na procissão, elementos como uma cruz e arcos ornamentados com papéis em diferentes cores. Além da parte religiosa, é realizado um bingo no primeiro dia da festa e, no segundo dia, ocorre uma cavalgada, que parte da entrada do Bairro Juncal e segue até a capela. Faltando algumas centenas de metros para a capela, os cavalos são enfileirados em pares e assim cavalgam até a chegada à capela. Ao chegarem, todos os cavaleiros são recebidos com pequenos troféus de participação e são convidados para um almoço gratuito feito por todas as mulheres da comunidade. Toda a preparação da celebração é bastante simples, não havendo eventos religiosos como novenas ou festividades que antecedem o dia da celebração. Toda a preparação é realizada por membros da comunidade na véspera da celebração, tendo cada família participante a sua incumbência preestabelecida: alguns organizam o bingo, outros a cavalgada e as mulheres, em geral, fazem as comidas para o almoço coletivo. Toda a celebração ocorre nas adjacências da capela, concentrando-se o bingo e as mesas com as comidas para o almoço no salão de apoio ao lado da capela e as pessoas que participam da celebração, na estrada em frente à mesma. Os animais que participaram da cavalgada ficam em um pasto na parte posterior da capela. Os almoços são animados normalmente por uma dupla de violeiros que toca predominantemente música sertaneja antiga e em voga. (IPAC, 2023)

Os entrevistados comentaram sobre o relato de vários devotos de São Benedito que alcançaram graças e vão até a capela para agradecer. Consideram

que a capela é muito valorizada pela comunidade, envolvida nos preparativos da festa e na busca por angariar fundos para eventuais reformas do templo religioso. No entanto, o principal valor atribuído pelos entrevistados à capela está na devoção ao padroeiro e às práticas religiosas que derivam da fé.

55. Capela de Santa Cruz, Juncal



Os entrevistados para a capela 52, senhora Jacira Lopes e senhor João Lopes, se identificaram como os atuais responsáveis pela manutenção e cuidados da capela de Santa Cruz no Juncal. Segundo as informações levantadas em campo, a capela foi construída no terreno que então pertencia à mãe do senhor João Lopes, senhora Ana Leme de Souza. Quem foi a responsável foi uma senhora que havia perdido uma criança pequena e desejava erigir uma Santa Cruz pela alma do “anjinho”. Uma vez que a senhora Ana era madrinha da moça que perdeu a filha, foi dada autorização e a capela foi construída.

Todavia, a atual capela não é a construção original pois, de acordo com os entrevistados, duas outras capelas foram construídas antes da edificação em questão.

[João Lopes]: Morreu uma criança lá. Não tinha médico aqui naquela época, né? Tinha era farmacêutico naquela época. Aí chegou lá e a criança faleceu lá.

[José Rodrigues]: Mas fizeram uma igrejinha bem arrumadinha e tudo... [...] É bem arrumadinha a igrejinha lá. Não foi abandonada mais não. O resto tá tudo abandonada.

[Jacira Lopes]: Essa aqui [olhando a foto do levantamento] é a lá da serra, não é, bem [perguntando ao marido]? É, essa é que a mãe

dele [do senhor João Lopes] doou o pedaço de terra em volta da igreja. [...]

[João Lopes]: Essa aí era no terreno da minha mãe, mas aí ela doou. Eu era criança, não lembro. Deve ter uns sessenta anos essa igreja aí. Ela mudou, né? Mudaram pra um lugar, mudaram pra outro e agora ficou fixou aí nesse lugar.

Segundo os entrevistados, as mudanças de lugar ocorreram por conta de “trincas” na terra, que abalavam as estruturas das edificações, sendo necessária a reconstrução em outro local.

O senhor João Lopes rememorou, também, que todo ano eram feitas rezas no local em honra à Santa Cruz no dia 3 de maio, organizadas por festeiros que dispunham a assumir as responsabilidades pela organização. No entanto, com o passar do tempo a tradição caiu em desuso e, atualmente, a capelinha é utilizada para orações pessoais, além de pedidos e agradecimentos à padroeira.

[Jacira Lopes]: Nós reza lá, só que não é festa. Às vezes vai só nós, os três lá da serra, cinco. Cinco. Seis pessoas, vamos lá e reza. Agora, daí tem vez que nós vai lá... O João vai direto lá em cima e direto ele tá lá rezando!

[João Lopes]: Não pode acabar isso aí, né? Isso aí é uma lenda, né? É um patrimônio isso aí! [...] A maioria [das capelas de Santa Cruz] tudo abandonada! Judiação, né?

Dedicados à vida religiosa e devotados às práticas católicas, o casal demonstra preocupação com o abandono das tradições e com a necessidade de valorização dos bens locais. Desse modo, reforçam a relevância das tradições de Santa Cruz tanto no âmbito pessoal, uma vez que mantêm uma capelinha pertencente às práticas de devoção, quanto em um nível social, buscando mobilizar e valorizar as pessoas que se mobilizam a vivenciar uma vida baseada na experiência cristã católica.

56. Capela de Santa Cruz “do Marcos”, Juncal (bairro dos Ferreirinha)



O entrevistado, senhor José Jovair Ramos, com 58 anos de idade na data da entrevista, efetuou um relato sobre a origem da capela de Santa Cruz em Pinhal Grande:

É que a turma já ia levando o caixão pra sepultar, daí chegou ali e caiu na estrada! Daí, aonde cai, tem que fazer uma igrejinha. [...] O nome dele [do falecido], que eles falaram pra mim, era Marcos, né? Até ‘ponharam’ o nome da igrejinha “do Marcos”. A igreja era no meio da estrada, daí eu mudei pro lado de cima lá um pouco. O quadrinho dela era um quadradinho lá assim, aí lá no meio da estrada ficou... Mudei ela lá pra cima.

Não há uma estimativa sobre a data de construção da capelinha, exceto pelo fato de que ela teria, certamente, mais de 60 anos, pois é anterior ao nascimento do senhor José. Contudo, o entrevistado afirmou que o falecido pertencia à comunidade local e, talvez por isso, foi entendida a necessidade de homenageá-lo.

No tocante aos usos, foi relatado que, ainda hoje, a capelinha é utilizada para rezas, terços e queima de velas. O entrevistado relatou que as pessoas se reúnem para orar no local geralmente no dia 3 de maio, quando é considerado o dia da Santa Cruz, ou em outras datas “possíveis” e que tenham significado religioso, como o dia de Nossa Senhora Aparecida ou no Corpus Christi, por exemplo.

A alteração do local da capela ocorreu, de acordo com o senhor José, pela intensidade de tráfego na região, por volta da década de 1990. Como a capelinha era bem no meio da estrada, acabava se tornando um obstáculo perigoso, gerando avarias e acidentes nos carros e caminhões que passavam. Observando a situação, o proprietário do terreno onde a capela está situada hoje mandou que

desmanchassem a capelinha menor e a construïrem na beira da estrada, dentro de sua propriedade.

O senhor José Jovair é considerado o atual responsável pela manutenção e cuidados do local, fazendo melhorias e limpeza quando necessário, com o auxílio de pessoas da comunidade: *Um vai capinando, o outro vai limpando, o outro vai passando uma tinta lá... Tem um fazendo uma porta pra 'ponhar' lá também.*

A manutenção é necessária não apenas pela ação do tempo e acúmulo de sujidades, mas também devido a ações de vandalismo ocorridas no local. De acordo com o senhor José, já ocorreu em algumas ocasiões das imagens serem quebradas, mas a comunidade sempre se mobiliza para repor nesses casos.

Dentre as práticas religiosas de beira de estrada, o entrevistado relatou que, apesar de não ocorrer mais, antigamente era comum que fossem encontrados na capelinha cristais brancos, deixados por pessoas de passagem que faziam pedidos, agradecimentos, promessas ou sinalizavam respeito pela pessoa falecida. É dentro das práticas religiosas do catolicismo popular, inclusive, que se localiza a relevância atribuída pelo senhor José Jovair ao local. Ao ser indagado sobre a importância da capela, o entrevistado destacou que o fato do caixão ter caído no local sugere a necessidade de serem realizadas orações e rezas para o falecido para que ele seja lembrado e sua alma possa descansar. O relato do senhor José reforça, assim, as tradições vivenciadas e perpetuadas pelos devotos da Santa Cruz, mas também pelos praticantes da religião católica.

57. Capela de São Pedro, Jardim



*Imagem 97: Capela de São Pedro
Local: Jardim*

Moradora do local há 35 anos, a senhora Cleusa, com 54 anos na data do contato, foi indicada como uma pessoa de referência para possível entrevista. Todavia, como aconteceu com a capela de São Benedito, do bairro Pessegueiros, ela recomendou a leitura do texto presente na referência bibliográfica para conhecimento da história da capela de São Pedro, inventariada em 2013 (EAU 79). No entanto, se dispôs a fornecer algumas informações sobre atividades ocorridas, citando a realização de missas quinzenais e terços, além da festa anual devotada ao padroeiro, bem imaterial inventariado em 2013 (BI-52). Também refutou a hipótese da capela possuir ligação com as tradições de Santa Cruz, indicando que desde sua origem o espaço foi atribuído a São Pedro.

De acordo com informações extraídas do livro “O povo conta sua história” (2021, p.153-154), a capela foi erigida há cerca de 40 anos por mobilização popular impulsionada pelo pároco Adolfo Fabbri. A escolha do padroeiro foi feita em homenagem a um dos moradores do local, considerado muito religioso: o senhor Alfredo Pedro da Silva, responsável pela doação do terreno onde a capela foi construída.

Desde a doação do terreno, as informações encontradas dão conta de que tiveram início as festas em honra ao padroeiro e as “rezas de terço”, ambas com leilão de prendas para angariar fundos visando a construção da capela. Na ficha de inventário do bem cultural, foram encontradas maiores informações sobre sua construção e transformações ocorridas ao longo do tempo:

Os dados foram fornecidos pelo Sr. Leôncio Alves da Silva, de 80 anos e morador do bairro. A capela foi construída pelo seu pai, o Sr.

Alfredo Pedro da Silva, há aproximadamente 50 anos, no início da década de 1960. Naquela época os padres católicos passaram a visitar os bairros rurais e celebrar missas. Porém, no bairro Jardins não havia uma capela. Então o padre Adolfo Fabri, sacerdote na época, pediu ao Sr. Alfredo Pedro da Silva, morador do bairro, a construção de uma. Através de doações e mutirões em pouco tempo a capela foi erguida. Ao término da obra a capela ainda não tinha seu santo padroeiro então o padre Adolfo levou a imagem de São Pedro, em homenagem ao responsável pela construção. A partir daí deu-se início à Festa de São Pedro. O festeiro sempre é alguém da família do Sr. Alfredo, já falecido. Ultimamente o responsável é o seu neto Vanuir Aparecido da Silva. Depois de 20 anos o madeiramento do telhado estava com carunchos e foi preciso trocar, juntamente com as telhas que eram francesas por outras do tipo plan. No final da década de 1990 foi construído um barracão com uma sala usada para catequizar as crianças do bairro, cozinha e depósitos. Logo depois também foram erguidos banheiros e uma estrutura que embaixo é uma gruta e em cima um palco. (IPAC, 2023)

Especificamente sobre a Festa de São Pedro, a ficha de inventário do bem imaterial apresenta o seguinte panorama:

Através de doações e mutirões em pouco tempo a capela foi erguida. Ao término da obra a capela ainda não tinha seu santo padroeiro então o padre Adolfo levou a imagem de São Pedro, em homenagem ao responsável pela construção. A partir daí se iniciou a tradição de se comemorar a Festa de São Pedro. O festeiro sempre é alguém da família do Sr. Alfredo Pedro da Silva, já falecido. Ultimamente o responsável é o seu neto Vanuir Aparecido da Silva. A celebração, que ocorre todo ano, pouco mudou: no início havia pau de sebo e leilão de bezerras e leitões; hoje em dia o “bingo” passou a ser chamado de “ajude”. Atualmente o público tem diminuído porque a paróquia tem feito restrições na parte profana da festa. [...]
Algumas semanas antes da festa ele [senhor Vanuir Aparecido da Silva] sai pela cidade convidando os moradores e pedindo prendas. As pessoas doam de dinheiro a frangos para serem assados. No

início da semana da festa é realizada a limpeza do local e são colocados enfeites como jarros de flores na capela e bandeirinhas no terreiro. A festa pode acontecer em dois dias (sábado e domingo) ou em uma semana, varia a cada ano. Mas sempre haverá o Terço em louvor a São Pedro, procissão e missa. Nos primeiros dias há apenas o Terço. No dia principal, horas antes da festa, a imagem de São Pedro vai para a casa de algum fiel, juntamente com as imagens de Nossa Senhora e de São Benedito. Depois saem em procissão até à capela, onde começa a missa. Ao final acontece o “ajude” seguido de show musical. Às vezes, na véspera da festa tem missa com algum padre convidado. (IPAC, 2023)

Atualmente, a pessoa identificada como responsável pela manutenção da capela, incluindo limpeza e cuidados é a senhora Maria Aparecida da Silva, que não se encontrava no local na data da visita. Tanto a senhora Cleusa quanto o texto utilizado como referência apontam para o valor religioso da capela de São Pedro, sendo o local uma constante lembrança da fé católica e das tradições evocadas para sua construção.

58. Capela de Nossa Senhora Aparecida, Jardim



Situada na propriedade da senhora Matilde Martins de Sousa, com 57 anos na data da entrevista, nascida em São Paulo, capital, a capela de Nossa Senhora Aparecida foi construída pela dona do terreno, que se recusou a autorizar o compartilhamento do áudio por questões pessoais. A entrevistada relatou que é proprietária da chácara há cerca de 20 anos e que a ereção da capela foi a primeira obra efetuada no local, há aproximadamente 15 anos. A motivação para a construção foi realizar o sonho de ter uma chácara com uma capela especialmente devotada à Nossa Senhora Aparecida.

Sobre os usos do local, foi informado que houve celebração na inauguração, pelo pároco de Extrema na época e que, de forma geral, a capela é usada para orações particulares ou visitada por pessoas devotas que passam pelo local. A senhora Matilde relatou, como exemplo, os pedidos feitos por romarias que passam para acessar o local e efetuar orações. Ela, inclusive, relatou que deixa terços disponíveis no local para ofertar às pessoas que visitam. Já a manutenção, incluindo reformas, limpeza e cuidados sempre foram exclusividade da proprietária.

A relevância da capela, de acordo com a entrevistada, se deve, principalmente, à realização do sonho de ter uma capela particular devotada à Nossa Senhora Aparecida. Quando indagada sobre o conhecimento das tradições de Santa Cruz, ela informou desconhecer as práticas. Porém, ao receber informações sobre as cruzes na estrada e a presença de capelinhas em honra a pessoas falecidas, ela rememorou já ter visto em diversos pontos da região rural. Em seguida, refutou que, no local de sua propriedade, tivessem quaisquer indícios de práticas das tradições de Santa Cruz.

59. Capela de São Brás, Tenentes



A entrevistada Marcela Aparecida Andrade Portugal, com 41 anos na data da entrevista, juntamente com o marido, senhor Wagner Portugal, e mais dois casais – senhora Vanda e senhor César; senhora Margarida e senhor José – compõem a comissão responsável pelos cuidados e manutenção da capela de São Brás. A capela foi inventariada em 2013 (EAU 78) e está situada no bairro Tenentes, em local conhecido como “comunidade São Brás”. Oriunda de Osasco, Marcela informou que vive há 13 anos no local, sentindo que encontrou ali a sua comunidade.

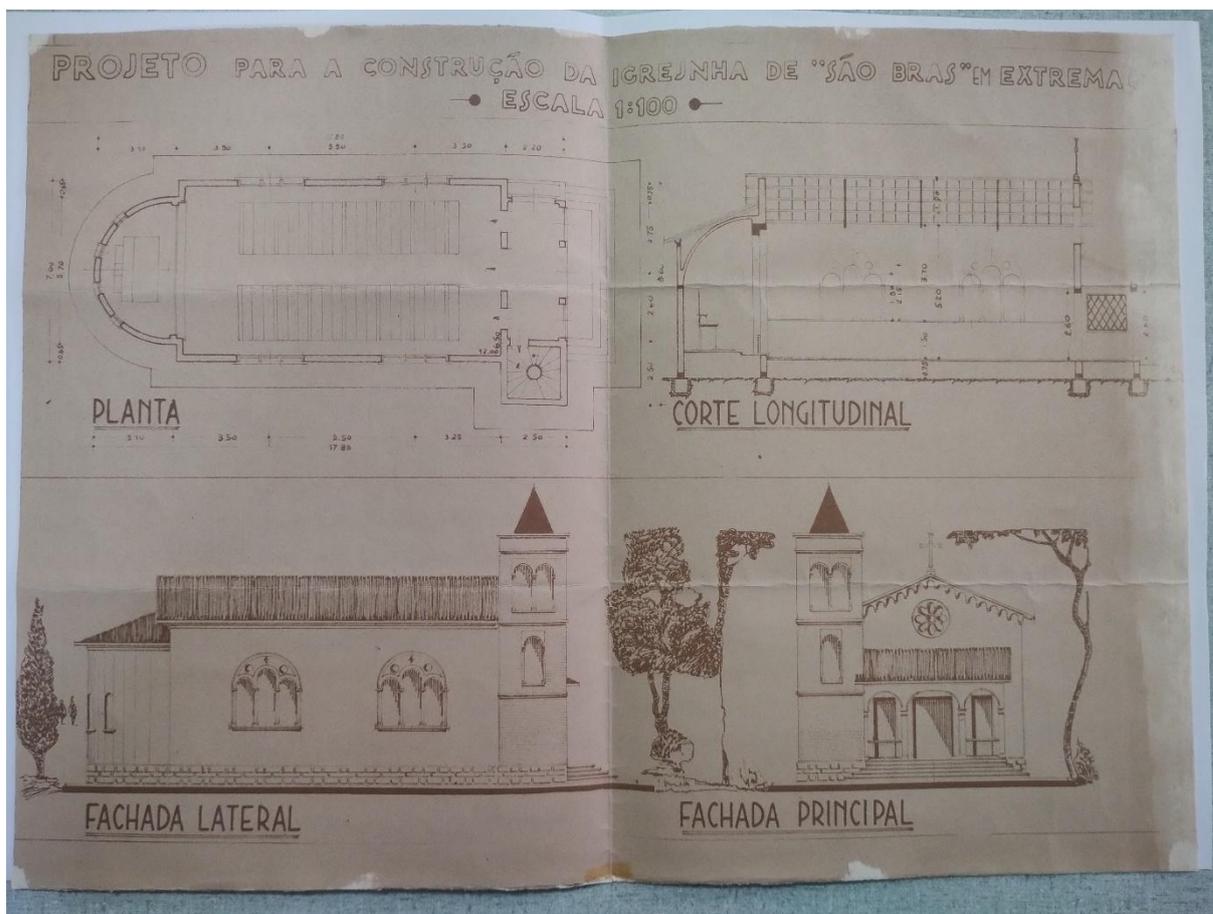
De acordo com as informações reunidas ao longo da entrevista e do suporte da referência bibliográfica utilizada, foi possível compreender que a capela possui relações com as tradições de Santa Cruz em sua origem. A história relata que, por volta de um século atrás, um homem morreu engasgado na beira da estrada. Em um primeiro momento, uma pequena capela de Santa Cruz foi construída no local e, devido à morte, uma imagem de São Brás, conhecido por proteger a garganta contra males, engasgos e soluços, foi colocada dentro da capela.

Na ficha de inventário do bem cultural, outras informações complementam o panorama histórico da capela:

A história da capela foi contada pelo Sr. José Paula da Costa Filho, de 70 anos, morador do bairro. Em aproximadamente 100 anos foram construídas 3 capelas de São Brás no mesmo terreno. A primeira foi erguida por seu avô, João Quilim Marinho, com recursos próprios. Ele era devoto do santo e procurando um lugar adequado

para erguer a capela encontrou esse terreno triangular formado pela bifurcação da estrada principal com uma secundária. O Sr. José Paula imagina que isso ocorreu no final do século XIX ou no início do século XX, pois ele lembra que quando menino a capela já era bem antiga. Ela era muito pequena, com telhas capa e bica, paredes de adobe e implantada na ponta do terreno, junto à estrada; bastava subir um degrau e já se estava no interior da capela. Porém, no final da década de 1950 a comunidade local resolveu construir outra capela mais acima, no fundo do terreno devido a proximidade com a estrada e isso era um perigo à vida das pessoas. Através de doações de materiais, recursos arrecadados, festas e mutirões a capela foi erguida, também em adobe, mas maior que a primeira. A pessoa encarregada pela obra foi o Sr. Félix de Paula da Costa, sogro do Sr. José de Paula. No entanto, a capela ficou muito próxima da construção no terreno vizinho e no início da década de 1980, pela terceira vez, ela novamente foi construída em outro lugar, no centro do terreno. O salão paroquial, que também é usado para catequizar as crianças do bairro, foi construído em meados da década de 1990, no mesmo local onde havia a segunda capela. (IPAC, 2023)

Já em 1987, foi formalizada a doação de um terreno, efetuada pelo senhor Wilson Antonio de Toledo e sua esposa, a senhora Maria Lúcia de Carvalho Toledo. Porém, de acordo com os relatos, a formalização ocorreu bastante tempo após a construção de uma segunda capela no local. A capela atual, de acordo com informações encontradas, foi erigida na década de 1980. Em pesquisa no acervo da Arquidiocese de Pouso Alegre foi encontrada, inclusive, a planta arquitetônica da capela, mas sem especificação de data nem assinatura do responsável, como pode ser observado a seguir.



*Planta arquitetônica da Capela de São Brás
Acervo do Arquivo Arquidiocesano de Pouso Alegre*

Dentre as principais atividades realizadas na capela atualmente, destacam-se: realização de missa mensalmente no segundo domingo de cada mês, círculos bíblicos e terços semanais às quartas-feiras. Outra atividade é a realização do terço nas casas no dia do padroeiro (todo dia 3), quando a imagem de São Brás é levada à residência e fica até a data de realização no próximo mês. Além disso, tem destaque a realização da festa em honra ao padroeiro em fevereiro, com duração de 3 a 4 dias e programação dedicada à religiosidade, mas também aos espaços de sociabilidade. Assim, há a celebração de missas, o "ajude" (nome dado ao antigo bingo beneficente) e barracas com venda de comestíveis e bebidas. A entrevistada relatou que, hoje em dia, não é feita mais a procissão por conta do fluxo dos carros na estrada, que passam, geralmente em alta velocidade, mas apenas um contorno dentro do terreno da capela. Em comparação ao relatado na referência bibliográfica, pode-se afirmar que houve modificações na festa de São Brás, especialmente em

relação aos terços cantados e os “gritadores de leilões”, tradições que caíram em desuso em Extrema:

Os antigos contadores de histórias emocionam-se e enchem-se de orgulho lembrando-se de como organizavam as festas: corriam atrás das prendas, preparavam as comidas, “gritavam leilões”, rezavam terços cantados que tanto reafirmavam a fé e a devoção do povo. (PARÓQUIA, 2021, p. 162).

Outra importante referência sobre a festa é a ficha de inventário do bem imaterial (BI-47), que a descreve da seguinte forma:

O preparo da festa é realizado por seis casais eleitos a cada ano. Toda a preparação é realizada com 8 dias de antecedência. A comemoração se estende por 3 dias: no 1º e no 2º dias reza-se um terço, às 19h00, normalmente, em conjunto com membros de comunidades vizinhas e, após o terço, é realizado um bingo (conhecido localmente como “ajude”). No terceiro dia reza-se uma missa em homenagem a São Brás na qual realiza-se a Benção de São Brás, uma procissão e, posteriormente, um show de música. (IPAC, 2023)

Além da festa, ocorrem também a celebração de casamentos e batizados e também muitas visitas de pessoas que vão até o local agradecer por graças alcançadas ou escrevem cartas como forma de agradecimento.

Sobre a existência de documentação sobre a história da capela, ou registros antigos, a entrevistada compartilhou, posteriormente à entrevista, um vídeo VHS digitalizado e disponível no canal “Extrema Cultura”, na plataforma Youtube, no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=37lp10LeG74>.

Por fim, com relação à relevância do bem, são destacados os seguintes pontos: o fato da capela ter sua origem na tradição de Santa Cruz atesta, para os fins deste trabalho, seu valor histórico enquanto protagonista de uma tradição altamente difundida no município de Extrema; ao mesmo tempo, o local possui também valor afetivo para a comunidade católica, extrapolando o âmbito local, ao receber visitantes e cartas de agradecimento ao padroeiro pelas graças recebidas;

e, enfim, a trajetória da capela enquanto referência religiosa na comunidade onde está situada atesta os valores religioso e social, que são fortalecidos pelo depoimento da entrevistada a seguir:

Pra mim, [a capela] é muito importante. Ó, o meu filho, quando a gente veio pra cá, o músico tinha ido embora, né? Mudou de cidade, aí ficou sem músico. Aí o meu menino começou a estudar, a tocar violão na Casa da Cultura, lá na Vila Rica. Então o que ele aprendeu, veio pra cá. Então já ficou ele tocando violão e aí ele que cuida da parte da música. Então pra gente, é uma experiência muito grande porque a gente não tinha muito conhecimento de igreja, assim, de missa... E a gente começou a ter aqui. Então a nossa fé foi aumentando, né? Assim, a gente teve mais presença com Deus, a espiritualidade da gente mudou muito. E o meu marido também, ele não era muito de igreja. Aí aos poucos ele foi se convertendo, né? E hoje ele tá fazendo formação pra diaconato, se ele vai ser, ainda a gente não sabe [risos]. Mas se for, é daqui dois anos, aí já é alguma coisa também pra comunidade, né? [...] É a minha segunda casa, a comunidade [religiosa].

60. Capela de Santo Expedito e Nossa Senhora Aparecida, Tenentes



*Imagem 102: Capela de Santo Expedito e
Nossa Senhora Aparecida
Local: Tenentes*

Situada no bairro Tenentes, próxima à Capela de São Brás, a capela de Santo Expedito e Nossa Senhora Aparecida foi erigida há cerca de 30 anos pelo pai da entrevistada. A senhora Maria Neusa da Silva, com 58 de idade na data da entrevista, informou que o local foi construído em função da devoção aos padroeiros, muito forte no local. Tendo presenciado o processo de construção da capela e sendo responsável por sua manutenção, dona Neusa, como é conhecida na vizinhança,

afirmou com propriedade que a capela não possui ligação com as tradições de Santa Cruz, uma vez que ela mesma mantém e manteve algumas capelas de Santa Cruz na região.

Então, ali, foi meu pai, eu, teve mais gente aqui, a comunidade que fez. Faz tempo, eu não lembro a data não [risos]. Mas aí foi nós que construiu porque não tinha igreja de Santo Expedito por aqui e todo mundo faz promessa, são devotos, né? Aí nós resolveu fazer, construir ela. De Santo Expedito e Nossa Senhora, né?

Dentre seus usos, a entrevistada destacou a reunião de devotos para a reza do terço e festividades relacionadas a Santo Expedito, ocorridas no mês de abril. Porém, ressaltou que, hoje em dia, não há mais festa e que os terços ocorrem esporadicamente. De acordo com a senhora Maria Neusa, o local também é usado para pagamento de promessas. Sobre graças alcançadas por intervenção de Santo Expedito, dona Neusa compartilhou duas histórias pessoais em que considera que sua família recebeu a intercessão do padroeiro: o cunhado da entrevistada foi contaminado com tétano e passou 2 meses na UTI, período em que foram feitas promessas a Santo Expedito para que o poupasse da morte. O parente se restabeleceu da doença e vive bem até os dias de hoje. O outro acontecido foi um acidente sofrido pela senhora Maria Neusa, onde o carro em que estava capotou, mas ela não sofreu nenhum ferimento, atribuindo o fato à intercessão do padroeiro.

De acordo com a entrevistada, a capela é relevante, principalmente, para os devotos de Santo Expedito. Entretanto, com o passar do tempo, há um aparente desinteresse pelas tradições e pelo local, que passa a maior parte do fechado, nos dias de hoje. Dona Neusa afirmou ainda, que mesmo tendo deixado a fé católica, considera a capela importante e mantém a fé no padroeiro.

61. Capela de Santa Cruz, Tenentes



O atual mantenedor da capela de Santa Cruz, situada no bairro Tenentes, próxima à comunidade São Brás, foi o responsável pelas informações apresentadas a seguir. O senhor Luiz Pereira do Nascimento, com 60 anos de idade, mora na região há cerca de 18 anos. Interessado pela história da capelinha, contou que ouviu de pessoas nativas que uma Santa Cruz foi colocada em função de um falecimento ocorrido no local, há cerca de 60 anos. Após a colocação da cruz, soube que foi construída uma capelinha de madeira com cobertura de sapê. Posteriormente, o sapê foi substituído por telha e assim permaneceu até a reforma custeada pelo senhor Luiz há 5 anos. Desde então, a capela conta com estrutura de alvenaria recoberta por cerâmica e telhado novo.

A principal motivação para a manutenção do local está na fé do entrevistado, muito devoto de Nossa Senhora Aparecida. Após a reforma, inclusive, colocou no local uma imagem da padroeira e organizou uma inauguração no dia 12 de outubro, com celebração de missa, procissão e reza puxada pelo senhor Joviano, conhecido na região como detentor do saber dos “puxadores de reza”. Ao convidar o senhor Joviano para participar da inauguração, o entrevistado renovou uma tradição atualmente em desuso, promovendo sua valorização e salvaguarda.

Foi relatado ainda que, de acordo com as pessoas da região, antes havia uma procissão que saía em maio, no dia de Santa Cruz e ia até à capela de Santa Cruz (64). Em outras ocasiões, a procissão caminhava até à capela de São Brás (59) e, algumas vezes, dava a volta pelo bairro. Todavia, com o asfaltamento das vias e aumento do fluxo de carros, os trajetos se tornaram inseguros para os devotos e a tradição acabou se perdendo.

O senhor Luiz afirmou que, sempre que possível, realiza a limpeza e manutenção do local, especialmente próximo à data de celebração de Nossa Senhora Aparecida, quando vai até o local acender velas e realizar orações. Ainda que sua devoção esteja voltada à padroeira do Brasil, foi seu incômodo com o abandono do local que o fez reformar e manter o local ou, em suas palavras, “por uma questão de fé”. Apesar de notar que o menor interesse das pessoas na tradição, ele está disposto a continuar mantendo o local pelo valor religioso que atribui à capelinha.

62. Capela de Santa Cruz, Tenentes/Furnas



Imagem 105: Capela de Santa Cruz
Local: Tenentes

Imagem 106: entorno da Capela de Santa Cruz
Local: Tenentes



Imagem 107: interior da Capela de Santa Cruz
Local: Tenentes

A capela de Santa Cruz, situada entre o bairro Tenentes e Furnas, encontra-se em estado avançado de deterioração, com grande acúmulo de sujidades e estrutura visivelmente comprometida. Não foram encontradas informações sobre sua origem e história, mas é possível estimar que, até cerca de 30 anos atrás, aproximadamente, ainda eram realizados eventos no local. Tal hipótese é levantada a partir do relato da senhora Ana Paula de Moraes, entrevistada sobre a capela de Santo Antônio de Furnas que, com 34 anos de idade, afirma ter participado de festas em honra à Santa Cruz no local quando criança com o pai.

De forma similar a outras estruturas encontradas ao longo do trabalho em precário estado de conservação, esta capela de Santa Cruz aponta os desusos de uma tradição muito rememorada na fala das pessoas entrevistadas, mas pouco ativa atualmente. As diversas transformações sociais ocorridas nas últimas décadas impactaram enormemente costumes e práticas vivenciados por gerações anteriores, como é possível observar neste caso.

63. Capela de Santo Antônio, Furnas



*Imagem 108: Capela de Santo Antônio
Local: Furnas*

A capela primitiva de Santo Antônio foi erigida há, aproximadamente, quarenta anos, por iniciativa do senhor Amado Paulo de Moraes em função de devoção ao padroeiro. De acordo com o relato de sua filha, Ana Paula de Moraes, atualmente responsável pela capela e catequista, o pai era proprietário do terreno e efetuou a doação para a construção da capela. Contudo, pouco tempo após a finalização, a capela construída desabou, ficando em estado irrecuperável. A situação, então, mobilizou toda a comunidade da região de Furnas, que contribuiu para a construção de uma nova capela no mesmo local há cerca de três décadas. As imagens religiosas foram doadas pelo então pároco responsável, Antônio Fábio. Ana Paula não soube confirmar se, antes da construção da capela de Santo Antônio, havia no local algum simbolismo relacionado à tradição de Santa Cruz. Porém, em seu relato, ela diz acreditar que a construção da capela foi motivada pela devoção de seu pai a Santo Antônio, não tendo possíveis relações com a tradição de Santa Cruz.

Na ficha de inventário EAU 76, porém, foram encontrados mais detalhes sobre a origem da capela e transformações ocorridas ao longo do tempo, incluindo relações com as tradições de Santa Cruz:

O Sr. José Gomes de Oliveira, de 63 anos e morador do bairro, conta que primeiro havia uma cruz de madeira e nesse mesmo local o seu

avô, José Aparecido Gomes, construiu uma pequena capela de adobe, chamada por todos de Igreja da Santa Cruz.¹⁵ Até que, em 1982, o padre Adolfo Fabri queria uma igreja maior para o bairro e pediu ao Sr. Amado Paulo de Moraes, o responsável pela manutenção da capela, que construísse outra com planta oferecida pelo padre. O Sr. Amado achando que não conseguiria o apoio necessário da comunidade passou a encomenda para o Sr. José Gomes de Oliveira. Então ele fez uma festa, mas os recursos arrecadados não eram suficientes para iniciar as obras. E foram necessárias muitas festas para se conseguir levantar a capela. Quando o telhado ficou pronto as paredes cederam por falta de sustentação e recomeçaram a construção. O pai do Sr. José Gomes, Luís Aparecido, doou os materiais do novo telhado. Depois de 7 anos a capela e o salão de festas ficaram prontos. (IPAC, 2023)

Desde a construção do novo templo, o senhor Amado ficou como responsável pela manutenção do local, bem como do planejamento e realização de atividades religiosas e sociais. Parte essencial da manutenção da capela, inventariada em 2013 (EAU 76), era a realização da festa em honra a Santo Antônio, com ocorrência sempre próxima à data do padroeiro, 13 de junho. Composta por elementos tradicionais de festas em honra ao padroeiro, a festa incluía a realização de terços, ornamentação de andor para saída da procissão e a participação dos “dançadores de São Gonçalo”, que faziam honras a Santo Antônio durante a festividade. Atualmente, a festa em honra a Santo Antônio mantém muitos de seus elementos tradicionais, tais como a realização de terços e missas, a procissão com andor e a parte “social”, que inclui a venda de pastéis, virado de frango, sobremesas, refrigerantes e outras bebidas. Sobre o dia de Santo Antônio, Ana Paula relata que o dia é iniciado com a realização da missa, destacando ainda que os voluntários trabalham o dia todo nos preparativos para as vendas à noite. Após a missa, tem a distribuição dos “pãezinhos santos” e são servidos os comes e bebes. Com duração de cinco dias, a celebração já não conta com a participação dos dançadores de São Gonçalo. Segundo Ana Paula:

¹⁵ Grifo da pesquisadora para destacar a relação com as tradições de Santa Cruz.

Agora [os dançadores de São Gonçalo] não vem mais, que era meu pai que chamava. Quando era no tempo do meu pai, vinha, que ele conhecia... E ele também dançava. Aí no tempo do meu pai vinha, agora não vem mais. Porque no tempo do meu pai, ele conhecia bastante gente que dançava, tinha bastante gente que cantava. Era mais antigo. Agora, nem sei se tem mais, é difícil.

Com o falecimento do senhor Amado, a filha Ana, a senhora Marina e seu esposo Sineu assumiram a responsabilidade pelas atividades e manutenção da capela. De acordo com o relato de Ana Paula, a doação de prendas para a festa de Santo Antônio tem sido suficiente para reformas, ampliações e estruturas melhores para os eventos realizados. Como últimas melhorias, a entrevistada destaca a reforma do telhado, repintura das paredes e a troca do piso de ardósia por porcelanato, deixando a capela “bem bonita”, na opinião de Ana Paula.

Além da festa em honra ao padroeiro, atualmente a capela acolhe encontros do Círculo Bíblico, além de participar das celebrações da Via Sacra (Páscoa) e receber a celebração da santa missa todo segundo domingo do mês. Além destas atividades, a capela também abriga, anualmente, festividades em honra a Nossa Senhora Aparecida no dia 12 de outubro, incluindo a coroação de Nossa Senhora como elemento tradicional e um lanche coletivo organizado pelos pais das crianças participantes. Há, ainda, uma festividade denominada “festa do pastel”, onde os mantenedores da igreja organizam um evento onde o dinheiro angariado é revertido para a manutenção da capela. A festa não possui um mês exato de ocorrência e ocorre de acordo com a disponibilidade dos organizadores e das necessidades da capela.

Sobre a relevância da capela para a comunidade, Ana Paula destaca que, para a comunidade católica, é importante ter acesso a um templo onde seja possível realizar suas práticas de devoção. Ao mesmo tempo, a entrevistada também destacou a relevância afetiva do templo em função da relação de seu pai com a história da capela.

[A capela] É importante pra gente rezar. A gente que é católico e gosta de ir na igreja rezar. Pra nós é importante demais, que Nossa Senhora! A minha família é muito religiosa, muito católica. Tem católico e tem evangélico, mas quem é católico... Nós tem (sic) uma igreja do lado de casa! Que o pai doou o terreno! Aí já vem do meu pai, já vem do bisavô dele, da vó dele, do pai dele. Aí nó, demais... A igreja que o nosso pai que doou, que ele ajudou a construir e rezava. Porque desde que eu era criança eu sigo ele, aonde ele ia rezar eu ia junto. Aí que eu sou católica.

No entanto, Ana Paula destaca que, apesar da comunidade se mobilizar bastante para a realização de festas e doação de prendas, a frequência das pessoas nas atividades cotidianas, como missas e terços, é bastante modesta.

64. Capela de Santa Cruz, Tenentes



Imagem 109: Capela de Santa Cruz
Local: Tenentes



Imagem 110: interior da Capela de Santa Cruz
Local: Tenentes



Imagem 111: Capela de Santa Cruz (detalhe)
Local: Tenentes

Foram encontradas poucas informações sobre a história da capela de Santa Cruz, situada próxima à estrada no bairro Tenentes. Não é sabido, por exemplo, a data de construção da capela ou fatos relacionados à pessoa por quem a capela foi erigida. A senhora Maria Neusa da Silva, entrevistada também para a capela 60, foi quem forneceu as informações aqui apresentadas.

Sei que ali era só, eles faziam de sapê, né? Depois, nós, o meu tio que morava em São Paulo, eu comprei o material e aí ele fez [a reforma da capelinha]. Aí lá eu não sei da história dela não, parece que... Acho que foi isso mesmo, vinham levando o corpo pra sepultar, desceram o caixão lá [...]

O motivo da construção de uma nova capela no local ocorreu por conta de uma promessa feita pela entrevistada há cerca de 37 anos. Caso ela conseguisse comprar o terreno onde a capelinha de sapê com 3 cruces ficava, ela mandaria reformá-la. Tendo alcançado o objetivo de aquisição do terreno, reformou a capela conforme prometido.

Durante alguns anos, o dia de Santa Cruz foi celebrado no local, com ornamentação da capela com flores e bandeirinhas de papel, rezas de terços e procissões. Com o passar do tempo, as atividades foram diminuindo até que, com a mudança de religião por parte da proprietária do terreno, a capela deixou de ter atividades. Dona Neusa afirmou que, mesmo assim, sabe que um homem, morador próximo, mantém a capela por meio de repinturas e eventuais limpezas do local.

No entanto, é preciso destacar que, situada em local ermo, durante a visita foi constatado o precário estado de conservação da capela, com grande acúmulo de sujidades, descamação da pintura e arrombamento da porta. De forma geral, a estrutura apresenta-se em bom estado, sem aparente comprometimento ou risco de colapso.

O aparente abandono do local reforça o quanto as transformações sociais ocorridas com o tempo afetaram as tradições de Santa Cruz. Assim, conclui-se que a capela aqui apresentada, apesar da permanência de seus valores histórico e religioso, perdeu, com o passar do tempo, seus valores afetivo e social para a comunidade que a rodeia.

65. Capela de atribuição desconhecida, Tenentes



*Imagem 112: Capela de atribuição desconhecida
Local: Tenentes*

Situada em Tenentes, dentro de propriedade privada, foram realizadas duas tentativas de contato no local, nos dias 18/09/23 e 23/09/23, respectivamente. A propriedade encontrava-se completamente fechada e sem vizinhos que pudessem informar sobre possibilidade de contato com os proprietários.

66. Capela de São Benedito e Santo Antônio, Tenentes



*Imagem 113: Capela de São Benedito e Santo Antônio
Local: Tenentes*



*Imagem 114: interior da Capela de São Benedito e Santo Antônio
Local: Tenentes*

Com 73 anos de idade, o senhor Wilson Antônio de Toledo é dono da propriedade onde está situada a capela de São Benedito e Santo Antônio. De acordo com seu relato, o local foi adquirido por seu pai em 1960 e a capela já havia sido erigida tal como se encontra hoje. Assim, não soube informar as razões de sua construção ou os motivos das atribuições dos padroeiros, nem se antes da capela havia indícios de tradição de Santa Cruz. Desde a aquisição da propriedade, a

capela foi reformada “duas ou três vezes”, especialmente o telhado, que tende a dar infiltrações.

Os principais usos da capela eram festas em honra aos padroeiros nos dias 13 de maio e 13 de junho, que incluíam procissões, terços, rezas e comes e bebes. Após o falecimento dos pais, o senhor Wilson chegou a dar continuidade às tradições mas, com o falecimento da esposa, há cerca de 3 anos, ficou muito desmotivado a continuar. Também alegou que as transformações da “modernidade” interferiram nas tradições, diminuindo o interesse da população nas práticas religiosas.

Dentre as festividades religiosas lembradas pelo entrevistado, ele destaca a festa em celebração ao pagamento da propriedade e a comemoração pela chegada da energia elétrica ao local.

No tempo do padre Adolfo sempre tinha muita comemoração. [...] Ele [o pároco] era muito querido, ele queria muito bem meu pai, meu tio. [...] Então, pelo menos a cada dois meses tinha missa, tinha quermesse, reunia todo o povo, a vizinhança. [...] Casamento não [teve], mas teve as festas, né? Quando teve a primeira energia elétrica aqui, então fizeram a comemoração, entendeu? Ai, quando eles [os pais] conseguiram pagar a propriedade, que eles compraram no peito e na raça, então eles fizeram a comemoração com graças a São Benedito. Então tem essas coisas, assim... Que eu tô lembrado, né? Que naquele tempo eu era moleque, tinha seis, sete anos...

O senhor Wilson informou que existe uma fotografia antiga do local, encomendada na festa de pagamento da propriedade. O documento estaria com sua irmã que vive em Extrema, mas não foi possível localizá-la durante a pesquisa.

A relevância da capela, para o entrevistado, encontra-se pautada nos valores histórico, afetivo e religioso, uma vez que o local evoca memórias de diversos momentos vivenciados em família. Ao mesmo tempo, há o reconhecimento da capela como pertencente a uma história anterior que, apesar de desconhecida, está presente e viva através da manutenção da capela. Finalmente, o valor religioso é

evocado por meio da devoção aos padroeiros e aos reiterados agradecimentos feitos a São Benedito e Santo Antônio ao longo dos anos pelo senhor Wilson e sua família.

67. Capela de Nossa Senhora da Conceição e Santa Luzia, Lages



A capela de Santa Luzia foi construída em 2018 no terreno da senhora Maria Matilde Pinto, com 85 anos de idade na data do levantamento. Ela contou que a razão para a construção do templo foi o pagamento de duas promessas, uma feita a Santa Luzia e outra a Nossa Senhora da Conceição. Desse modo, não foram encontradas informações que estabeleçam relações entre o local onde a capela foi erigida e as tradições de Santa Cruz.

O relato da entrevistada conta que sua filha, há muitos anos, teve problemas de saúde nos olhos e, então, foi feita a promessa para Santa Luzia. Já a promessa para Nossa Senhora da Conceição foi um pedido de intervenção pela vida do filho, que sofreu um grave acidente. Com ambas as graças alcançadas, a senhora Maria Matilde erigiu a capela e a devotou às duas padroeiras.

Foi informado, na ocasião, que a capela possui uso exclusivamente particular, sendo utilizada para terços e orações da senhora Maria Matilde e família. Apenas na inauguração foi realizada uma pequena festa de inauguração “que veio gente!”, de acordo com a entrevistada. Houve outra celebração no dia 8 de dezembro, quando é comemorado o dia de Nossa Senhora da Conceição, mas menor, composta apenas por um terço e alguns amigos presentes.

Para a entrevistada, a importância da capela está no cumprimento da obrigação realizada para com as padroeiras e na afirmação da fé em Santa Luzia e Nossa Senhora da Conceição. A senhora Maria Matilde ressaltou que, atualmente, com o desinteresse da população na religiosidade, muitas tradições acabam tendo sua existência ameaçada e, desse modo, é importante expressar sua fé.

68. Capela de devoção não identificada, Matão



Situada em Matão, dentro de propriedade privada, foram realizadas três tentativas de contato no local, nos dias 14/09/23, 18/09/23 e 23/09/23, respectivamente. A propriedade encontrava-se completamente fechada e, na última visita havia apenas menores de idade no local, não sendo possível realizar entrevistas.

69. Capela da Sagrada Família e de São Nicolau, Matão



*Imagem 118: Capela da Sagrada Família e de São Nicolau
Local: Matão*

A capela da Sagrada Família e São Nicolau, inventariada em 2007 (EAU-41), foi construída com a finalidade específica de ser um ponto de apoio para a realização da Campanha da Fraternidade na região. A informação foi encontrada tanto na referência bibliográfica quanto fornecida pelos entrevistados para a capela 78, senhor Hélio Mingarelli e senhora Conceição Mingarelli.

De acordo com os dados coletados, no final da década de 1970, a comunidade católica atuante na região começou a fomentar a ideia de construir uma capela no local:

Por muito tempo, as reuniões e o Grupo de Oração eram realizados debaixo do barraco de lona. Surgiu, então, a ideia de se construir uma capela, e, assim, após o Grupo de Oração, realizavam-se leilões com prendas muito simples, como saquinhos de feijão, de arroz, sabão e sabonetes com a finalidade angariar fundos para a construção. Outros eventos foram realizados com o mesmo objetivo. O grupo crescia em número e em espiritualidade e o entusiasmo pela construção da capela tomava conta do bairro. (PARÓQUIA, 2021, p. 138-139).

O senhor Hélio, sobrinho do senhor Nicola Mingarelli, contou que o tio foi responsável pela doação do terreno onde a capela foi posteriormente erigida. A inauguração ocorreu no dia 31 de outubro de 1987, mas a pedra fundamental foi lançada muitos anos antes, em 1980, demonstrando o esforço da comunidade em concluir a obra.

Corroborando com a narrativa acima, o histórico apresentado na ficha de inventário do bem material ilustra, de modo mais aprofundado, a atuação do senhor Nicola Mingarelli no processo de construção da capela:

Morador das terras da antiga Fazenda do Matão, o Sr. Nicola e sua família sempre foram devotos da Sagrada Família. Quando seus avós vieram da Itália para a região, com o propósito de trabalhar nas fazendas de café, instalaram-se no alto da colina da fazenda. Posteriormente e com a autorização do proprietário das terras, construíram uma pequena capela de madeira para exercerem a sua fé. A capela passou a ser freqüentada por membros da sua família e por moradores da redondeza. Periodicamente o padre da diocese de Extrema deslocava-se até o distrito para realizar missas. Em 1986, o Sr. Nicola, que naquele momento, residia ao lado da edificação, juntou a comunidade para a construção de um espaço maior, uma igreja. A edificação rapidamente foi erguida e obteve a benção do padre Adolfo Fabri, pároco de Extrema. Devido à predominância de imigrantes italianos no distrito o padre e a comunidade queriam homenagear também o santo de devoção de seus antepassados, que moravam na Itália: São Nicolau. O padre, ciente desse desejo trouxe de uma viagem que realizou a cidade de Roma a imagem do santo, que em princípio ficou guardada na igreja de Santa Rita, na sede. A imagem foi trazida para atual igreja após uma grande festa e procissão que percorreu desde a sede do Município até o distrito da Fazenda do Matão. (IPAC, 2023)

Dentre os usos da capela, foram destacados pela senhora Conceição e pelo senhor Hélio: realização de missas mensais, terços, entre outros. Também é tradicional a ocorrência de festas em honra a São Nicolau que, antes, ocorria no mês de agosto, mas foi transferida para dezembro, conciliando com as celebrações da Sagrada Família. O bem imaterial foi inventariado em 2007 (BI-29) e é descrito da seguinte forma na ficha de inventário:

A festa da Sagrada Família é comemorada no final de semana seguinte ao dia 15 de outubro. Os preparativos começam semanas antes, na escolha dos cantores e seresteiros que animarão a festa, no preparo dos leitões que serão leiloados e de toda a fatura de comidas que será vendida. No sábado, o evento religioso começa com a reza do terço às sete horas da noite, nas dependências da Igreja, e após o terço uma missa é celebrada. Após isso inicia-se a festa profana, com leilão de porcos, shows e um grande forró para finalizar a noite. No domingo a celebração inicia-se com a procissão de São Nicolau e da Sagrada Família, percorrendo as estradas do distrito e as casas mais próximas à igreja e terminando com uma missa. A noite acontecem shows de forró e músicas variadas, além das barraquinhas com comidas e bebidas tais como quentão, pastel, feijão tropeiro, canjica farofa e polenta. A festa termina com dança de forró na frente da igreja. (IPAC, 2023)

Há, também, celebração de matrimônios, sendo que um dos irmãos do senhor Hélio se casou na capela.

A observação *in loco* da capela, os relatos e a referência bibliográfica demonstram o valor social e religioso do local, fruto da mobilização comunitária para sua construção. Nas pesquisas realizadas não foram encontradas informações que atrelem o local de construção da capela às tradições de Santa Cruz, mas apenas à vontade local de erigir uma capela para cumprir suas funções religiosas.

70. Capela de Nossa Senhora da Conceição, Matão

	
<p><i>Imagem 119: Capela de Nossa Senhora da Conceição Local: Matão</i></p>	<p><i>Imagem 120: interior da Capela de Nossa Senhora da Conceição Local: Matão</i></p>

A capela de Nossa Senhora da Conceição está localizada em uma praça situada em frente à Unidade Básica de Saúde do bairro Matão. Não foram localizadas informações sobre sua origem e data de construção, nem pessoas que pudessem detalhar seus usos. Atualmente, por estar em local público, é possível que seja mantida pela Prefeitura Municipal, mas não foram encontrados dados que possam confirmar a hipótese.

O casal Hélio Mingarelli e Conceição Mingarelli, entrevistados sobre as capelas 69 e 78, informaram que, tendo morado por toda a vida no bairro, se recordam do templo religioso quando ainda eram crianças. Na ocasião, a capela estava situada na fazenda Nossa Senhora da Conceição e eram realizadas festividades em honra à padroeira e também a São Sebastião. Com o loteamento do bairro, a capela foi perdendo seu uso inicial, passando a ser utilizada mais para orações eventuais por aqueles que estão de passagem.

De forma geral, a capela apresenta bom estado de conservação, com representações de querubins e Nossa Senhora da Conceição na parede atrás do altar. Não foram encontradas informações sobre a estrutura e ornamentação da capela que possam indicar a data das ornamentações.

71. Capela de São Francisco



A capela de São Francisco de Assis foi inventariada em 2007 (EAU-46¹⁶) e está situada no Recanto São Francisco, tendo sido erigida no ano 2000 pelos fundadores do local, idealizado na época como um orfanato. O modelo do templo religioso buscou reproduzir o local onde os familiares dos criadores do orfanato se refugiaram do nazismo na Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial, quando ainda eram crianças. Sobre o histórico da capela, a ficha de inventário EAU 75 contempla as motivações da construção e trajetórias do local, como pode ser observado a seguir:

A capela foi construída em 2001 pelo fundador do orfanato para sua mãe, uma mulher muito católica e por isso gostaria que ela

¹⁶ O mesmo bem material foi identificado por duas fichas diferentes no inventário: EAU 46 (2007) e EAU 75 (2013). Fonte: IPAC, 2023.

tivesse uma capela. [...] O orfanato foi criado em 1992 pelo holandês Oscar Brenninkmeijer. Antes de fixar moradia em Extrema, há 22 anos, ele já havia morado em outro estado brasileiro. Conheceu a cidade, gostou do clima montanhoso e resolveu ficar e desenvolver um trabalho assistencial com crianças desamparadas. Em um terreno de trinta e três alqueires, numa região montanhosa e de altíssima altitude – mais de mil metros de altura, Oscar com a ajuda de voluntários construiu primeiro a casa onde moraria, alguns espaços de convivência e os quartos dos internos. Ele se casou pela segunda vez no Brasil e seus filhos foram criados juntos com os internos. Quando seus filhos cresceram e chegaram na idade escolar eles foram morar na cidade. À medida que o número de crianças foi aumentando, houve a necessidade de ampliação do orfanato, que já chegou a ter 60 crianças morando no local. (IPAC, 2023)

As informações apresentadas a seguir foram fornecidas pela irmã Natalina que, na ausência da madre Floridalma, assumiu interinamente a coordenação do espaço.

Desde 2018, o local é mantido pela Associação do Recanto e pela Comunidade Franciscana da Misericórdia, deixando de funcionar como orfanato e atuando como projeto social, atendendo crianças em situação de vulnerabilidade social em horário inverso ao da escola. O local sempre atraiu visitantes em função de sua arquitetura, estando aberto a visitação aos finais de semana. Irmã Natalina também relatou que muitos devotos de São Francisco procuram visitar o templo religioso, além de interessados na história local.

Os usos da capela estão intrinsecamente ligados à Comunidade Franciscana da Misericórdia, abrangendo profissões religiosas, entradas no noviciado, votos perpétuos, entre outras atividades. Do mesmo modo, seu valor histórico, religioso e social abarca tanto as atividades ali desempenhadas pelas irmãs de caridade quanto o estilo arquitetônico da capela e os valores religiosos, morais e éticos advindos da vida e obra de São Francisco de Assis.

72. Capela de atribuição não identificada, Ponte Nova



*Imagem 125: Capela de atribuição não identificada
Local: Ponte Nova*



*Imagem 126: fachada lateral de Capela de atribuição não identificada
Local: Ponte Nova*

Os responsáveis pela capela se recusaram a fornecer informações sobre a história do local.

73. Capela de devoção não identificada, Godoy



*Imagem 127: fachada lateral de Capela de
atribuição não identificada
Local: Godoy*

Situada em Godoy, dentro de propriedade privada, foram realizadas três tentativas de contato no local, nos dias 14/09/23, 18/09/23 e 23/09/23, respectivamente. A propriedade encontrava-se completamente fechada e aparentemente abandonada. Vizinhos informaram que o proprietário, senhor Mariano, trabalha a maior parte do tempo e o caseiro, senhor Ricardo, não estava presente em nenhuma das tentativas.

74. Capela de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, Godoy



A capela de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, tombada por meio do decreto 2034/2008 (EAU 48), possui uma história que remonta ao processo de colonização do local, no final do século XIX, segundo informações do livro “O povo conta um pouco de sua história” (2021). No entanto, o templo atual foi erigido somente em 1963 por meio da mobilização comunitária para angariar fundos, visando um templo religioso maior no local. Reconhecida como um bem cultural municipal, a capela foi tombada em âmbito municipal no ano de 2008, recebendo ações de proteção e salvaguarda desde então.

Informações encontradas no histórico da ficha EAU 48 dão conta do contexto de construção da atual capela:

Segundo relatos da Sra. Oralina Cardoso de Lima, responsável pela capela e organizadora da festa em homenagem a Nossa Senhora Imaculada Conceição a edificação foi construída onde anteriormente havia uma capela menor, também dedicada a Nossa Senhora da Imaculada Conceição. Para a construção da Capela foi feita uma campanha para a arrecadação de fundos contando com a colaboração e participação da população local. A construção foi iniciada no dia nove de agosto de 1963 e finalizada no dia dez de janeiro de 1964, segundo placa informativa localizada no interior da capela. Estima-se que a imagem em madeira que está disposta no altar tenha mais de cem anos. Posteriormente, sem registro de data, uma reforma foi feita na capela, sendo esta realizada por João

Cardoso de Lima, pai da entrevistada, em parceria com o Padre Maurício. Nesta reforma foi trocada a porta principal, pois a antiga apresentava ataque de insetos xilófagos. (IPAC, 2023)

Para a complementação das informações, foram entrevistadas as senhoras Maria Conceição e Oralina Cardoso de Lima Leme, com 76 e 77 anos de idade, respectivamente. A senhora Oralina foi mantenedora da capela por muitos anos, sucedendo o pai, senhor João Cardoso de Lima, que esteve na função por mais de 40 anos. Já a senhora Maria Conceição é a atual responsável pela manutenção do local. Ambas são nascidas e moram de forma permanente no bairro.

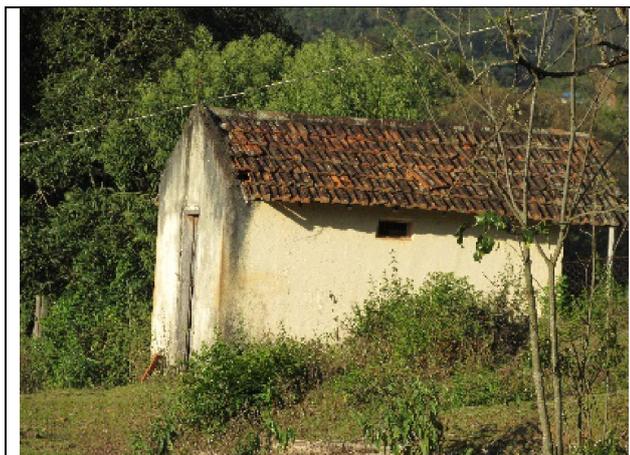
[Oralina]: Então, quando foi construída essa igreja maior, foi com a ajuda do bairro todo, entendeu? Papai tomava conta da igreja, na época, da chácara. Então ele pedia e o pessoal, todo mundo dava, sabe? Uma prenda. Daí a gente fazia quermesse, aquele tempo não era bingo né, Preta [referindo-se à senhora Maria Conceição]? Era roleta, tinha leilão... Daí, todo mês tinha um terço e uma quermesse. E foi arrecadando dinheiro, arrecadando dinheiro... Quer dizer que foi dinheiro da comunidade do Godoy que foi construída essa igreja.

Segundo as informações fornecidas, a capela não possui origem nas tradições de Santa Cruz e só estabelece relação com o costume por meio da procissão que, até alguns anos atrás, saía da capela de Santa Cruz do Godoy (77) em direção à capela de Nossa Senhora da Imaculada Conceição durante a celebração do dia da padroeira. Com relação a outros usos do espaço, a senhora Maria Conceição relatou a realização de missas mensais, terços semanais, catequese e a manutenção da festa de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, bem imaterial inventariado em 2007 (BI-32). Além disso, também recebe celebrações de casamento e batizados. A ficha de inventário do bem imaterial descreve a festa da padroeira do seguinte modo:

A Festa de Nossa Senhora da Imaculada Conceição é uma tradição no Bairro Godoy atraindo pessoas de toda região sendo realizada todos os anos com a colaboração da comunidade local. Esta festa é comemorada há muitos anos como manifestação da religiosidade e da cultura local. [...] A festa é realizada sempre no final de semana mais próximo do dia 8 de dezembro, dia de Nossa da Senhora Imaculada Conceição, no sábado e no domingo. Com programação específica para cada um dos dias. São executadas bandeirinhas de papel para a ornamentação da área onde é realizado o evento, ao lado da Capela de Nossa Senhora da Imaculada Conceição. Nesta mesma área é montado um palco onde, no sábado, é realizado um show de música ao vivo. Nesta área são armadas também barraquinhas onde são vendidas comidas típicas, além de pastéis, lanches e bebidas. (IPAC, 2023)

A relevância da capela se revela por sua história, mas também pelos valores afetivo e social, evidenciados por meio da mobilização popular para a construção do templo em 1963, para as festas e outras atividades. Mesmo que, atualmente, as entrevistadas relatem um declínio na participação da comunidade, a capela continua sendo uma referência em termos religiosos para os praticantes da fé católica na região.

75. Capela de devoção não identificada, Godoy



*Imagem 130: Capela de devoção não identificada
Local: Godoy*

A inquilina, senhora Ana Cláudia, informou que o imóvel é alugado via imobiliária situada em Vargem e não soube informar o contato da proprietária. Afirmou, ainda, não ter conhecimento sobre a história da capela e que esta se encontra vazia e sem usos.

76. Capela de devoção não identificada, Godoy



*Imagem 131: Capela de devoção não identificada
Local: Godoy*

A senhora Mariana, inquilina há pouco tempo no local, não soube fornecer informações sobre a história da capela, nem a respeito de sua devoção ou usos antigos. Confirmou que, atualmente, não há realização de atividades religiosas no local, nem manutenção do espaço. Informou que o proprietário se chama Celso, mas não soube fornecer dados para contato.

77. Capela de Santa Cruz, Godoy

	
<p><i>Imagem 132: Capela de Santa Cruz Local: Godoy</i></p>	<p><i>Imagem 133: interior da Capela de Santa Cruz Local: Godoy</i></p>

A capela de Santa Cruz, no bairro Godoy, está situada em propriedade privada do senhor Deusdedit José Efigênio Cardoso, com 60 anos de idade e morador permanente da região. De acordo com seu relato, a capela era construída em outro local e foi “mudada de lugar” por seu avô, Augusto Cardoso de Lima, após comprar o terreno. O entrevistado afirmou ter perguntado ao pai sobre as origens da tradição de Santa Cruz no local, mas informou que o pai não soube contar se a capela foi construída em função do falecimento de alguém, nem estimar a data. O senhor Deusdedit, no entanto, cogitou que a história da capela teria cerca de 100 anos, sendo que a construção atual seria a mais recente.

O principal uso relatado é a realização de terços e rezas no local no dia de Santa Cruz, tradição ainda continuada pelo pai do senhor Deusdedit, mesmo já idoso. A participação era, e ainda é, mais familiar, não havendo mobilização comunitária. Contudo, em entrevista realizada com a senhora Oralina Cardoso de Lima Leite sobre a história da capela de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, no bairro Godoy, ela afirmou que as capelas teriam relação, uma vez que procissões saíam da capelinha de Santa Cruz em direção à capela maior nas festas em honra à Nossa Senhora.

Durante o trabalho de campo, foi observado o precário estado de conservação da capela de Santa Cruz, fato justificado pelo senhor Deusdedit da seguinte forma: *“Até eu parei de arrumar muito lá porque aquele terreno tá à venda pras indústrias,*

né? Se as indústrias pegar, ela vai moer, né?”. Assim, é possível perceber que o valor afetivo, religioso e histórico da capela de Santa Cruz não se sobrepõe aos interesses econômicos vigentes em Extrema, que tem crescido nos últimos anos com a chegada de grandes empresas. É importante ressaltar, ainda, que a ameaça ao bem ocorre não apenas pela chegada das indústrias, mas pelo próprio ostracismo vivenciado pela tradição de Santa Cruz, uma vez que a comunidade local e, principalmente, os proprietários, não vêem a relevância da preservação do bem cultural.

78. Capela de Nossa Senhora Aparecida, Matão



*Imagem 134: Capela de Nossa Senhora Aparecida
Local: Matão*



*Imagem 135: detalhe da Capela de Nossa Senhora Aparecida
Local: Matão*



*Imagem 136: interior da Capela de Nossa Senhora Aparecida
Local: Matão*

A capela de Nossa Senhora Aparecida está situada em propriedade privada no bairro Matão e pertence ao senhor Hélio Mingarelli e à senhora Conceição Aparecida de Lima Mingarelli. Entrevistados para este trabalho, o casal, com 71 e 72 anos de idade, respectivamente, morou a vida no bairro.

De acordo com o relato da senhora Conceição, a história da capela tem, aproximadamente, 60 anos. Como acontece em outros casos aqui apresentados, a capela “mudou de lugar” por questões de herança. A capela antiga ficava no terreno do pai da senhora Conceição e a propriedade foi toda demolida para ser repartida por questões de herança. Conhecedora do local e testemunha da história da capela, dona Conceição afirmou que não existem ligações com as tradições de Santa Cruz, e que a capela foi construída por devoção do tio.

A nova capela, erigida na propriedade do casal, tem marcada a data de construção no cimento, dia 6 de maio de 1977. Desde sua inauguração, o local recebeu, tradicionalmente, festas de São João que foram acabando com o tempo e, também, terços, que ainda acontecem a cada 3 meses. Além dos usos citados, já ocorreram pagamentos de promessas no local e rezas para Santa Luzia. Dentre as principais intervenções, estão a modificação do altar, que era de madeira e foi construído em alvenaria há cerca de 15 anos, e a instalação de uma antena parabólica no telhado da capela.

De uso privado, a capela possui valor afetivo e religioso para o casal, uma vez que permeia a história familiar da senhora Conceição e, ao mesmo tempo, reivindica práticas de fé católicas cultivadas por ambos ao longo da vida. Mesmo com o processo de envelhecimento, o casal demonstra força e vitalidade para continuar cultivando sua fé e mantendo a capela de Nossa Senhora Aparecida.

79. Capela de Santa Cruz dos Inocentes, Matão

	
<p><i>Imagem 137: Capela de Santa Cruz dos Inocentes Local: Matão</i></p>	<p><i>Imagem 138: caçamba de lixo ao lado da Capela de Santa Cruz dos Inocentes Local: Matão</i></p>
	
<p><i>Imagem 139: interior da Capela de Santa Cruz dos Inocentes (detalhe forro) Local: Matão</i></p>	<p><i>Imagem 140: interior da Capela de Santa Cruz dos Inocentes Local: Matão</i></p>

A capela de Santa Cruz dos Inocentes possui uma história que atravessa séculos, retornando, possivelmente ao século XIX, quando o sistema escravocrata ainda era vigente no Brasil. A entrevistada, senhora Vanda Maria Cardoso, com 76 anos de idade e moradora do local por toda a vida, forneceu informações relevantes sobre a história do local.

Em seu relato, informou que a capela fica localizada em um terreno que já foi um pequeno rancho. Dentre as histórias sobre o local, conta-se que uma criança escravizada vivia próximo ao rancho, tendo sido assassinada de forma brutal. Ele teria sido amarrado no rabo de um burro e arrastado pela estrada até perder a vida. Após o assassinato, o menino foi enterrado no local. Para sinalizar onde o “anjinho” foi sepultado, foi levantada¹⁷ uma cruz de pau de cedro no local, seguindo as

¹⁷ “Vale dizer que, de acordo com os registros de José Maynard Araújo (1964), o termo ‘levantar’ é o mais apropriado para se falar das cruzes e cruzeiros, pois ‘finçar’ se refere à estaca ou moirão e ‘plantar’ se refere às plantas e árvores. Araújo (1964) assinala que, por vezes, as cruzes das estradas tem um nome relacionado ao

práticas religiosas tradicionais da Santa Cruz. Com o passar do tempo, a cruz brotou e deu origem a uma árvore, segundo as histórias ouvidas pela senhora Vanda. Em seu relato, ela afirma se recordar da árvore no local, que “durou muito tempo”.

Dona Vanda também informou que, com o passar do tempo, a Santa Cruz dos Inocentes foi substituída por uma pequena capela, e a cruz, colocada dentro do templo. No entanto, a entrevistada não soube estimar a data de construção da capelinha antiga, afirmando que a capela atual teria, aproximadamente, 10 anos. Tanto no caso da construção das capelinhas quanto nos momentos em que houve necessidade de reforma, a mobilização da comunidade foi destacada pela entrevistada, que relatou a realização de festas e de doações para que o local pudesse ser reformado e se manter em bom estado. Todavia, a entrevistada relatou que, com o passar do tempo, o interesse pela tradição diminuiu e a manutenção da capela deixou de ser realizada, culminando no atual estado precário de conservação.

Os usos da capela, quando a tradição estava ativa na comunidade, se concentravam na realização de festas no dia de Santa Cruz, contando com procissão – que saía da casa do pai da senhora Vanda, onde ela reside atualmente –, ornamentação de andores, leilões e os tradicionais “dançadores de São Gonçalo”. A realização das festas foram decaindo há cerca de 20 anos, de acordo com o relato da entrevistada, e após esse período, a capela passou a ter, cada vez menos, funções religiosas e sociais na comunidade.

Tinha [festa], era festa de Santa Cruz. [...] Tinha festa, tinha leilão... Só que padre também nunca veio ali. Era só orador mais velho, já morreram tudo também. Tinha dança de São Gonçalo, tinha leilão, é... [Há] Muito tempo, no tempo da minha mãe, fazia festinha lá, era tão bonito! Nós era solteira [suspiro]... [...] A procissão saía daqui, da casa do meu pai aqui. Aí tinha a igreja ali [de Santa Cruz dos Inocentes], minha mãe enfeitava tudo com bandeirinha, coisa mais linda do mundo... Vinha gente mesmo. Ia [até a capela] Os rezador,

nome da pessoa que morreu naquele local, podendo ser chamada de ‘Cruz do João’ ou ‘Cruz de Maria’, por exemplo.” (OLIVEIRA, 2014:40).

tudo mais velho, rezando, as mulherada, os moço carregando andor... Ih, era tão bonito! Tão legal... Hoje acabou tudo.

Atualmente, não há uma pessoa ou grupo responsáveis pela capela de Santa Cruz dos Inocentes, sendo que, esporadicamente, a filha da senhora Vanda ou algum conhecido vão até o local para roçar o mato ao redor e realizar a limpeza interna. Porém, nos últimos anos, o forro do telhado apresentou problemas estruturais, causando insegurança nas pessoas.

Então, todo mundo ajudou a colocar forro na igreja, deu material pra construir a igreja. Mas só que agora quebrou o telhado. Aquelas árvores que tem ali em volta, caiu um galho lá de cima e quebrou telha. Aí andaram 'ponhando' uma telha ou outra lá por cima, mas o forro tá todo podre. Cada rombo desse tamanho... As maritacas comeram tudo. Tá tudo sujo dentro da igreja.

O relato da senhora Vanda contempla o valor histórico, religioso e afetivo da capela de Santa Cruz dos Inocentes, abrangendo desde as histórias que permeiam sua origem até a atual precariedade de seu estado de conservação. O bem, de uso da comunidade religiosa local, apresenta grande acúmulo de sujidades e problemas estruturais relatados pela entrevistada e observados durante a visita ao local. É importante pontuar, ainda, o ressentimento da entrevistada com a colocação de uma caçamba de lixo ao lado da capela, desrespeitando o espaço religioso. Apesar dos problemas e do aparente desinteresse da comunidade na preservação do bem, dona Vanda acredita que, com ações de salvaguarda e a reforma da capela, a comunidade retomaria o interesse pela tradição e pela manutenção do espaço.

80. Capela de devoção não identificada, Matão



*Imagem 141: Capela de devoção não identificada
Local: Matão*

Situada em Matão, dentro de propriedade privada, foram realizadas duas tentativas de contato no local, nos dias 26/09/23 e 29/09/23, respectivamente. A propriedade encontrava-se fechada, estando presentes apenas menores de idade no local, não sendo possível realizar entrevistas.

81. Capela de atribuição não identificada, Godoy de Cima



*Imagem 142: Capela de devoção não identificada (entorno)
Local: Godoy de Cima*



*Imagem 143: Capela de devoção não identificada
Local: Godoy de Cima*

A capela situada em Godoy de Cima não teve sua atribuição identificada, uma vez que não foram encontradas pessoas na comunidade que pudessem ser entrevistadas. O senhor Jair, indicado como uma pessoa de referência, informou que o local está fechado há muitos anos e que chegou a frequentar festas no local, mas que estas não eram atribuídas à Santa Cruz. Informou, também, que próximo à capela identificada, havia outra devotada à Santa Cruz, que será apresentada no item E deste trabalho.

82. Capela de Santo Antônio dos Britos, Pires



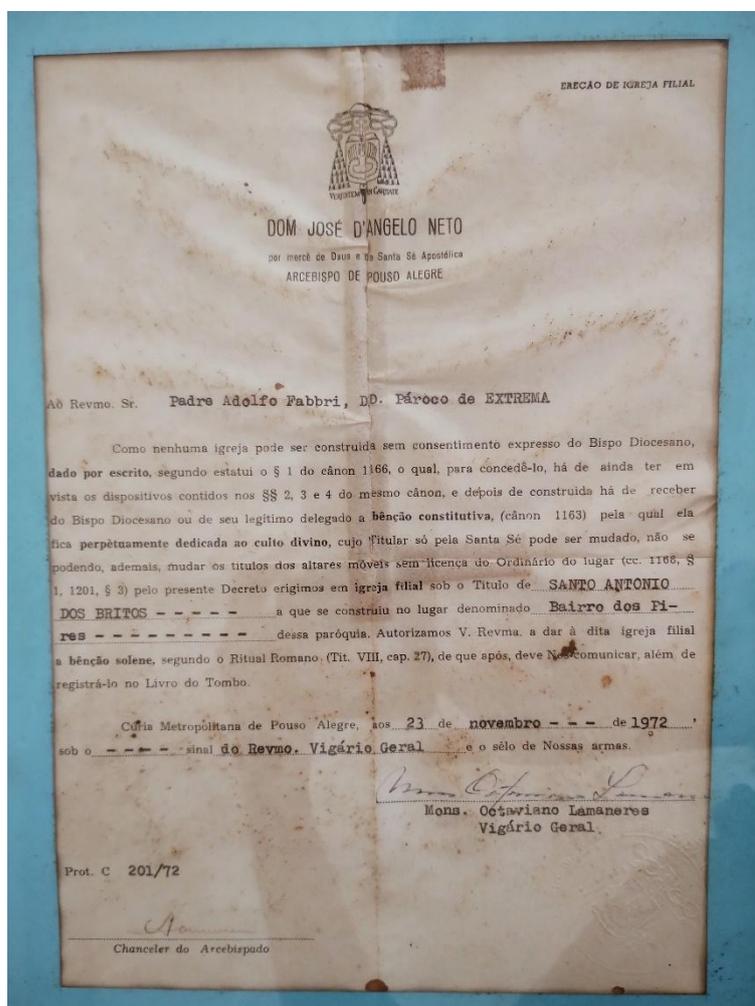
*Imagem 144: Capela de Santo Antônio dos Britos
Local: Pires*

*Imagem 145: interior da Capela de Santo Antônio dos Britos
Local: Pires*

A capela de Santo Antônio dos Britos, inventariada em 2009 (EAU 65), recebeu esta alcinha em documentação de autorização de ereção do templo religioso, emitido no ano de 1972. Na ficha de inventário do bem, o relato do sr. Lourenço Oliveira apresenta uma provável data de construção e usos da capela:

Segundo o Sr. Lourenço a construção da primeira Capela de Santo Antônio no Bairro dos Britos data de 1911. O primeiro construtor foi o Sr. José Alves Moreira, seu avô, mais conhecido como Zezico Brito, que além de Rei do Congado, foi pioneiro do bairro dando o sobrenome de seus antecedentes ao mesmo. A demolição da primeira capela ocorreu por causa da grande quantidade de fiéis que começara a frequentar a comunidade em busca das graças de Santo Antônio. A Igreja atual foi construída na década de 1970, com ajuda do Padre Adolfo Fabri, responsável pela paróquia desde a década de 1950. A família do Sr. Lourenço, que até hoje é responsável pela Igreja, sempre esteve disposta a ajudar para sua manutenção, além da mobilização para a famosa Festa de Santo Antônio. Todos os anos é feita uma pintura na Igreja para sua manutenção. (IPAC, 2023)

Além das informações supracitadas, foram encontradas, na referência bibliográfica, menções a uma ampliação ocorrida em uma ermida no local no ano de 1922.



*Documento de ereção da capela de Santo Antônio dos Britos
Acervo da Capela de Santo Antônio dos Britos*

A entrevistada, senhora Viviana Aparecida de Oliveira Moreira, com 48 anos de idade e atual responsável pela manutenção do espaço, compartilhou informações que dialogam com a versão do livro “O povo conta um pouco de sua História” (2021). Moradora do local por toda a vida, relatou desconhecer informações que liguem a capela de Santo Antônio dos Britos às tradições de Santa Cruz, seja em sua origem ou em seus usos atuais.

Relatou a ativa participação do senhor Lourenço Alves de Oliveira na vida religiosa local, responsável pela guarda do documento apresentado acima, hoje exposto na capela, e também pela doação do terreno onde o templo religioso está

localizado. Todavia, segundo informações encontradas, o terreno teria sido doado, em 1972, pelo senhor José Alves Moreira, sogro do senhor Lourenço e falecido antes da conclusão do processo burocrático.

Os usos da capela são voltados à realização de terços, missas e festa em honra ao padroeiro no mês de junho. Nesse momento, são organizados bingos, quermesses, além de procissão com andor, atraindo a comunidade religiosa ao local. Viviana comentou que, após o falecimento de sua sogra, por volta de 2008 ou 2009, a realização da festa foi interrompida, retornando em 2023 com os elementos tradicionais.

A família da entrevistada possui, historicamente, estreita relação com a capela de Santo Antônio dos Britos. Ela relatou que o senhor Lourenço, seu tio, teve sua cerimônia de matrimônio realizada lá, assim como também ocorreu com sua cunhada. A capela também já acolheu batizados, primeira eucaristia e crisma. Um outro fato importante para a senhora Viviana foi a realização do velório de seu avô, que foi realizado na capela de Santo Antônio dos Britos. Além do valor afetivo, representado pela vivência da família de Viviana, também é ressaltado o valor religioso, haja vista a zeladora também ser catequista, ressaltando a importância da evangelização como forma de aumentar a comunidade religiosa. Este é um dos pontos de destaque de seu relato, afirmando que, apesar de existir participação nos eventos, não há envolvimento efetivo da comunidade na organização e planejamento das atividades ocorridas. Assim, é possível observar como o valor social do templo religioso está mais caracterizado pela presença em missas e festividades, e menos em atividades ativas de preparo da comunidade religiosa.

83. Capela de São Benedito da Fronteira, Pires/Mantiqueira



A capela de São Benedito aqui apresentada é conhecida como “São Benedito da Fronteira” por estar situada próxima à divisa com o Estado de São Paulo. Foram encontradas informações sobre o local por meio da referência bibliográfica e de entrevista realizada com o casal José Olinto de Souza e Maria Antonieta de Souza, com 70 e 64 anos de idade, respectivamente, atuais responsáveis pelo local.

O sr. Gumercindo Bueno de Oliveira era proprietário de um sítio no Bairro dos Pires, e em sua propriedade havia uma pequena capela em honra a São Benedito. Com a abertura da Rodovia Fernão Dias, ficou muito motivado pela esperança de que o progresso não tardaria a chegar. Resolveu construir um Posto de Abastecimento de

Veículos [sic], em sociedade com a família Bortz, cujo posto viria a ser, mais tarde, o atual “Posto Faisão”. Para que a referida construção pudesse ocupar uma área maior, o Sr. Gumercindo demoliu a própria casa e a pequena capela, com a promessa de construir uma nova capela em honra a São Benedito, em um lugar mais adequado. Em 1957, o Posto de Gasolina [sic] e a nova capela já estavam prontos.

Afilhado do senhor Gumercindo, o senhor José Olinto guarda memórias de infância sobre o período da construção e sobre a capela antiga, construída por seu padrinho devido à devoção em São Benedito.

Essa capela aqui era lá embaixo, na casa do meu padrinho. Lá, encostado com o posto fiscal antigo, sabe? Que tinha lá. Então, a capelinha era dentro do terreno do padrinho. Daí o dono que comprou aqui combinou com o padrinho [...] “Vamo fazer a... Eu vou doar o terreno pra capela e aí nós vai fazer a igreja aqui”. Mais grande, que ela era pequenininha. [...] E daí então, quando inauguraram o posto, não tinha capela ainda aqui, aí inauguraram o posto e fizeram churrasco, sabe? O dono aqui, fizeram um valetão... Eu acho que já tinha a capela também! Já tinha feito a capela, deixaram pra inaugurar junto. Aí fizeram uma valentona, mataram um boi e fizeram...

No tangente às tradições de Santa Cruz, o entrevistado relatou que não se lembra de existirem ligações com a capela de São Benedito. Todavia, pontuou que era muito criança naquele período e não saberia afirmar. Conhecedor da tradição rememorou recordações de outras Santas Cruzes próximas, incluindo uma existente em seu próprio terreno.

Os usos da capela de São Benedito, desde sua inauguração, incluem: missas, terços e a festa de São Benedito

Cada ano tinha a festa [de São Benedito]. Festa boa, festão... O meu pai me trazia na festa, mas eu era pequenininho. Meu pai trazia, carregava eu e meu irmão. A minha mãe carregava o outro, menor, e meu pai trazia eu. [...] Enchia de barraca aqui, alugava pra vender as coisas, né?

Ainda existente, mas em menor escala, a festa de São Benedito passou por mudanças em sua data de ocorrência. Antes realizada em maio, com a reforma do Calendário Litúrgico, passou a ser organizada em outubro. Todavia, em função de festividades ocorridas em Extrema, a festividade se adapta ano a ano, prevista para ocorrer em 2023 no mês de novembro, por exemplo. Além dos momentos coletivos, o senhor José Olinto compartilhou uma memória afetiva no local, uma vez que realizou sua Primeira Comunhão na capela.

O entrevistado destacou, também, a relevância da capela para a comunidade por seus valores histórico e religioso. Construída entre as décadas de 1950 e 1960, a capela, mesmo com modificações, ainda apresenta elementos característicos do estilo vigente no período. Além disso, tem sua história atravessada pelas festas em honra ao padroeiro, rememoradas afetivamente pelo senhor José Olinto.

Contudo, é preciso apontar que, atualmente, a capela encontra-se isolada da comunidade pois, com a venda do posto de gasolina, o novo proprietário fechou o acesso do bairro ao local. Desse modo, a única maneira de acessar o templo religioso é por meio da rodovia, fazendo com que a comunidade situada no bairro precise fazer um contorno em local perigoso, especialmente para os pedestres. Os entrevistados pontuaram que este fato dificultou a participação das pessoas nas atividades da capela. Ademais, ainda se recuperando dos impactos da pandemia de COVID-19, a comunidade perdeu as dinâmicas de sociabilidade que compunham a vida da capela, o que, atrelado ao fechamento do acesso, tem enfraquecido a tradição na região.

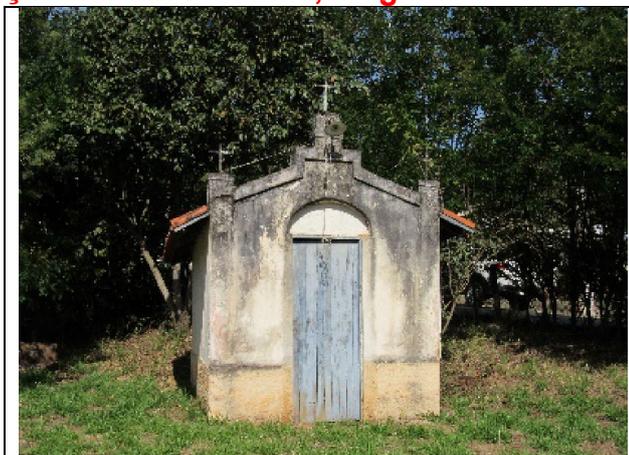
84. Capela de Nossa Senhora Aparecida, Fisgão



*Imagem 150: Capela de Nossa Senhora Aparecida
Local: Fisgão*

Situada em Fisgão, dentro de propriedade privada, foram realizadas duas tentativas de contato no local, nos dias 19/09/23 e 23/09/23, respectivamente. A propriedade encontrava-se fechada e uma vizinha informou que a capela de Nossa Senhora Aparecida teria sido construída pela proprietária em agradecimento à padroeira pela graça alcançada. Todavia, não foi possível determinar a data de sua construção nem se existiriam relações com as tradições de Santa Cruz.

85. Capela de devoção não identificada, Fisgão



*Imagem 151: Capela de devoção não identificada
Local: Fisgão*

A capela fica situada em propriedade privada e, na segunda tentativa de visita, a senhora Erotilde, uma das moradoras, informou que o terreno onde a capela se encontra pertence a seu cunhado, que não mora em Extrema. Ela não soube fornecer informações e deixou um telefone de contato para que fosse possível enviar os dados coletados com o cunhado. Porém, quando o contato foi feito, ela se recusou a contribuir com a pesquisa. Desse modo, não foi possível identificar a

atribuição da capela nem coletar informações sobre sua construção, usos e se possui ligações com as tradições de Santa Cruz.

86. Nossa Senhora de Fátima, Ajuruoca



*Imagem 152: Capela de Nossa Senhora de Fátima
Local: Ajuruoca*

A capela de Nossa Senhora de Fátima fica localizada na propriedade do senhor Antônio, que não forneceu acesso ao local e nem informações precisas sobre o templo religioso e seus usos. Informou apenas se tratar de capela devotada a Nossa Senhora de Fátima por conta de contribuições e informes trocados com os Arautos do Evangelho, organização católica extinta em 2023.

87. Capela de Nossa Senhora de Lourdes, Forjos



*Imagem 153: Capela de Nossa Senhora de Lourdes
Local: Forjos*

Na localidade de Forjos está situado o sítio pertencente à senhora Maria Alice da Silveira Oliveira, com 75 anos de idade e seu esposo, o senhor José Benedito de Oliveira, com 74 anos de idade, ambos moradores da região por toda a vida e entrevistados para este trabalho. Na propriedade, encontra-se uma capelinha construída nos moldes de uma pequena gruta, devotada à Nossa Senhora de Lourdes.

De acordo com a proprietária, o terreno onde mora foi doado por seu pai. Logo após a doação, ela pediu a seu irmão que construísse a capelinha de pedra, por volta de 25 anos atrás. Os usos da capela se resumem às práticas religiosas da família próxima da entrevistada, destacando a participação da comunidade somente no momento da inauguração quando, a pedido da filha da senhora Maria Alice, o pároco Maurício celebrou uma missa e benzeu o local. Por conta disso, a senhora Maria Alice crê que a água corrente que passa por baixo da capela torna-se benta pelo contato com a capela. Mesmo sendo de uso privado, a senhora Maria Alice contou que pessoas de passagem pela estrada se interessam pela capela, pedindo para conhecer ou para encher garrafas com a água do local.

Dentre momentos marcantes relacionados à capela, a entrevistada relatou uma enchente ocorrida no ano de 2023, que inundou todo o seu terreno, sendo preciso pedir intervenção do poder público para remover a água.

Esse ano da chuvarada que deu, né? Deu uma tromba d'água aqui! De madrugada... Começou acho que era umas onze horas da noite mais ou menos. Que eu acordei com o barulho da chuva, levantei e falei "Nossa! Tá muito barulho essa água! Tá diferente.". Aí começou a trovejar e eu deitei de novo. Daqui a pouco, falei "Nossa! Tá caindo pedra!" e levantei. A gente fica ansiosa, né? Aí abri a porta, falei "Nossa! Quanta pedra!". Aí acalmou as pedras, eu saí no canto ali [referindo-se à varanda da casa], falei "Nossa! Mas que barulho de água!". O reflexo da água dava pra enxergar [no terreno]. O aguão que tava. Mas você não via a quantidade, você via o barulho. Meu Deus do céu! Não dava pra enxergar. Aí no outro dia, cedo, meu menino levantou pra ir pro serviço [às] quatro horas, foi abrir o portão, ele disse "Mãe, não consigo abrir o portão.". Entrou tudo aqui e aquele cisqueiro foi lá no portão! Com muito custo ele abriu o portão pra passar o carro, aí eu falei "Vai devagar que você não sabe o que tem pra frente.", né? Não sabe como é que foi a chuva... Quando deu seis horas, que eu levantei, eu vou falar pr'ocê, eu tive vontade de chorar. Eu falei "A minha capelinha é resistente, a fé nossa é grande!". A água pulou por cima. Essa bica d'água aqui você não via. A água desceu por aqui tudo, isso aqui encheu de pedra e areia e cisqueiro. Meus pés de copo de leite [risos], os vasos, eu tinha bastante, esparramaram... Virou tudo pra cima, entupiu tudo! Falei "Mãe do céu!" [...]

A entrevistada, ao relatar a história da inundação de seu terreno, comentou que, apesar do transtorno, acredita que a devoção a Nossa Senhora de Lourdes foi um dos elementos que reduziram os impactos da provação vivida, se sentindo agradecida pela proteção recebida.

Quando indagado sobre as tradições de Santa Cruz, o casal afirmou conhecer as festividades e simbolismos envolvidos e que ambos participaram bastante, especialmente nas capelas situadas na própria comunidade, sobre as quais forneceram detalhes importantes acerca de suas histórias. Ao mesmo tempo, refutaram a hipótese de que o sítio onde vivem possuísse qualquer relação com as

tradições, reafirmando a decisão de construírem a capelinha por conta da devoção da senhora Maria Alice.

88. Capela de atribuição desconhecida, Salto do Meio



*Imagem 154: Capela de atribuição desconhecida
Local: Salto do Meio*

Em visita ao local nos dias 20/09/23 e 23/09/23, foi constatado que os donos não moram na propriedade e o caseiro, Sandro, não soube dar informações sobre a data de construção da capela e qual seria sua devoção. É sabido, de acordo com o relato do senhor “Camilo”, entrevistado para a capela de São Benedito (15), que o local onde a capela atual foi erigida é o mesmo onde era situada a antiga capela de São Benedito, antes da venda do terreno. Desse modo, é possível afirmar que a história da capela de São Benedito está diretamente ligada ao local, ainda que as duas capelas não tenham uma ligação direta. Também não foi possível determinar se a capela possui alguma relação com as tradições de Santa Cruz.

89. Igreja de São Lázaro, Salto de Cima



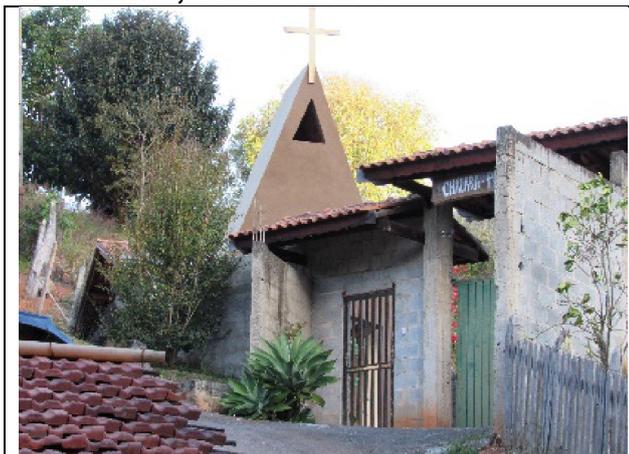
*Imagem 155: Igreja de São Lázaro
Local: Salto de Cima*

A igreja de São Lázaro foi construída há cerca de 60 anos pela senhora Geraldina Alves de Oliveira, avó da senhora Sônia Cristina de Oliveira Silva, entrevistada também para informações sobre a capela de São Pedro (12), em Salto de Cima. As motivações para a construção foram motivadas por um histórico de câncer na família. A mãe da senhora Geraldina foi acometida por “aquela doença do mal”, de acordo com a senhora Sônia e ficou muito doente. Então, a avó da senhora Sônia construiu a igreja em honra a São Lázaro para que ele protegesse sua família, impedindo que seus filhos ficassem doentes por esse motivo. A entrevistada conta que, de fato, nenhum dos filhos da avó teve câncer, declarando que a graça foi, de fato, alcançada.

De acordo com as informações obtidas, o principal uso da igreja era a festa no dia de São Lázaro, em 17 de dezembro, que contava com café com pão para os participantes e, depois, havia procissão com andor e rezas de terço. Todavia, a tradição foi interrompida quando a senhora Geraldina se mudou para Extrema, resultando no fechamento da igreja.

A senhora Sônia relatou um forte desejo de retomar a tradição, informando que tem intenções de reformar a igreja, atualmente em estado precário de conservação, para que as festividades em honra ao padroeiro possam ser retomadas. As motivações para essa retomada evidenciam o valor afetivo e religioso do local para a família da entrevistada, pois há a intenção de dar continuidade à promessa da avó e, ao mesmo tempo, honrar uma memória familiar da tradição.

90. Capela de Santa Terezinha, Salto do Meio



*Imagem 156: Capela de Santa Terezinha
Local: Salto do Meio*

O casal Alice e Mário informou que a capela, situada em propriedade particular, teve sua construção motivada por devoção a Santa Terezinha. As obras foram iniciadas por volta de 2020 e a capela ainda não foi finalizada. Está previsto seu uso para orações pessoais e turmas de catequese, sendo a senhora Alice catequista no bairro. Também foi informado que o local não possuía indícios das tradições de Santa Cruz quando foi adquirido, mas que possuem conhecimento das práticas religiosas e que sua capela não tem motivações nesse sentido.

91. Capela de devoção não identificada, Juncal



*Imagem 157: Capela de devoção não identificada
Local: Juncal*

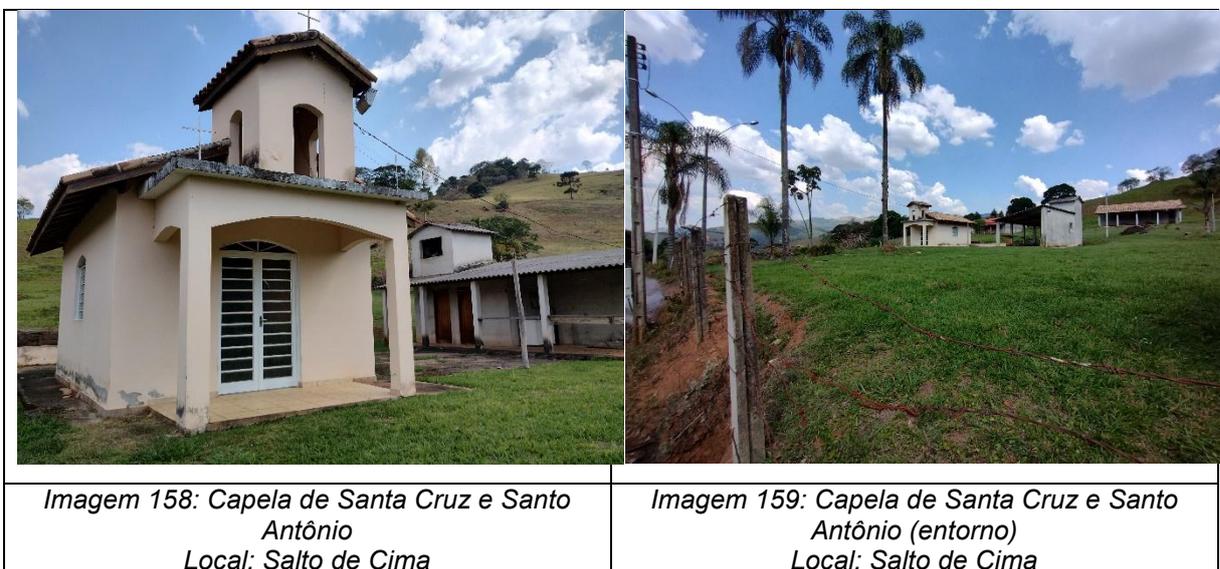
Situada em Juncal, dentro de propriedade privada, foram realizadas três tentativas de contato no local, nos dias 13/09/23, 18/09/23 e 23/09/23, respectivamente. A propriedade encontrava-se completamente fechada e sem vizinhos que pudessem informar sobre possibilidade de contato com os proprietários.

7. Capelas excluídas e incluídas

Durante o trabalho de campo, 3 capelas foram identificadas como não pertencentes ao território de Extrema: a capela de Santo Expedito (07), a capela de Nossa Senhora Aparecida (08) e a capela de Nossa Senhora Aparecida (09), todas situadas na Vila Nossa Senhora da Conceição, próximo ao bairro Salto de Cima. O senhor Gabriel de Jesus, morador do local, explicou que o rio Jaguari, que divide os territórios de Extrema e Camanducaia, faz com que a vila esteja na margem pertencente à Camanducaia, e não à Extrema, como foi identificado no levantamento inicial. Desse modo, as 3 capelas foram excluídas do trabalho.

Por outro lado, outras 3 capelas de Santa Cruz, não identificadas no levantamento inicial foram incluídas no trabalho: uma situada em Salto de Cima¹⁸, outra em Godoy de Cima e, finalmente, uma no perímetro urbano de Extrema, no Auto Posto Leitão. Infelizmente, não foram obtidas informações em quantidade a respeito das capelas, mas entendendo que a indicação de suas atribuições dialoga diretamente com o escopo deste trabalho, os dados obtidos foram incluídos a seguir.

Capela de Santa Cruz e Santo Antônio, Salto de Cima



O senhor José Garcia de Oliveira, conhecido por “Camilo”, é morador da região por 58 anos, estando com 83 anos de idade. Em seu relato, informou que o terreno onde a capela está situada pertence à sua cunhada, senhora Hortênsia

¹⁸ A capela foi identificada antes da informação de que o rio Jaguari é considerado a divisa entre os municípios de Extrema e Camanducaia, sendo importante, então, confirmar em qual município ela está localizada.

Graciano Souza. Quando ela adquiriu a propriedade, havia uma cruz antiga no local, que não se sabe a origem, mas indicava a presença das tradições de Santa Cruz. De acordo com o entrevistado, a cruz já existia no local desde sua mudança para a região, há quase 60 anos. Desse modo, a proprietária decidiu construir uma capela no local, devotada à Santa Cruz e à Santo Antônio, do qual sempre foi devota.

Foi relatado, ainda, que a capela fica fechada, uma vez que a proprietária do terreno não reside no local e que ela é a única responsável pela manutenção do espaço. O principal uso da capela é a festa em honra a Santo Antônio, quando são preparados comes e bebes, além de haver procissão e reza de terços.

A capela, aparentemente, é conhecida na região e as festividades têm boa participação da comunidade. A relevância do local, assim, pode ser atribuída ao valor religioso que motivou a construção da capela, mas também social, haja vista a expectativa da população em retomar a festa com o fim da pandemia.

Capela de Santa Cruz, Godoy de Cima



*Imagem 160: Capela de Santa Cruz
Local: Godoy de Cima*

A capela foi indicada pelo senhor Jair, morador da região por toda a vida, após saber os motivos deste trabalho. Ele ressaltou que, apesar de não haver mais atividades no local, a capela de Santa Cruz foi muito importante no passado, que recebia as comemorações no 3 de maio com rezas, terços e festas. Todavia, atualmente, é nítido o abandono do local que, mesmo situado ao lado de uma residência, encontra-se fechado e com acesso restrito pela vegetação. O morador não soube informar as motivações da ereção da capela nem fatos que permitissem compor um histórico mais robusto a seu respeito.

Capela de Santa Cruz, Lavapés



Imagem 161: Capela de Santa Cruz
Local: Lavapés
Fonte: Google Street View

A senhora Maria Alice, entrevistada sobre as capelas 28, 29, 30 e 87 foi a responsável por identificar a capelinha, relatando uma história de sua família:

Porque lá na cidade, quando tinha... Antes de fazer aquele posto de gasolina, bem antes do doutor Luiz vir pra cá, morreu um primo meu ali, naquele trevinho. [...] E meu tio foi lá e fez a cruzinha do menino, né? Era uma capelinha. Aí chegava nessa época do calorão, muita seca, a gente ia lá, né? Rezava o terço, molhava... E aquilo foi dando continuidade, né? Aí quando o doutor Luiz tomou posse na prefeitura, que precisou fazer umas mudanças, ele chamou meu tio e falou “Como é que faz, seu João? Tem que mexer lá e a Santa Cruz vai ter que mudar.”. Aí mexeu com o veinho, né? Ele falou “Ah, doutor! Lá, [se] o senhor quer mudar, é um direito do senhor, eu não impedir que lá não é meu, mas...”, ele [o senhor Luiz] falou “Não... Não vou derrubar, vou só mudar ela de lugar.”, Aí ele [o tio] falou “Mas onde o senhor vai por?”, “Vou por do lado... Indo daqui pra lá, vou por do lado direito, encostadinho lá no posto.” Que ele já tava com o projeto de fazer o posto. “Mas vai continuar a capelinha da Santa Cruz com o nome do menino, tudo bonitinho.” Aí ele fez até mais bonita do que era, né? Ele fez uma capelinha mesmo, com vidro, com... [...] É, no Posto do Leitão. E aí ficou, né?

A presença da capela de Santa Cruz no perímetro urbano de Extrema amplia as possibilidades futuras de pesquisa sobre a tradição. Isto se dá ao demonstrar que as práticas religiosas de beira de estrada também podem ter vestígios dentro da cidade, especialmente em locais que, no passado, foram considerados rurais.

8. Considerações Finais

A pesquisa realizada em Extrema ao longo do mês de setembro possibilitou angariar informações sobre o atual estado de conservação e salvaguarda das capelas situadas na região rural do município, estejam ou não relacionadas às tradições de Santa Cruz. Com a finalização do trabalho, os resultados apresentados podem ser sistematizados da seguinte forma:

- 23 capelas identificadas no levantamento realizado em junho de 2023 foram confirmadas como pertencentes à tradição de Santa Cruz, das quais somente 2 não foram encontradas informações (42 e 47);
- 6 capelas não devotadas diretamente à Santa Cruz possuem alguma ligação com a tradição, seja em sua origem, seja nas festividades realizadas;
- 41 capelas identificadas no levantamento realizado em junho de 2023 tiveram informações obtidas por meio de história oral e/ou documentação, onde não foi observada nenhuma ligação com as tradições de Santa Cruz;
- 16 capelas sem informações encontradas sobre sua história ou possíveis relações com as tradições de Santa Cruz;
- 2 recusas de informações: em Ponte Nova (72) e em Fisgão (85);
- 3 exclusões de capelas identificadas no levantamento realizado em junho de 2023 por não estarem situadas no território de Extrema; e
- 3 inclusões de capelas relacionadas às tradições de Santa Cruz, identificadas por meio de relatos de pessoas de referência.

Desse modo, o número total de capelas do trabalho permaneceu 91, uma vez que foram excluídas 3 capelas situadas em Camanducaia e, posteriormente, incluídas 3 capelas diretamente ligadas à tradição de Santa Cruz. Todavia, como foi informado na apresentação dos resultados prévios, foram observadas mais capelas situadas na região rural que precisam ser investigadas, a fim de estabelecer quantas seriam relacionadas às tradições de Santa Cruz.

Com a conclusão do trabalho, foi observada uma maior incidência de bens materiais relacionados às tradições de Santa Cruz em 4 bairros: Salto do Meio (4), Juncal/Pinhal Grande (5), São Brás (4) e Forjos (3). Em tais regiões, também foram encontradas, com maior facilidade, informações sobre história, tradição e atuais

usos dos espaços religiosos, principalmente, por meio de entrevistas com detentores de saberes.

É importante salientar que, apesar da presença ostensiva de edificações religiosas atribuídas e/ou relacionadas às tradições de Santa Cruz, o precário estado de conservação, a ausência de continuidade na transmissão de conhecimentos e o notório desinteresse da população nos bens materiais e imateriais colocam em xeque as possibilidades de preservação e valorização. Foi possível perceber, como ameaças à tradição, três fatores principais: 1) a migração e/ou falecimento de detentoras/es de saber, resultando no decréscimo da transmissão de conhecimento e na ausência de manutenção dos bens materiais; 2) o intenso processo de ocupação do território de Extrema por parte de trabalhadores temporários e/ou de pessoas e empresas que adquirem terrenos e, desconhecendo as tradições, enfraquecem as possibilidades de continuidade das relações com os bens materiais e imateriais do território; e 3) o apontamento, por parte de moradores locais, do enfraquecimento da religião católica na comunidade e a preferência por religiões derivadas do protestantismo e do neopentecostalismo pelos atuais habitantes.

É preciso mencionar, também, os impactos da pandemia de COVID-19 nas tradições relacionadas ou não à Santa Cruz. Entendendo o processo de envelhecimento da população entrevistada, a pandemia causou a interrupção de eventos religiosos de caráter social, tais como as muitas vezes mencionadas festas e rezas. Ainda que, oficialmente, a pandemia tenha chegado ao fim em maio de 2023 pela Organização Mundial de Saúde (OMS), a população, especialmente em idade avançada, ainda busca formas de retomar atividades religiosas, sociais e familiares no período pós-pandêmico atualmente vivenciado.

Uma vez apresentado o panorama geral da pesquisa e reconhecidas as principais ameaças aos bens materiais e imateriais relacionados às tradições de Santa Cruz, é possível sugerir ações de médio e longo prazo que visem tanto a valorização do bem cultural em termos materiais e imateriais quanto a continuidade da pesquisa realizada.

Haja vista o reconhecimento de 4 bairros como locais de referência das tradições de Santa Cruz, recomenda-se, inicialmente, que estes sejam o foco para

futuras pesquisas, realizadas por agentes do poder público de Extrema, posto que são pessoas conhecidas na região.

Em Salto do Meio, destaca-se a relevância da capela de Nossa Senhora Aparecida (25) que, apesar da mudança de devoção, foi identificada como extremamente relevante por conta de sua história atrelada às tradições de Santa Cruz. Do mesmo modo, a capela de Santa Cruz (22), também localizada no bairro, foi citada por diversos detentores de saber como relevante para a manutenção da tradição, sendo indicada como um bem plausível para o processo de inventário.

Em Forjos, uma vez que a capela maior de Santa Cruz e a festa já são bens inventariados, recomenda-se a realização das fichas de inventário das capelas menores e, também, incluí-las na ficha do bem imaterial, posto que foi constatada a relação entre os 3 bens materiais e a festividade em honra à Santa Cruz. Desse modo, assegura-se a manutenção e preservação de bens relacionados à tradição em um local onde a tradição é valorizada pela comunidade.

No caso da Capela de Santa Cruz do bairro Rodeio/Barreira, recomenda-se o acompanhamento, por parte do poder público local, da continuidade da tradição, que já se mostra valorizada pela comunidade local.

Outra capela a ser destacada é a de número 79, localizada no bairro Matão e identificada como “Santa Cruz dos Inocentes”. Sua história, relacionada com a política escravocrata implementada no Brasil, apresenta relevância não somente local, haja vista as possíveis relações com outros bens erigidos em memória a pessoas escravizadas. Tais dados inferem a possibilidade da realização de inventário desse bem por questões de valor histórico.

Contudo, as recomendações acima sugeridas só farão sentido se houver envolvimento e interesse das comunidades. Entendendo a História com “agá maiúsculo” como um processo permeado por mudanças e permanências, é preciso investigar o atual contexto dos locais onde as capelas estão situadas. No momento em que esta pesquisa foi realizada, ficou nítida a ausência de envolvimento e interesse da comunidade nos bens e tradições relacionados à Santa Cruz, seja pelas mudanças ocorridas com o tempo que causaram a perda de muitos elementos materiais e imateriais da tradição, seja pela priorização de outros aspectos da vida social. Nas visitas *in loco*, o precário estado de conservação da maioria das capelas atesta que, com o passar do tempo, a tradição deixou de ser parte da vida social na

região rural de Extrema. Assim, surgem questionamentos tanto sobre a viabilidade quanto sobre a relevância de pesquisas que insistam na preservação de bens e tradições que não são de interesse comunitário ou que já estejam em processo irreversível de desconhecimento ou avançado estado precário de conservação.

9. Referências Bibliográficas

ALVES, Castro. **A cruz da Estrada**. Recife, 1865. Disponível em: https://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/38319/antologia_vozesperanca_castroalves.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 08 dez. 2023.

FRANCO, Odair. **História da febre-amarela no Brasil**. Rio de Janeiro: GB, 1969. 208 p. Disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/0110historia_febre.pdf. Acesso em: 04 dez. 2023.

GUEIROS, Mabel Sales de Farias. **No caminho, uma cruz; na Igreja, um credo: um estudo dialógico do discurso dos católicos que constroem as Santas Cruzes de Beira de Estrada e do discurso da Igreja Católica [Trabalho de Conclusão de Curso]**. IFPE, 2022, 33 p. Disponível em: <https://repositorio.ifpe.edu.br/xmlui/handle/123456789/570>. Acesso em: 01 dez. 2023.

IPHAN. **Educação patrimonial: histórico, conceitos e processos**. 2014. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Educacao_Patrimonial.pdf. Acesso em: 18 abr. 2024.

OLIVEIRA, Vanessa Souza Eletherio. **Entre as cruzes da estrada: produções e (in)visibilidade da morte no sertão de Pernambuco [dissertação de mestrado]**. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UFPE, 2014, 129 p. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/10351>. Acesso em: 01 dez. 2023.

PARÓQUIA Santa Rita de Cássia de Extrema-MG. **O povo conta um pouco da sua história**. Três Corações: GrafMinas, 2021. 266 p.

RETONDAR, Patrícia Teles Ribeiro. **A morte ao longo do caminho: reflexões da religiosidade popular presentes nas práticas mortuárias referentes às cruzes e memoriais de beira de estrada do interior paraibano [Dissertação de mestrado]**.

Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, UFPB, 2017. 117 p. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/19351>. Acesso em: 08 dez. 2023.

VILELA, Renner Patrick C.; OLIVEIRA, Eliézer Cardoso. Cruz credo! As cruzes de beira de estrada como monumentos macabros. **Anais do VII Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG**, 2021, 10 p. Disponível em: <https://doity.com.br/anais/8cepe/trabalho/224293>. Acesso em: 30 nov. 2023.

10. Fontes Orais¹⁹

Depoimento da Sra. Zilda de Oliveira Franco, 13 min., Extrema, 13/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento da gravação autorizado pela entrevistada para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento da Sra. Maria Donizete de Oliveira Dini, 10 min., Extrema, 13/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento da gravação autorizado pela entrevistada para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento da Sra. Rosilda Maria de Sousa, 18 min., Extrema, 13/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento da gravação autorizado pela entrevistada para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento das Sras. Etelvina Pereira Lipi e Maria Benedita de Oliveira, 15 min., Extrema, 13/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pelas entrevistadas para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento da Sra. Maria Matilde Pinto, 6 min., Extrema, 14/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pela entrevistada para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento da Irmã Natalina, 9 min., Extrema, 14/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pela entrevistada para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento das Sras. Maria Conceição e Oralina Cardoso de Lima Leme, 40 min., Extrema, 13/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pelas entrevistadas para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

¹⁹ Link para download dos arquivos de áudio das entrevistas: <https://we.tl/t-q0CiVxiEoy>.

Depoimento do Sr. Reinaldo José Caetano, 9 min., Extrema, 15/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pelo entrevistado para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento da Sra. Conceição Aparecida de Lima Mingarelli e do Sr. Hélio Mingarelli, 39 min., Extrema, 15/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pelos entrevistados para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento dos Srs. José Rodrigues, João Lopes e da Sra. Jacira Lopes, 30 min., Extrema, 16/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pelos entrevistados para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento da Sra. Noêmia Aparecida Padilha, 21 min., Extrema, 16/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pela entrevistada para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento do Sr. Jovair Ramos, 8 min., Extrema, 16/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pelo entrevistado para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento da Sra. Cleusa (não forneceu sobrenome), 7 min., Extrema, 18/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pela entrevistada para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento da Sra. Matilde Martins de Sousa, 5 min., Extrema, 18/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação **não** autorizado pela entrevistada para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento do Sr. Wilson Antônio de Toledo, 9 min., Extrema, 18/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pelo entrevistado para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento do Sr. Deusdedit José Efigênio Cardoso, 15 min., Extrema, 18/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de

gravação autorizado pelo entrevistado para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento da Sra. Vanda Maria Cardoso, 24 min., Extrema, 18/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pela entrevistada para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento da Sra. Rose e do Sr. Deusdete (não forneceram sobrenomes), 9 min., Extrema, 19/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação **não** autorizado pelos entrevistados para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento da Sra. Edna (não forneceu sobrenome), 5 min., Extrema, 19/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação **não** autorizado pela entrevistada para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento do Sr. Luiz Pereira do Nascimento, 18 min., Extrema, 19/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pelo entrevistado para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento da Sra. Viviana Aparecida de Oliveira Moreira, 34 min., Extrema, 19/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pela entrevistada para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento da Sra. Erotilde (não forneceu sobrenome), 6 min., Extrema, 19/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação **não** autorizado pela entrevistada para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento do Sr. Antônio (não forneceu sobrenome), 4 min., Extrema, 19/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação **não** autorizado pelo entrevistado para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento da Sra. Maria Neusa da Silva, 27 min., Extrema, 19/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pela entrevistada para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento do Sr. Plínio Gomes de Oliveira, 32 min., Extrema, 20/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pelo entrevistado para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento do Sr. Rodrigo (não forneceu sobrenome), 10 min., Extrema, 20/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pelo entrevistado para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento da Sra. Benedita (não forneceu sobrenome), 7 min., Extrema, 20/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pela entrevistada para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento do Sr. Epiphânio de Almeida, 10 min., Extrema, 20/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pelo entrevistado para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento da Sra. Maria Alice da Silveira Oliveira e do Sr. José Benedito de Oliveira, 36 min., Extrema, 20/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pelos entrevistados para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento da Sra. Ana Maria e do Sr. Elias (não forneceram sobrenomes), 12 min., Extrema, 21/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação **não** autorizado pelos entrevistados para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento da Sra. Terezinha de Moraes Oliveira e do Sr. Benedito de Oliveira, 27 min., Extrema, 21/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pelos entrevistados para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento da Sra. Maria de Fátima e do Sr. João Batista (não forneceram sobrenomes), 13 min., Extrema, 21/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pelos entrevistados

para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento do Sr. José Galdino da Silva, 51 min., Extrema, 21/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pelo entrevistado para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento do Sr. José Garcia de Oliveira, “seu Camilo”, 19 min., Extrema, 21/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pelo entrevistado para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento do Sr. Alcino Magalhães de Oliveira, 27 min., Extrema, 21/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pelo entrevistado para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento da Sra. Maria Aparecida Miloli, 6 min., Extrema, 22/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pela entrevistada para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento da Sra. Olga de Oliveira Lima, 25 min., Extrema, 22/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pela entrevistada para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento da Sra. Hélia (não forneceu sobrenome), 4 min., Extrema, 22/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pela entrevistada para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento da Sra. Sônia Cristina de Oliveira Silva, 13 min., Extrema, 22/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pela entrevistada para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento da Sra. Alice e do Sr. Mário (não forneceram sobrenomes), 9 min., Extrema, 22/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pelos entrevistados para a Secretaria de

Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento da Sra. Dirce Paula de Moraes Marinho e do Sr. Sinesio Luiz Marinho, 19 min., Extrema, 23/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pelos entrevistados para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento da Sra. Ana Paula de Moraes, 12 min., Extrema, 23/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pela entrevistada para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento do Sr. Jair Cardoso Pinto, 7 min., Extrema, 23/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pelo entrevistado para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento do Sr. Alvarino, “seu João” (não forneceu sobrenome), 10 min., Extrema, 25/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pelo entrevistado para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento da Sra. Marcela Aparecida Andrade Portugal, 25 min., Extrema, 23/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pela entrevistada para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento²⁰ da Sra. Maria da Conceição Freitas Cunha e do Sr. Gilberto de Sousa Cunha, 26 min., Extrema, 26/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pelos entrevistados para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento da Sra. Elaine (não forneceu sobrenome), 7 min., Extrema, 26/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação **não** autorizado pela entrevistada para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

²⁰ Depoimento fornecido sobre a capela 07, situada em Camanducaia.

Depoimento do Sr. Francisco (não forneceu sobrenome), 16 min., Extrema, 26/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pelo entrevistado para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento da Sra. Maria Antonieta de Souza e do Sr. José Olinto de Souza, 25 min., Extrema, 26/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pelos entrevistados para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento da Sra. Teresa e do Sr. Alcebíades, 25 min., Extrema, 26/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pelos entrevistados para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

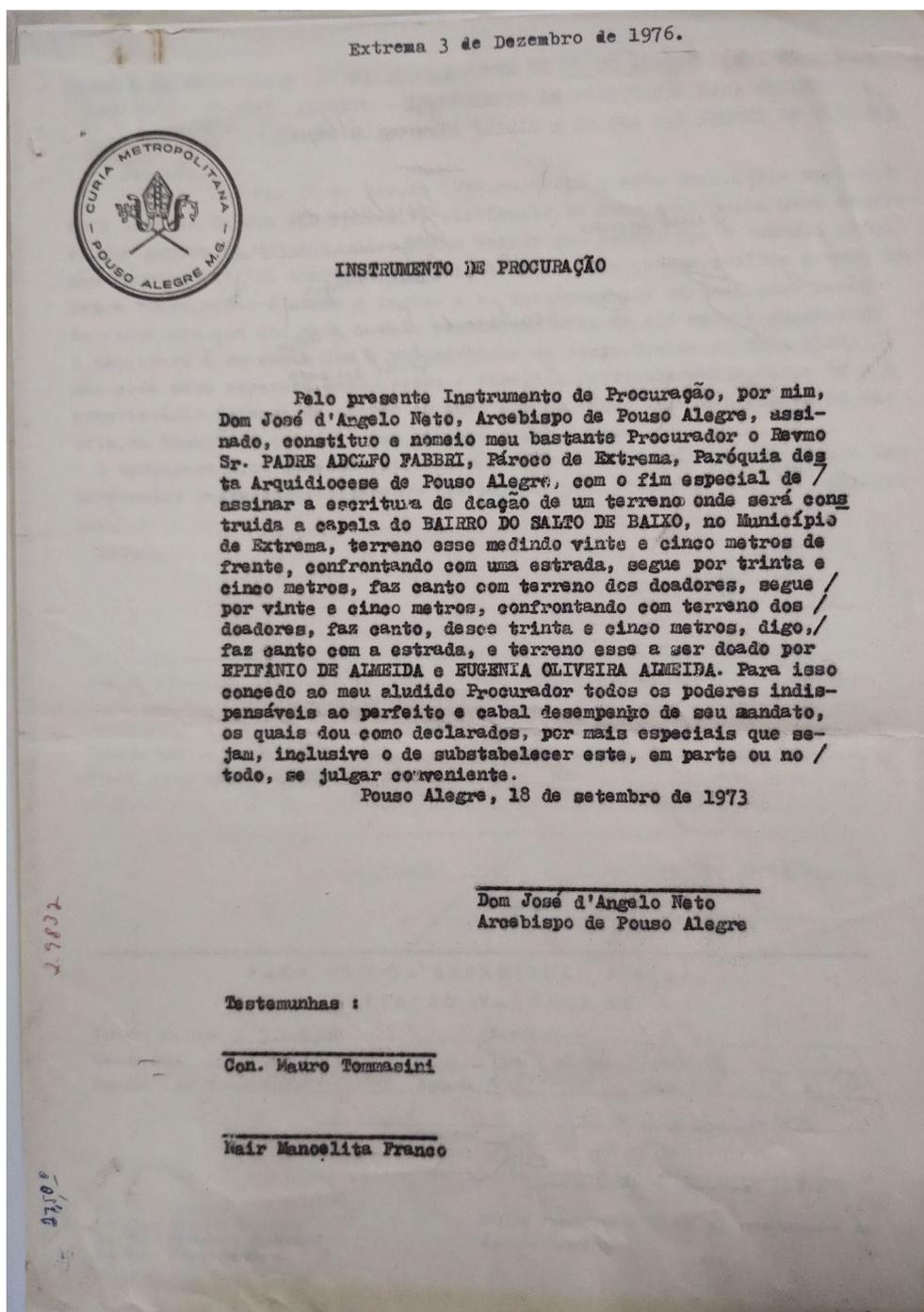
Depoimento da Sra. Rosana Aparecida Galvão Silva, 48 min., Extrema, 29/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pela entrevistada para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento da Sra. Maria Belmira Alves Oliveira, 54 min., Extrema, 29/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação autorizado pela entrevistada para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

Depoimento da Sra. Maria Oliveira, 14 min., Extrema, 29/09/23. Entrevista realizada pela pesquisadora Débora Viveiros com compartilhamento de gravação **não** autorizado pela entrevistada para a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Extrema. Tradições de Santa Cruz em Extrema, 2023.

11. Fontes Documentais

Além da documentação citada ao longo do trabalho, proveniente de acervos particulares, das capelas visitadas e do Arquivo Arquidiocesano de Pouso Alegre, foram utilizadas outras fontes documentais do acervo do Arquivo Arquidiocesano de Pouso Alegre, disponíveis a seguir:





ESTADO DE MINAS GERAIS
SECRETARIA DE ESTADO DA FAZENDA

Em 03 / 12 1976

Maria Jirinec Perlobo
DISTRIBUIDORA

Guia de Informação - I. T. B. I. "Inter Vivos"

P/ uso da Repartição 269/146

Nome do contribuinte: Arquidiocese de Pouso Alegre
 Endereço _____
 Município _____ CPF ou CGC _____
 Natureza da transm. Doação Inscr. SNR. VEND.
 Aquisição ou Transmissão que fará Vitorino João de Moraes e sua mulher

CPF n.º 171249488-00

Natureza do imóvel: _____
Lote - Terreno Rural c/ ou s/ benfeitoria - apto. etc.
 Inscr. INCRA 446 106 000 930-00

Natureza das benfeitorias: _____
Residencial - Rural - Comercial - etc

Qualidade do imóvel: O NB B R P Área do Imóvel 25.2

Área construída Módulo 38,7 N.º Módulo 0,62 Fração min. Parc. 12.0

Localização - Identificação - Denominação Imóvel, etc.: Um lote de terras para construção, com a área de 460 m2., situado no bairro das Posses neste município.

Cartório onde se lavrará o Instrumento: _____
 Transc. Anterior livro 15.902 fls _____ Mês _____ Ano _____

Observações: _____

Extrema, 3 de dezembro de 1976

Mullering
(Assinatura do Instrumento)

PARA USO DA REPARTIÇÃO FISCAL
AVALIAÇÃO (VALORES Cr\$)

Terreno ou lote 3.000,00 Benfeitoria _____

Construções _____ Total a tributar 3.000,00

Recolhido ao Banco REAL SA Agência Extrema Data 09, 12, 76

Cambul 2 de Dezembro de 1976

J. T. F.
Assinatura do Avaliador - Cargo e Mass. 103.877

- 1.a Via - Cartório
- 2.a Via - Arquivo Coletoria
- 3.a Via - Prefeitura Municipal
- 4.a Via - Delegacia Fiscal

NOTA: Preencher a GUIA p/ recolhimento na Agência Bancária.

PAROQUIA DE S. RITA DE CASSIA
EXTREMA (Sul de Minas)
Arquidiocese de Pouso Alegre

Extrema 8 de Agosto de 1984.-

REVMA CURIA METROPOLITANA DE POUSO ALEGRE (SUL DE MINAS GERAIS).-

ASSUNTO: CAPELAS QUE NÃO TEM ESCRITURA.-

Conforme o Sr. Arcebispo disse,vão,aqui,as informações pedidas.Des-
culpar se não pude enviar antes,devido a doença (ainda em andamento).
No RELATORIO DOS BENS IMOVEIS da Paroquia de Extrema aos 31 Dez.1970.,
mandei a Essa Revma.Curia os prospecto pedido.Este prospecto tem o nome
do imovel,a localização,a metragem do terreno e o valor,mais ou menos,da
avaliação daquele tempo.É só olhar no vosso arquivo proprio-Éu queria man-
dar um xerox da copia,mas era grande demais a folha e não pude tirá-lo.
Aqui vão as variações que aconteceram de 1971 até hoje.

1) Capela de S.Sebastião do Salto de Cima-Bairro dos BENTOS.

Fica a 15 km. da sede,estrada muito precaria com chuvas
e poerona do tempo da seca.Não há escritura mas é reconhecida ab immemora-
bili.O terreno é m.8 x 12 (resto;aos poucos,foi abocanhado pelos vizinhos.
dizem que era muito mais).SERIA MUITO OPORTUNO FAZER O DOCUMENTO DE USOCA-
PIÃO;A Velha capela foi demolida e,por incrível que pareça,naquele lugar
aonde os catolicos estão rodeados por espiritas,adventistas,Manuel de Melo
e outra e outras variedades de seitas,não sempre muito irênicas,foi con-
strida uma capela não pequena com possibilidade de aumentá-la.VIDEBIMUS.

2) CAPELA DE N:SA DA CONCEIÇÃO do Bairro do Godoy:

Fica a 8 km. da sede,estrada pior do que a do Salto de
Cima,não há documento da doação,reconhecida ab immemorabili (eu estou a-
qui há 26 anos,mais ll o P. AP T.Tiburcio,já dá para o usocapião).Este ter-
reno (da capela) está sendo "abocanhado" de tudo quanto é lado.Nele fizeram
uma escola rural,um campo de futebol e há diversas casas de moradia,que
já estavam e outras que foram construidas a revelia,não adiantou prôtestar
Em 1970 mandei o documento do levantamento do terreno feito por um perito,
que já conhecia o terreno,e as marcas.-O terreno é de 2-3 Alq.

3) CAPELA DE S.BRAZ - Bairro dos Tenentes:

O Terreno é de Metros quadrados 1958.Passou,ou melhor,
ampliaram a estrada que passav/ferto,invadindo um bom pedaço do terreno.
Há a escritura passada mas não foi registrada.Entretanto,o proprietraio mor-
reu e os herdeiro estão andando no arrolamento.

4) CAPELA DE N:SA APARECIDA-BAIRRO DA BOA VISTA:

Tem. Hs 0,1500.Tem a escritura mas não foi passada registrada.
É uma capela construida por um "místico",num lugar aonde tem poucas casas,a
estrada é muito precaria,é difficilimo chegar la'quando chove.Poucos fre-
quentavam antes,agora,um novo proprietario paulista,cortou um caminho so-
bre uma ponte,vedando o acesso a moradores que poderiam-facilmente vir a
missa.Devendo dar uma grande volta desistiram.É um presente grego verdadei-
ro.Seria melhor perder do que ficar com ele.

OUTRAS NOVIDADES DE 197Q PARA CÁ

a) A CAPELA DO BARRO DAS POSSES:

I 1º

a) A CAPELA DO BAIRRO DÁS POSSES:

Era particular,consegui a doação do terreno, da qual mandei copia para a Curia,a seu tempo.Conseguimos fazer uma capelinha nova,um pouco mais ampla do que a precedente.-

b) RODEIO:

O terreno e a capela foram vendidos,não tendo escritura passada,mas, o novo proprietario,conseguiu constrkir uma nova capela num terreno que,conseguiamos fosse doado,por outro.-Foi enviada copia da escritura,a seu tempo, para a Curia.

c) Capela do Bairro da Roseira:

Foi conseguida a doação do terreno,foi ampliada a capela que tinhamos.Foi enviada,a seu tempo,copia da escritura para a Curia.

d) Capela de Sto ANTONIO BAIRRO DOS PIRES-LOCALIDADE BRITOS:

Consegui fizessem a doação do terreno e,demolendo a velha capelinha,construimos uma bem maior e mais comoda.Mandei copia da escritura,para a Curia,a seu tempo.

e) Capela de N.ª S.ª APARECIDA-Salto do Meio:

Descobri que tem escritura passada e mandei copia a seu tempo para a Curia.

MAIS NOVIDADES :

NA Vargem do João Pinto-Vulgo Bairro do Matão,não havia capelas da Paroquia. O Sr. Nicola Mingarelli se ofereceu para doar um pedaço de terreno para a construção duma capela.Estamos contruindo,a capela está bem adiantada,não é pequena mas é suficiente para o Bairro.Será dedicada à Sagrada Familia e a S.Nicolao Bispo.Uma vez terminado,passaremos a escritura.

CAPELA DE S.CRISTÓVÃO

Depois de vinte anos de patemas,conseguimos construir a Capela de S.Cristóvão.Fiwa a quase dois km. da cidade.O terreno foi doado,há um documento provisorio disto.

Foi comprado também um lote perto desta igreja com um documento provisorio.Logo nos será possível,passaremos a escritura.

O TERRENO QUE FOI DOADO P/S.CRISTOVÃO

no Bairro da Ponte Alta,não foi usado,desistimos daquele lugar pequeno,improprio e sujeito às enchentes do rio Jaguari;Ficou para os herdeiros do doador que morreu.Não passamos a escritura "da volta".-

CAPELAS PARTICULARES

1) CAPELA DE S.VICENTE DE PAULA E S.BENEDITO:

Fica na cidade,no asilo dos velhos.É particular,é muito angusta e está em pessimo estado de conservação.-

2) Capela De N.ª S.ª AP. bairro Ponte Alta:

está a um km. do centro,é particular,e muito pequena.O Sr. Ap.Morbidelli prometeu que daria capela e um pouco de terreno anexoMas nunca se decide.-

3) Capela de S.Benedito-Bairro dos Pires a 5km. da sede:

É particular.Já a achei,pensei que fosse da paroquia mas,só foi construida com dinheiro dos paroquianos,com festinhas.O proprietario,um rico que nem sabe quanto tem em propriedades e cumquibus,nunca a doará,e não adianta insistir.-

I I I 0

- Capela de N.ª S.ª Aparecida-na Vargem do João Pinto a 8 km daqui,
É propriedade do Eduardo Piccone. Feita a seu tempo com festinhas do povo. Ele não quiz doar, de jeito nenhum, e me tratou muito mal, quando, com toda a delicadeza, pedi. O homem é muito avarento e é muito antepatizado per vizinhos e longinquos por este seu paodurismo.
- 5) Capela Particular de S. João Batista Bairro Vargem do João Pinto.
É do Sr. Luiz Gabellini, é muito angusta.-
- 6) Capelinha de S. Sebastião da Lage-
É propriedade do Sr. João Gabellini, queria doá-la mas, é muito pouco o terreno, não é de facil acesso e seria frequentado por muito pouco povo.
- 7) Capela de S. Benedito-Bairro dos Pessegueiros;
Fica a 11 km. na Fernão Dias. É de propriedade do Sr. Benedito Stefani, um ricasso que nem sabe quanto terreno tem. A capela é muito pequena e está bem perto da casa da fazenda. Pedi, diversas vezes que me cedesse um pouco de terreno, para construir uma capela (no setor não tem capelas perto). Prometeu tres o quatro vez, mas, daquele mato, não saiu coelho. Re-tentaremos.
- 8) Santa Cruz de S. João Batista -Pessegueiros-
É a doze km. daqui, na Fernão Dias. O homem cederia a capelinha e um pouco de terreno mas o lugar é a poucos metro dos limite com Itapeva. Distante- portanto, e não beneficiaria a Paroquia, Não convem pegar.
- 9) Capela de Sto Antonio-Bairro das Furnas.
A 12 km. daqui. Estrada pessima, situada a capela, perto dum rio, numa baixada, existia até dias atraz uma capelinha, que poderia cair dum momento para outro, soube que foi demolida. Estamos esperando a doação para poder construir uma nova capela.
- 10) Capelinha de N.ª S.ª Dos Remedios:
Bairro dos Tenentes, perto da capela de S. Bras. Quando cheguei, wada ano em outubro, era feita uma festa desta N.ª S.ª a festa um pouco era dado para a paroquia, o resto era reclamado para beneficiamentos periodicos da capelinha. Esmolas e ofertas ficavam lá. Cortei -imediatamente- dita festa. Comprei uma imagem de N.ª S.ª Dos Remedios, que coloquei em S. Bras. Quem quizer va homenagear a N.ª S.ª lá e nunca mais fui nesta capelinha, aconselhando o povo a não ir lá mas na capela de S. Bras.-
- 11) Capela De Sta. Isabel-Bairro do Salto de Baixo.-
A sete km. da sede. Capela muito pequena. É do Sr. Epifanio Alves de Almeida. Prometeu, diversas vezes, que daria um terreno para a construção duma Capela maior mas... espera cavalo.....!.-
- 12) Capela Particular de S. Benedito:
Entre Salto do Meio e Posses. Capela muito pequena, lugar de difficil acesso, precisa entrar na propriedade do sr. Luiz Mendes. Ele a doaria mas não temos conveniencia em aceitar. Entre as outras coisas prejudicaria a capela das Posses, racione propinquitatis.
- 13) Capelinha de N.ª S.ª Aparecida Bairro dos Coutos-Salto de Cima.
É particular, é muito pequena, é a mais distante da Sede, nos limites com Jagauri de Baixo-Camanducaia. Queriam doar mas não convem aceitar. Entre as outras dificuldades se deveria passar no meio de pastos alheios que não tolerariam passagens de estranhos.-

L. J. C.

Adolpho Lacerda

Representações dos
Clerigos de S. M. de Extrema

S. M. de Extrema, 8 de Setembro de 1927.

Excm. e Revm. Sr. Bispo Diocesano

Respeitosa saudação.

Os abaixo assignados, representando a população da parochia de S. M. de Extrema, vêm offerecer a V. Ex.^a alguns esclarecimentos sobre a povoação de Vargem e ao mesmo tempo pedir a sua paternal solicitude a fim de que esta parochia não soffra a perda da referida povoação, sem a qual difficilmente se poderá manter o seu almejado vigário.

Sabemos que V. Ex.^a, informado por elementos favoráveis á passagem daquelle bairro para a jurisdição ecclesiastica de Bragança, ficou persuadido de que a nova Capella alli construida está em territorio certamente fraudulento, e por isso concordou em que a escriptura fosse passada em Bragança e a benção da mesma Capella fosse feita pelo Excm. Sr. D. José Mauricio da Rocha.

Entretanto, podemos affirmar á V. Ex.^a que tanto a antiga Capella como a nova estão em territorio contestado,

território que eclesiasticamente tem estado na posse da diocese de Pouso Alegre.

Quanto á velha Capella, construída ha cerca de 50 annos por Guitodio José de Oliveira, vulgo Custodio Manoel, sempre foi administrada pelos Vigarios de S. Rita da Extrema, cuja jurisdicção era reconhecida pelos Vigarios de Bragança. Uma só vez o então Vigario de Bragança, Começo José Aguirre, celebrou actos religiosos na Capella, mas, contra isso protestou o Vigario de Santa Rita da Extrema, Padre Ivo Le Bianchio o Vigario de Bragança dando razão ao mesmo.

A dita Capella ha muitos annos era considerada como ponto limítrope entre os dois Estados, vindo a linha divisoria do marro da Pinheira em direcção á Capella. Tanto assim que a Camara Municipal de Bragança, na execução do contracto com o Governo de S. Paulo para a conserva da estrada de rodagem, fazia esse serviço até o kilometro 16, cujo marco estava collocado bem em frente á Capella.

Ainda mais: a "S. Paulo Railway Company" quando tratou de prolonzar os seus trilhos ás raíças de Minas, informada pelo Governo

de S. Paulo em 1911, sobre o ponto em que devia terminar a linha, não passou além da referida Capella.

Quanto à nova Capella, também se acha aquém da linha do estado que (espigão do morro da Paizneira) mesma direcção da Capella velha, como facilmente se pode verificar. Entre os maiores contribuintes para a construcção dessa Capella, contavam-se varios partidarios de Minas e o proprio Vigia Fiscal do Estado, sr. Major Dous Sedit Veira, os quaes certamente não patrocinariam esse empreendimento si lhes constasse que o local escolhido para a Capella estava em territorio paulista.

O facto, pois, de passar o culto a ser celebrado na Capella nova, não altera a situação de posse da parochia de Santa Rita da Extramora, tanto mais que essa posse, por uma concessão tacita dos Exm.^{as} Prelados de S. Paulo, sempre se estendeu a toda a povoação da Virgem, inclusive a parte paulista. Isto porque, sendo muito maior (cerca de 2 terços) a população do lado de Minas, era justo que a administração pertencesse a Minas, uma vez que a administração simultanea pelas dioceses mineira e paulista seria uma coisa inconveniente e insustentavel, verificando-se curta =

certamente a absorpção por parte de
S. Paulo, com prejuizo dos direitos mi-
neiros (direitos de fronte e de maioria)

Pelo mappa que tomamos
a liberdade de juntar, fará V. Ex.^a
uma ideia melhor do que allegamos.

Vimos, pois, pedir a V. Ex.^a
consequir a manutenção do statu
quo no ecclesiastico, como se mantem
no civil, até que seja dada uma
solução definitiva á questão de limi-
tes entre os dois Estados. Temos con-
fiança de que essa solução será favo-
ravel ao nosso Estado, como já o
foi o laudo do Dr. Espitacio, calcado
sobre a demarcação de Thomaz Ro-
bin, a qual, racionalmente inter-
pretada, faz a linha divisoria par-
tir da extremidade da Serra do
Lopo (e não da Pedra Guarayuba)
estendendo, portanto, as divisas de
Minas muito além da povoação
de Turgem.

Nas mãos de V. Ex.^a colloca-
mos a nossa causa, certo de que
V. Ex.^a nos obtará justiça e não
permitirá o sacrificio desta pa-
trioa.

Respeitosamente nos subs-
crevemos

De V. Ex.^a Rerdm.^a
humildes creados e fieis

Descrições sobre diversos no
ferrado de Vargem.

Entre o município de Catemba e o de Bragança existe o bairro denominado Vargem, do qual, desde os tempos coloniais, parte pertencera ao município de Bragança e parte a este município.

Ha cinquenta e tantos annos, bem na linha divisoria respectada, onde hoje está o ponto terminal dos trilhos da Linha Férrea Bragantina, foi erigida uma capella de Santa Cruz, por Quatro dias José de Oliveira, vulgo Custodio Mano, capella que desde então ficou sob o governo do parochos de Catemba.

Em 1909, sob os auspícios do então chefe politico e deputado mineiro Coronel Simião Estylita Cardoso, foram installados no bairro, na parte mineira, a Agencia do Carrio, Posto Fiscal e escolas publicas, sem protesto algum dos bragantinos.

Por esses melhoramentos, foi o coronel Estylita alvo de entusiasticas manifestações por parte dos moradores de Vargem, as quaes admiraram muitas pessoas gradas e autoridades de Bragança, sendo afferecido um lauto banquete ao homenageado no dia 23 de Outubro de 1913.

Com o prolongamento da Linha

Lomba Bragançana até as divisas de
 Minas (atraz da Igreja de S. Cruz) que
 se inaugurou a 1.º de Janeiro de 1913,
 desenvolveu-se o povoado de Vargem
 mais para a parte mineira, e desde
 então despertou o interesse de alguns
 influentes políticos de Bragança, que
 em 1916, conseguiram que o juiz de
 Direito daquela cidade paulista viesse
 allí fazer uma divisão de terras, acto
 contra o qual foi levado protesto pelas
 autoridades de Extrema.

Continuaram depois as invasões
 das autoridades bragantinas e por
 empenho destas, o governo do sr. Altino
 Trantas, então presidente de S. Paulo,
 enviou um numeroso destacamento
 policial, que transpuz os limites do
 Estado e se aquartellou a quem das
 nossas divisas.

Uma invasão foi informada
 o então presidente deste Estado o exmo.
 sr. Dr. Arthur Bernardes, que protestou
 contra aquelle acto perante o Governo de
 S. Paulo.

(Transcripto do Album "Minas
 Gerais em 1925" organizado por
 Victor Silveira)

Ex.^{mo} e Rev.^{ma} Sr. D. Octávio Chagas de Miranda
M. D. Bispo de Pauso Alegre

Tendo sido encarregado pelo governo
mineiro para o estudo da questão de limites
entre os Estados de Minas e S. Paulo e
já tendo obtido diversos documentos em outras
fontes, resta-me somente obter esclarecimentos
sobre a jurisdição eclesiástica no contestado
de Vargem e por este motivo venho solicitar a
V.^{ra} Ex.^{ta} Rev.^{ma} se digue responder-me o mais
breve possível o seguinte:

- 1.^o A capella de S. Cruz das Palmeiras per-
tence eclesiasticamente à Paroquia de
S. Rita da Extrema?
- 2.^o Pertence ainda?
- 3.^o Qual a classificação eclesiástica da
referida capella?
- 4.^o Com qual jurisdição os vigários de
S. Rita da Extrema iam ao povoado de
Vargem ou Palmeiras celebrar os actos re-
ligiosos?
- 5.^o Com a autorização de qual Bispo os
Missionários lá estiveram em 1916?
- 6.^o V.^{ra} Ex.^{ta} Rev.^{ma} quando lá esteve em visita
pastoral em 1919 e 1923 foi com

- licença do Sr. Arcebispo de S. Paulo, ou
debaixo da própria jurisdição de V.^a Ex.^a?

Porque encontrei no livro do Tombo
da Paroquia de S. Rita da Extrema
os termos destas visitas onde diz,
que a capella de S. Cruz das Pal-
meiras ou Varzem é filial da fe-
quezia de S. Rita da Extrema.

Não pude obter esclarecimentos
melhores no arquivo da Igreja de
S. Rita e Sr. R.^{to} P.^o Carbone
nada pôde informar-me por ter
posse recente na Paroquia, apesar
da polieitude com que attendeu-me.

Espero com isto completar os meus
estudos e por isso peço a V.^a Ex.^a
desculpas, agradecendo

E. R. M.

S. Rita da Extrema, 17 Outubro de 1929

Jose' de Oliveira Duarte

Engenheiro da Comissão
Geographica de Minas



Pouso Alegre, 26 de novembro de 1959

Caro Padre Adolfo
Laudetur Jesus Christus !

Estive ausente por vários dias, em tratamento de saúde. Os médicos querem que eu fique pelo menos um mês em repouso absoluto, o que não será possível por enquanto, pelo menos até o fim do ano. Depois...

Quanto à sua carta, vamos per partes:

1) GODOIS - A Cúria apoia totalmente a atitude sua: não fazer festa. Seria até caso de polícia: festa da Igreja contra a orientação da Igreja, a polícia pode liquidar com ela. Mas, muita violência é prejudicial. Acho que o melhor seria o seguinte: será que em tal bairro não existe UM que possa cumprir o regulamento das festas? Se você achar esse tal, nomeie-o festeiro. Se se fizer a festa uma vez dentro da lei, será difícil afastar-se dela depois.

2) Quanto à aplicação de cacos de cerâmica nos degraus da Matriz: na Catedral de Campanha, o piso foi feito de cacos de mármore. As escadarias do Seminário Maior de Mariana têm, incrustadas, pedras diversas, que dão bela tonalidade ao conjunto. Nada obsta.

3) Escrevi ao Pe. José Monteiro, PEDINDO o favor (e é só isso que posso fazer) de atender Munhoz. Pe. José respondeu ser impossível. Não posso obrigá-lo. Agente mais um pouco. O novo Bispo cuidará do assunto, prometo isso a você. Quanto ao dia, fica inteiramente ao seu critério, pois já faz muito em ir lá, seja o dia que for.

Queira desculpar-me pela rapidez das respostas. É que o serviço por aqui ficou acumulado, uma coisa bárbara. Quero ver se até o fim da semana ponho tudo em dia.

Um abraço do

Paróquia de Sta. Rita de Extrema
 Diocese de Pouso Alegre
 - VIA BRAGANÇA PAULISTA -
 (Sul de Minas)

◆ Extrema 11 de fevereiro de 1961.

A Exma. CÚRIA DIOCESANA. . . .POUSO ALEGRE

A S S U N T O: Ereigão Igreja Filial de Sta. Cruz.
 "*****"

Com referimento a folha N.552/60 de Pnt.C dessa
 Cúria em data de 14/12/1960, comunico que:

"De conformidade com as disposições relatadas na
 mencionada folha, foi inaugurada hoje a Igreja de
 Sta. Cruz no bairro dos Fojos: foi dada a bênção
 solene segundo o Ritual Romano e, em seguida, foi
 lida a ata da ereigão e comentado o acontecimen-
 to com uma homilia ad hoc. Logo depois foi celebra-
 da a Sta. Missa, a primeira Missa na nova capela.

1) A Capela é pequena mas é bonita, bem acabadinha
 com altar e bancos de madeira e com uma pequena
 sacristia anexa. Aos poucos, com as ajudas do povo,
 será providenciado a comprar o que ainda falta pa-
 2) ra que possa ser completa e autônoma. Acharia ótimo,
 que fossem abertas mais janelas para que seja mais
 fresca e porque haja mais luz."

3) Quanto acima foi devidamente registrado no Li-
 vro do Tombo paróquial, como foi registrado, a ata
 da ereigão da dita capela, cujo original será po-
 4) sto num quadro e deixado na nova Igreja Filial ad
 perpetuam rei memoriam.

P. Adolfo Fabbri

Adolfo Fabbri

Extrema 8 Novembro 1994.

DOCUMENTO PARA O REVMO. Sr. ARCEBISPO DE POUSO ALEGRE,

Duvidata 8 de Fevereiro 67

Extrema 22 de fevereiro de 1961.

PREZADO SENHOR GUMERCINDO BUENO DE OLIVEIRA

RUA CORONEL TEOFILIO N. 702 BRAGANCA PAULISTA

→ e por conhecimento

A EXMA. CURIA DIOCESANA DE

POUSO ALEGRE

A. S. S. U. N. T. O :

CAPELA DE S. BENEDITO DA BARREIRA DE EXTREMA.

Prezado Snr. Gumercindo,

saudações.

Recebi a sua resposta nestes dias. Agradeço da sua pontualidade. Ignorava

que o Snr. residisse em Bragança, diversamente teria enviado lá a carta.

Nenhuma capela é construída, de sóbito, por particulares só; o povo sempre

ajudou logo, mas ajudou e ajudará muito bem nas festas. Pelos balancetes

se vê que o povo ajuda, que o povo compreende o esforço e as despesas

feitas para realizar a capela. Dificilmente, e falo por experiência,

nas outras capelas rurais, o povo contribui com as sumas que foram reali-

zadas aí.

Como não gosto nem quero continuar, tôda a vida, com polémicas e bri-

gas, procuramos de resolver logo e no melhor modo possível, o negócio. As

soluções que proponho são estas, sempre de conformidade com as disposi-

ções que tenho e que faço questão de observar ao pé da letra, custe o

que custar.

1) Mande, quanto antes, o dinheiro que sobrou das festas de 1958 e 1959,

dinheiro que eu porei imediatamente no banco, fazendo a caderneta da

capela. Iremos ver se dá para mandar fazer um confessionário simples

para o período pascal deste ano.

2) Especifique (se ainda é possível) elencando-as as numerosas despesas

inerentes as festas. Sei, porém, que entre as outras coisas, foi construí-

do um salãozinho-depósito ao lado da capela, sei que não será barato.

Deveria ser feito pedindo autorização, prévia, ao vigário, mas agora já

foi e a "boa fé" do povo é grande.

3) Quanto à Festa: Edição 1960, o festeiro já falou comigo dizendo que

tem uma certa importância e um certo número de bezerro, "sobra" de di-

ta festa, diz-se disposto a entregar, quanto antes, as coisas. Não se pre-

cupe que será meu dever "caçar" tudo isso e não deixar desperdiçar.

4) Mas o assunto base é que devemos, quanto antes, esclarecer e resolver

as coisas.

o negócio da propriedade da capela. Não queria que acontecesse o que já aconteceu em outros lugares, nos quais, capelas particulares e que já foram adibidas ao culto público, nas quais foi rezada missa muitas vezes, foram depois vendidas a acatólicos e transformadas em garagem ou armazens. Pelo que sei, o terreno é ainda seu a todos os efeitos, também se está em sociedade com o Snr. Moisés Bortz e também se foi cedido provisoriamente, à Companhia Texaco. O Mbisés afirmou que, por quanto depender d'êle, está disposto a colaborar. O Snr. sabe que tudo quanto edifica-se sobre um terreno é do dono do terreno: portanto o terreno e a capela, a todos os efeitos legais são seus. Que dificuldades tem, agora, se construiu a capela para cumprir uma promessa a S. Benedito, a fazer a coisa completa, isto é a ceder dita capela com um pedaço de terreno ao redor para eventuais procições? Se o terreno e seu, a capela é sua e não de S. Benedito, portanto a promessa não está completa. Repito, soube que arrendou o terreno à Companhia TEXACO por dez anos e a capela é o terreno anexo, estão comprados no terreno da Companhia. Não seria nada agradável que, amanhã, a companhia me transformasse a capela em garagem ou armazem. O Moisés ajudaria também a resolver a coisa.

Portanto, tudo considerado e se a fé sem as obras (como conclui o senho na sua carta) é morta; faça seguir, à sua fé as obras:

- 1) Mandando a sobra das festas passadas.
- 2) Passando para a Paróquia de Extrema, por meio da Cúria, o terreno e a

capela de S. Benedito da Barreira.

De outro lado, lá de cima, S. Benedito está vendo o que acontece aqui na capela d'êle e só será satisfeito quando tudo será canderitado e legal.

Acabo de falar com o Loureto, que, a meu pedido, apareceu aqui: Para dar prova de boa vontade e para não fazer sofrer os inocentes, voltarei no mês próximo, no terceiro domingo, na capela da Barreira e enformerei o pôvo de como estão as coisas. Este é meu costume, gosto de ser claro.

Recomendo-lhe uma coisa: não me faça esperar, não gosto de coisas crônicas e com mófa, não gosto que se faça amanhã o que se pode fazer hoje. Já me conhece um pouco. Aos Senhor demonstrar de ser um bom funcionário, um bom pai de família, um honesto cidadão e um bom cristão, como afirmava na sua e lembre o ditado latim: "Qui cito dat, bis dat!". Aquêle que der logo, é como se desse duas vezes!

Saudações.

G. Adalberto

Nome do bairro ou freguesia	Orago	Distancia da Matriz	Provisão feita? Até quando?
(X) Godoy	Sto. Pa. da Opporção	1 legua	Até Outubro 1915
(X) Palmeiras	Sto. Cruz	2 leguas	Até Julho 1917
(X) S. José de Godoy	S. José	1 e trinquenta	nao tem
S. Brás (Tenentes)	Tenentes	1 legua	Até Julho 1917
Bairro "Seminários"	Sto. Antonio	1 vi	Até Julho 1917
L Bairro do Alto	Sto. Cruz	4 vi	nao tem
Zel vi	N. Sra. Conceição (?)	1 vi	Provisão feita nao tem
L Pico	Sto. Cruz	2 leguas	nao tem

Bairros em freguesias que não tem capella e em que conseguiria estabelecer missas periodicamente, para instruir o povo e chamar a d'opreção dos sacramentos.

Todos os bairros a partir de 1 legua estão sendo missionarizados durante 5 a 8 dias. Em quanto a levantar novas capellas não é possível nem difficilto a obra principal de construção da Matriz, que ainda está em fazer.

Associações da Matriz de

Nome da Associação	Numero dos associados	Nome do actual presidente
Apostolado da Oração	Foi fundada faz pouco, por nao tinha nome e sede nenhuma, se si tinha nao funcionava. Por em quanto estão se alistando 70 pessoas mais ou menos	O. V. Gani Sr. João Pedro Garcia

(X) Estas são do Património. O resto são particulares

Anno de 1921

Parochia de 1.ª N.ª de Antuano

BISPADO DE POUSO ALEGRE

POPULAÇÃO - MATRIZ

Total da população em 31 de dezembro	Cathólicos	Protestantes	Espíritos	Judeus	Indígenas	População da sede em 31 de dezembro	MATRIZ Estado de conservação	Sacristia e Fabrica	Paróquia?
4.453						327	Perfeita e parte nova	Sacristia José Manoel Fabrica Sr. Leopoldo	sim.

CAPELLAS - ASSOCIAÇÕES

CAPELLAS (Invenção e data)	Distância da sede	CAPELLAS (Invenção e data)	Distância da sede	ASSOCIAÇÕES (Nome)	1.ª de outubro	ASSOCIAÇÕES (Nome)	1.ª de outubro
1.ª N.ª de Antuano	12 Kilômetros	1.ª N.ª de Antuano	12 Kilômetros	Associação de Oração	327	Associação de Oração	327
2.ª N.ª de Antuano	1.0 Kilômetros	2.ª N.ª de Antuano	1.0 Kilômetros	Associação de Amizade	321	Associação de Amizade	321
3.ª N.ª de Antuano	6 Kilômetros	3.ª N.ª de Antuano	6 Kilômetros	Associação de Caridade		Associação de Caridade	
4.ª N.ª de Antuano	12 Kilômetros	4.ª N.ª de Antuano	12 Kilômetros	Associação de Trabalho		Associação de Trabalho	
5.ª N.ª de Antuano	15 Kilômetros	5.ª N.ª de Antuano	15 Kilômetros	Associação de Estudo		Associação de Estudo	

BAPTISADOS

Total	Na matriz	Na capela	Em estradas	De seis meses	De seis meses	Entre de 7 anos	Legítimos	Irregulares
276	223	53	1	131	145	1	3	

CASAMENTOS

Total na Paróquia	Na matriz	Na capela	Em estradas	Entre estradas	Entre estradas + capelas						
46	42	2			36	8				2	4

MOVIMENTO ESPIRITUAL

Total das capelas	Na matriz	Na capela	Em estradas	1.ª comunhão	União	Extrema-unção	Excomunição	Preceito na matriz	Preceito na capela	Rezas	Outras orações
577	Homens 211 Mulheres 368 Total 579	Homens 17 Mulheres 28 Total 45	Homens 91 Mulheres 112 Total 203	Homens 21 Mulheres 23 Total 44	Homens 7 Mulheres 11 Total 18	Homens 10 Mulheres 16 Total 26	Homens 7 Mulheres 20 Total 27	Preceito na matriz Preceito na capela		Na matriz Na capela	Homens Mulheres De que religião?

CATECHISMO

Entre os sete	Na matriz	Na capela	Na estradas	Na estradas	Total	Mas	Na e fora da sede	1.ª comunhão solenes	1.ª comunhão privada	1.ª comunhão em capela
1	3	5	32	34	64	Homens Mulheres	5.ª comunhão 6.ª comunhão	Homens 7 Mulheres 17	Homens 5 Mulheres 7	Homens Mulheres

Estatística do registro civil e das escolas publicas (para confronto)

Casamentos civis		Registro de nascimentos		Registro civil de óbitos		Matriculados no grupo escolar		Matriculados nas escolas isoladas	
Na sede	Na estradas	Na sede	Na estradas	Na sede	Na estradas	Na sede	Na estradas	Na sede	Na estradas
36		318		237				70	60

Observações: Escor o mappa com a maior exactidão possível. - Não sabendo o numero exacto, dar aproximadamente e tomar apontamentos mais minuciosos no novo anno. Não sendo possível desta vez dar todas as informações pedidas, dar as menos o total.

O Vigário, Sr. Leopoldo

Anno de 19

Parochia de S. Rita da Letreima

BISPADO DE POUSO ALEGRE

POPULAÇÃO - MATRIZ

População total	Cathólicos	Protestantes	Espíritos	Varietas	Outros	População da sede (com os anexos)	MATRIZ (com os anexos)	Sacristão e Fabricieiro	Paróquia?
431	4211	177	43	7311	120	325	Profeta na porta nova	Sacristão José Gomes Coutinho Fabricieiro Sr. Joaquim José	Letreima

CAPELLAS - ASSOCIAÇÕES

CAPELLAS (Paróquia e bairros)	Religião da sede	CAPELLAS (Paróquia e bairros)	Religião da sede	ASSOCIAÇÕES (bairros)	1.º de associados	ASSOCIAÇÕES (bairros)	1.º de associados
Santa Cruz das Selmeiras 12 Fil.º	Síndade do Juncal 14 Fil.º	São João de Guayguayá 15 id.	São Sebastião de Santa Anna 15 Fil.º	Associação da Criança 302			
Associação dos Gordos 9 id.	São José dos Encantos 7 Fil.º	Santa Antônia de Simões 10 id.	Santa Cruz de Santa Maria 6 Fil.º	Associação de Meninos 293			
				Associação Santa			

BAPTISADOS

IMUL	Na matriz	Na capela	Na igreja	De seu município	De seu bairro	Entre de 7 anos	Escolas	Estados
297	235	62	"	145	152	1	3	"

CASAMENTOS

Real na Paróquia	Na matriz	Na capela	Em estado particular	Na igreja	Entre irmãos	Entre irmãos e estrangeiros	Entre estrangeiros	Entre católicos e não católicos	Com dispensa de impedimento	Com dispensa de proclamação	Legitimados perante a Igreja
69	64	3	1	1	62	5	"	"	7	6	6

MOVIMENTO ESPIRITUAL

Total da comunidade	Na matriz	Na capela	Na igreja particular	1.º comunhão	Votos	Entradas-egreja	Reuniões	Proporção na matriz	Proporção na capela	Encomendas	Comunhões recebidas
1.268	Homens 342 Mulheres 726 Total 1068	Homens 63 Mulheres 85 Total 148	Homens 49 Mulheres 87 Total 136	Homens 27 Mulheres 32 Total 59	Homens 13 Mulheres 16 Total 29	Homens 17 Mulheres 25 Total 42	Homens 15 Mulheres 16 Total 31	Associação de Meninos 26	Associação Santa	Associação de Meninos 26	Na matriz Mulheres De que religião? 4

CATECHISMO

Entre na sede	Na igreja	Catechistas	Bairros matriculados	Bairros não matriculados	IMUL	Médias	Bairros e horas da sede	1.º comunhões solenmes		1.º comunhões privadas	1.º comunhões na capela
								Quantos	Quantos		
1	3	6	43	49	92	Homens ... Mulheres ...	Quinta e No mes Associação de Meninos 1 de Maio Associação Santa	Sexo masc. 27 Sexo fem. 32	Sexo masc. ... Sexo fem. ...	Sexo masc. 9 Sexo fem. 16	

Estadística do registro civil e das escolas publicas (para confronto)

Casamentos civis		Registro de nascimentos		Registro civil de óbitos		Matriculados no grupo escolar		Matriculados nas escolas isoladas		Na sede das Escolas
Na sede	Na distribuição da paróquia	Na sede	Na distribuição da paróquia	Na sede	Na distribuição da paróquia	Na sede	Na distribuição da paróquia	Na sede	Na distribuição da paróquia	
81	"	335	"	184	"	88	"	69	41	Na sede das Escolas de São José, em número e frequência, com com- munição de 42 meninos e 37 meninas.

Observações: Encher o mapa com a maior exactidão possível - Não sabendo o numero exacto, dar aproximadamente, e tomar apontamentos mais minuciosos no novo anno. Não sendo possível desta vez dar todas as informações pedidas, dizer ao menos o total.

O Vigário, Sr. Joaquim José

Anno de 1924

Parochia de S. Rita de Ex. Arma

BISPADO DE POUSO ALEGRE

POPULAÇÃO - MATRIZ

Idade de populos (ultimo recenseamento)	Galileus	Enfantes	Esportos	Juvenis	Letras	Populos da sede (ultimo recenseamento)	MATRIZ (estado de conservação)	Sacristão e Fabricação	Paróquia:
1.633	7401	13	17	18	14	327	Sefito na parte nova	Sacristão José Gomes Coutinho Fabricação S.º Jerônimo	nao sem

CAPELLAS - ASSOCIAÇÕES

CAPELLAS (homens e mulheres)	Paróquia da sede	CAPELLAS (homens e mulheres)	Paróquia da sede	ASSOCIAÇÕES (homens)	N.º de associados	ASSOCIAÇÕES (mulheres)	N.º de associadas
Salvem-se Santa Cruz	12. Salometa	S.º da Sociedade de Jesus	11. Salometa	Apóstolos da Trindade	321		
Conceição dos Santos	7. id.	S.º São Antonio	14. id.	Confederação dos S.ºs	321		
S.º Boa dos Anjos	6. id.	S.ºs Sebastião de volta de terra	13. id.	S.ºs Santa	42		
Conceição do Carmo	6. id.	S.ºs Santa falta de comida	7. id.				
S.ºs de Jesus	7. id.	S.ºs São Joao e Santa Helena	5. id.				

BAPTISADOS

TOTAL	No matriz	Nas capelas	Na matriz	Na sede matriz	Na sede matriz	Entre de 1 anno	Delegados	Exatidão
285	231	54		130	155	4	2	

CASAMENTOS

Total na Paróquia	No matriz	Nas capelas	Em estado civil	Na matriz	Entre brasileiros e estrangeiros	Entre estrangeiros	Entre brasileiros e estrangeiros			
64					62	2				5

MOVIMENTO ESPIRITUAL

Total dos membros	No matriz	Nas capelas	No tempo parcial	1.ª comunhão	Vários	Extrema-unção	Reconciliação	Prégores na matriz	Prégores nas capelas	Encomendas	Comunhões coletivas
1.341	Homens 84 Mulheres 67 Total 151	Homens 57 Mulheres 43 Total 100	Homens 62 Mulheres 47 Total 109	Homens 40 Mulheres 27 Total 67	Homens 4 Mulheres 9 Total 13	Homens 11 Mulheres 15 Total 26	Homens 20 Mulheres 18 Total 38	Domingos e dias de festa	28	Na matriz Nas capelas	Homens Mulheres De que religião?

CATECHISMO

Curso na sede	No matriz	Catechistas	Entre matriculados	Entre matriculados	TOTAL	Mulheres	Idade e sexo da sede	1.ª comunhão elementar	1.ª comunhão privada	1.ª comunhão na capela
1	3	4	38	43	81	Homens Mulheres	Quarenta e duas S.ºs de Jesus	S.ºs de Jesus S.ºs de Jesus	S.ºs de Jesus S.ºs de Jesus	S.ºs de Jesus S.ºs de Jesus

Estatística do registro civil e das escolas publicas (para confronto)

Casamentos civis		Registro de nascimentos		Registro civil de óbitos		Matriculados no grupo escolar		Matriculados nas escolas isoladas	
No sede	Nas filiações de paróquia	No sede	Nas filiações	No sede	Nas filiações	Ses escolas	Ses escolas	Ses escolas	Ses escolas
42		344		185		1		77	41

Observações: Escher a mappa com a matricula, sendo possível. - Não sabendo o numero exacto, dar aproximadamente, e tomar apontamentos mais minuciosos no novo anno. Não sendo possível desta vez dar todas as informações pedidas, dar ao menos o total.

O Vigário, S.º Jerônimo

12. Ficha Técnica

EQUIPE TÉCNICA	
 <p>REDE CIDADE ARQUITETURA · URBANISMO · PATRIMÔNIO CULTURAL</p>	
Rua Major Lopes, 42 A CEP: 30.330-050 São Pedro BH MG. Tel: (31) 3282 1615 (31) 3221 2132 E-mail: redacidade@redacidade-ds.com.br	
Letícia Carvalho Assis CAU: A 26693-0	
Rafael Caldeira F. Pinto CAU: A 26695-7	
Responsável técnico pela elaboração	
Débora de Viveiros Pereira Bacharel em História pela PUC Minas, mestranda em Educação pela UFMG MG 14441090	
Responsável pela correção	
Letícia Carvalho Assis Arquiteta e Urbanista	